Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Nº 21106
ANO 62.º ~~II-2-12-106~~
Março 1983
Sexta-feira
18
20$00

REPORTAGEM

Madeira tem mais obras do que dinheiro

As onze Câmaras Municipais da Madeira têm um défice para o ano corrente calculado em dez milhões de contos. A situação difícil assim esboçada tem por pano de fundo uma dívida da Região à banca no valor de 12 milhões.

Os habitantes do arquipélago terão estado fascinados, durante todos estes anos, pelo ritmo impressionante que foi imprimido a numerosas realizações. O dinheiro nunca faltou para garantir as inaugurações de tanta obra no círculo fechado das duas ilhas.

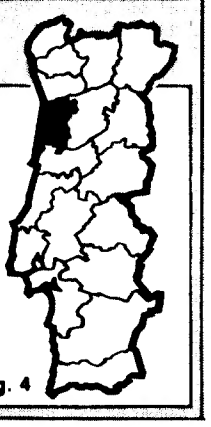
A torneira, porém, foi fechada, curiosamente pela mão de Cavaco e Silva. Tal facto poderá comprometer a popularidade de João Jardim e a concretização das promessas eleitorais.

Zita Seabra (PCP) foi às Minas do Pejão.

Uma deputada nas minas

Pág. 9

HOJE AVEIRO legislativas



Pág. 4

Portugueses em Espanha casam para manter postos de trabalho

Numerosos portugueses que trabalham na Vizcaya e outras zonas do país basco optaram pela nacionalidade espanhola ou por casar-se com espanholas, para adquirirem essa nacionalidade, e desse modo poderem manter os seus postos de trabalho, afirmava ontem o jornal diário socialista «Tribuna Vasca», de Bilbau. De acordo com diversas estimativas, deveria atingir quase meio milhar o número de portugueses que adoptouam pela mudança de nacionalidade no país basco, com receio de perder os seus lugares numa zona em que a crise económica e o desemprego crescem a um ritmo mais rápido do que no conjunto do país. A ausência de dados concretos e de estatísticas seguras, tornam difícil confirmar o número exacto de portugueses ou outros estrangeiros que tenham tomado aquela atitude. No entanto, meios da emigração espanhola julgam que alguns portugueses se naturalizaram, pelo menos nas Astúrias e em Madrid. Portugal contribui com 13,1 por cento dos trabalhadores estrangeiros que trabalham legalmente em Espanha, segundo dados fornecidos pelo Ministério do trabalho na semana passada. Estes números fazem com que os portugueses sejam, de longe, os trabalhadores estrangeiros mais numerosos em Espanha, seguidos dos alemães, com 9,6 por cento, e os ingleses, com 8,8 por cento. Fontes afectas ao Ministério do Trabalho afirmaram ontem que a sua intenção não era de adoptar medidas de expulsão maciça, como se pretendeu realizar recentemente em Gijón, mas pelo contrário tentar obter para os que trabalham legalmente no país um ambiente adequado e propício. Recorde-se, no entanto, que a Espanha é o país europeu que menos autorizações de trabalho tem concedido a estrangeiros, atingindo apenas o número de 65.000.

SORTEIO DO FUTEBOL EUROPEU

Benfica com romenos

"É o adversário ideal"
— declarou Fernando Martins

O Benfica defronta o Craiova (Roménia) nas meias-finais da Taça UEFA. O primeiro jogo realiza-se no Estádio da Luz (dia 6 de Abril) e o segundo a 20 do mesmo mês em Craiova.

— **É o adversário ideal** — declarou o presidente benfiquista Fernando Martins, que esteve presente no sorteio, realizado hoje num hotel de Zurique.

Na outra meia- final da competição, são oponentes o Andarlecht (Bélgica) e o Bohemians (Checoslováquia), com o primeiro jogo no campo do clube de Praga.

— **Acredito e aposto que a final será disputada pelo Benfica e pelo Anderlecht: e, como será realizada em duas «mãos», creio que conquistaremos o troféu nesta época de ouro do Benfica.**

Sorteio para a Taça das Taças: Aberdeen (Escócia)-Aterschei (Bélgica) e Áustria de Viena (Áustria)-Real Madrid (Espanha).

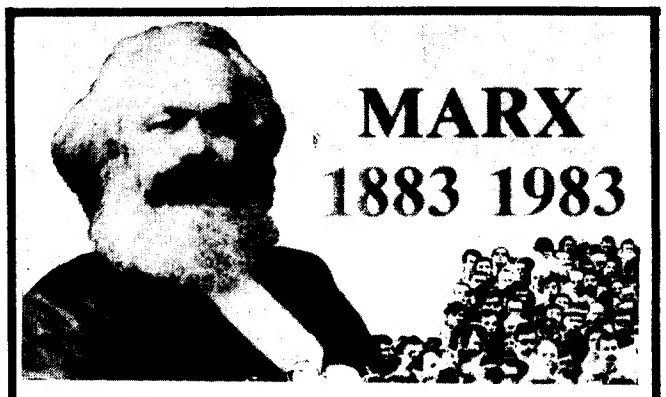
Meias- finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus: Real Sociedad (Espanha)-S.V. Hamburgo (RFA); e Juventus de Turim (Itália)-Widzew Lodz (Polónia).

Mota Pinto ao "DL"

"Não damos aval a direcção presidencial da vida política portuguesa..."

«Em Montechoro houve uma exigência de substituição imposta pelas bases do partido. Montechoro funciona como um separador» – afirma, em entrevista ao «DL», o prof. Mota Pinto, líder do PSD.

Para além do Congresso e de uma enorme confiança num «sucesso eleitoral», Mota Pinto refere-se particularmente à situação económica. Abertura da Banca e dos Seguros ao sector privado é defendida pelo prof. Mota Pinto. Também uma aposta constante no «self-made man» por parte de Mota Pinto? «A competição é que vai gerando as pessoas que são eficazes». Alianças, próximas eleições presidenciais são também questões abordadas ao longo da conversa com o dirigente social-democrata. As relações institucionais com o Presidente Eanes? Mota Pinto – mandatário nacional de Soares Carneiro – entende que elas devem decorrer «segundo a Constituição» mas que não pode dar-se «aval à direcção presidencial da vida política portuguesa». **Pág. 5**



MARX
1883 1983

MARX
e o Movimento Operário Português

☐ Cesar Oliveira
☐ Fernando Piteira Santos
☐ Emídio Santana
☐ António Reis

UEDS

Dia 18 de Março / 21.30 h. — ENTRADA LIVRE
HOTEL PRAZA — Travessa do Salitre, 7 — Lisboa
UNIÃO DE ESQUERDA PARA A DEMOCRACIA SOCIALISTA

Assembleia de Freguesia de Moscavide

(Moção aprovada na sessão de 14-3-1983)

EDITAL

MOÇÃO

1 — Considerando que a participação activa dos jovens integrada na luta do Povo Português teve aspectos bastante relevantes pelo desmascaramento e derrube da ditadura que Governava Portugal antes do 25 de Abril.
2 — Considerando que a Revolução Militar de 25 de Abril, que permitiu ao Povo Português readquirir a liberdade e a democracia, teve uma participação bastante saliente de jovens.
3 — Considerando que nos últimos 3 Anos de Governo AD, a Juventude e o Povo Português em geral sofreu na pele o aumento brutal do custo de vida.
4 — Considerando que os despedimentos e os contratos a prazo afectam em especial a Juventude, e que a procura do 1.º emprego por milhares e milhares de jovens, é cada vez maior.
5 — Considerando que nos locais de trabalho, a discriminação sobre as jovens se acentua cada vez mais.
6 — Considerando que a falta de instalações escolares afecta muitos milhares de jovens estudantes.
7 — Considerando que a formação profissional é inexistente e o acesso à Universidade se torna cada vez mais difícil.
8 — Considerando que a falta de habitação é uma necessidade sentida por milhares de jovens casais.
9 — Considerando que os diversos Governos AD nada fizeram pela juventude Portuguesa.
10 — Considerando que no próximo dia 28 de Março se celebra mais um dia Nacional da Juventude.

A Assembleia de Freguesia de Moscavide, reunida em 14 de Março 1983, decide:

A. Saudar todos os jovens da nossa Freguesia e de todo o País, na passagem de mais um dia Nacional Da Juventude.
B. Manifestar o seu apoio à luta de todos os jovens deste País, contra todas as discriminações de que são alvo.
C. Apoiar quaisquer iniciativas a efecutar na nossa Freguesia que vosem a Comemoração do Dia Nacional da Juventude.
D. Congratular-se pela marcação das Eleições para 25 de Abril, data Histórica da luta do nosso Povo, em que a Juventude teve papel preponderante, esperando que daí saia um Governo Democrático que defenda os interesses da Juventude e do Povo Português.
E. Que esta Moção seja divulgada através de Edital (a colocar nos locais habituais da Freguesia) e dos Órgãos da Comunicação Social.

MOSCAVIDE, 14 DE MARÇO DE 1983

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Explicar Hitler hoje

Alfred Grosser Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

Mesmo no que diz respeito a Danton e Robespierre a serenidade é difícil, de tal modo a apresentação do passado, a explicação do passado, ferem a sensibilidade do presente, servem de argumento — justificativo ou agressivo — no debate político do momento presente. Para Hitler que há cinquenta anos, no dia 30 de Janeiro de 1933, se tornou chanceler, o desprendimento ainda se torna evidentemente mais inacessível, quer se trate do desprendimento intelectual do historiador ou do não-desprendimento entre a tragédia de ontem e os debates e perturbações da actualidade.

SIGNIFICA isto que a análise dos factos e das causas é impssivel? Pelo contrário: pode dar-se, deve mesmo dar-se prioridade à rectificação das deformações deliberadas e interessadas propagadas por ocasião do triste aniversário. Duas delas, uma da direita, outra da esquerda, têm um alcance político especial, principalmente na Alemanha.

No nacional-socialismo há socialismo. Não é de espantar. Socialismo e liberdade são incompatíveis já que o socialismo quer controlar o livre jogo da economia liberal. A esta argumentação que há anos corre através dos amigos de Franz Josef Strauss, basta opor-se um facto simples. No dia 23 de Março de 1933, a Assembleia Nacional o Reichstag vota uma lei que dá ao governo de Hitler o poder de legislar sem parlamento e sem ter em conta a Constituição, incluindo os seus artigos que fixavam direitos e liberdades. É-lhes necessária uma maioria de dois terços, Obtem-na graças ao voto de todos os partidos que se reclamavam da economia liberal — centro católico, liberais e populistas bávaros. Na ausência dos deputados comunistas cujos mandatos tinham sido anulados, só o partido social-democrata se atreve a votar contra, invocando os princípios do socialismo e da liberdade.

O partido comunista foi o primeiro a ser perseguido? Decerto. E é útil recordar na República Federal a fórmula do seu presidente, Walter Schell, ao dirigir-se em 1976 aos historiadores: *Ainda não viram que não se pode compreender a RDA se não se tiver nenhuma ideia da resistência comunista contra Hitler?* Simplesmente, nem por isso se pode passar adiante de outra deformação, de que a RDA, o PC da Alemanha Federal e também o PCF se servem hoje, com o apoio de intelectuais e militantes socialistas e sindicalistas, para utilizar 1933 como exemplo e justificação da luta antifoguetões de 1983: não, o partido comunista de Weimar não se fez o defensor da democracia; ele não procurou uma reunião antifascista de defesa republicana. Pelo contrário, de 1928 a 1933 e por ordem do Komintern, denunciou constantemente os sociais-democratas como fascistas, e ajudou o nacionalismo, rivalisando com Hitler na denuncia das «abdicações» dos partidos no poder, entre eles o SPD.

O antifascismo não é uma noção científica. É um conceito idelógico e político cuja utilidade foi selar uma aliança contra o horror nazi, mas que também serviu para dar uma definição restritiava da democracia. Assim, no início do preâmbulo da nossa Constituição de 1946, preâmbulo mantido em vigor pela de 1958, pode ler-se: *Logo depois da vitória conseguida pelos povos livres sobre os regimes que...* Vitória antifascista comum com a URSS? Decerto. Mas a URSS sistema político de um povo livre? O mesmo abuso de palavras surge hoje em muitas reuniões, de artigos e de exposições alemães comemorativas do 30 de Janeiro de 1933.

Fascismo e nazismo

Mas a noção de fascismo não estará no centro da explicação do fenómeno nazi? Sejamos heréticos e respondamos categoricamente com a negativa. Fazendo

antes de mais uma pergunta simples à qual é difícil responder: que quer dizer «explicar Hitler?» Mostrar como ele se tornou chanceler: fazer compreender como ele passou do poder ao poder absoluto e depois ao poder totalitário; pôr à luz os mecanismos que levaram à guerra e às suas dezenas de milhões de mortos, e a Auschwitz, aos extermínios maciços de judeus, de polacos, de russos, de ciganos. Explicar Hitler é tudo isso. Ora estes diferentes aspectos da explicação não pertencem necessariamente aos mesmos encadeamentos. A abdicação dos partidos, dos sindicatos, das Igrejas, não implicava as câmaras de gás. O partido único e o apelo às massas também não os explicavam.

Sim, Hitler inspirou-se em Mussolini. Sim, o culto de chefe, a exaltação da nação humilhada, o populismo a um tempo antimarxista e anticapitalista eram comuns ao fascismo italiano e ao nacionalismo socialismo. De tal modo que alguns contemporâneos se enganaram terrivelmente, em primeiro lugar PIO XI, que julgava que a concordata assinada com Hitler em Julho de 1933 daria à Igreja católica, ao preço de uma lamentável legitimação do regime, as mesmas vantagens do acordo de Latrão com Mussolini.

Mas o que faz o horror do nazismo, o que faz a sua espantosa especificidade, é aquilo que o distingue do fascismo italiano. Mussolini queria-se senhor absoluto do Estado. Para Hitler, o Estado não passava de um instrumento ao serviço da raça e uma ferramenta para a guerra da conquista. Logo em 3 de Fevereiro de 1933, ele expõe aos chefes da Reischswehr que se trata de conquistar espaço a Leste e de o *germanizar impiedosamente*. E todos os documentos mostram que o antisemitismo não era um simples instrumento táctico mas um ingrediente fundamental do seu pensamento delirante, mesmo que a eliminação não significasse de chofre o extermínio.

Para mais, a sua concepção do poder sobre os espíritos, de uma posse completa de corpos e almas — concepção esta que ele e o partido não tiveram tempo de aplicar por completo — é muito mais fácil de definir a partir da noção de totalitarismo do que baseando-se na categoria «fascismos» que englobaria também Franco e Peron.

Conceitos empobrecedores

O melhor ainda é afastar os conceitos globalizantes, logo empobrecedores, visto que os encadeamentos causais são múltiplos e raramente necessários. Uma tradição ideológica alemã (anti-semitismo ou submissão à autoridade)? Decerto, mas sem a crise económica, outras tradições, igualmente alemãs, tê-la-iam vencido. A crise como causa? Necessária, sem dúvida alguma, suficiente decerto que não: a mesma crise de um sistema capitalista análogo «produziu» em 1932-1933 Roosevelt e o **New Deal,** porque a situação internacional, institucional, cultural, dos Estados Unidos, não era a mesma que a da Alemanha.

Impossível a ascensão de Hitler ao poder sem o apoio dos grandes da economia capitalista? Decerto, embora o apoio da maioria deles só no último instante tivesse sido dado. Mas eles julgavam, erradamente, tal como os seus inimigos marxistas, que o poder económico permite derrubar o poder político, ignorantes dos poderes do terror e da propaganda. No tempo de Hitler, Krupp continuou a ganhar muito dinheiro? É certo, mas, uma vez mais, não é o dinheiro de Krupp que anuncia o horror!

Não há ascensão nem manutenção no poder sem um forte apoio popular. Mas é preciso lembrar em França que, durante as últimas eleições que propunham uma escolha, no dia 5 de Março de 1933, quando Hitler era chanceler e a violência repressiva já reinava, o partido nacional socialista só obteve 43,9% dos votos. Deve também dizer-se que os arquivos mostram que o entusiasmo foi sempre mais limitado do que se disse e se julgou. O que é necessário explicar é antes a incrível submissão até ao fim do desastre. Uma submissão, no entanto, mais completa, do que se quis crer em França, onde ainda esquecemos muitas vezes que os campos de concentração foram criados para os alemães e que centenas de milhares deles já aí tinham sofrido, depois de 1933, antes da chegada dos primeiros deportados estrangeiros.

Uma submissão consentida, no entanto, desde o início, pela maior parte das grandes organizações. A recordação mais lamentável do 30 de Janeiro é o do comportamento medroso e absurdo que dominou os meses que se seguiram à ascensão de Hitler à chancelaria. Os socialistas deixaram que os comunistas fossem perseguidos; o partido católico não defendeu os socialistas internados; a poderosa central sindical prestou homenagem a Hitler no dia 1 de Maio, o que não impediu que fosse dissolvida logo no dia 2. E houve mesmo judeus ricos que procuraram dirigir o anti-semitismo nazi contra os «Pollacks», judeus pobres vindos do leste.

Uma confrontação difícil

Na República Federal, a destruição da República de Weimar é, há mais de dez anos, objecto de uma confrontação difícil. Para evitar a destruição de uma democracia é preciso matar no ovo os inícios dessa destruição. Mas que inícios? Os de um extremismo que nega o pluralismo e a democracia liberal? Os de um Estado que restringe o exercício das liberdades, mesmo que o faça em nome da Liberdade? Outro debate adquiriu hoje certa importância: a queda de Weimar não foi devida a um conjunto de dados institucionais. As próprias instituições de Bona têm vestígios dessa interpretação: dissolução quase excluída porque o êxito de Hitler surgiu depois da dissolução de 1930; poderes quase nulos para o Presidente da República porque Hindenburg tinha verdadeiros poderes; cláusula de 5% para que as proporcionais não tornassem impossível a estabilidade do Governo. Agora, a campanha para as eleições de 6 de Março de 1983 situa-se sob o signo do possível bloqueamento do sistema parlamentar através de uma ingovernabilidade weimariana (que, de resto, só existiu em Weimar a partir de Julho de 1932).

Na verdade, a comparação central devia ser outra. Se a democracia de Bona pareceu legítima aos seus cidadãos quando a de Weimar viu, desde a origem, a sua legitimidade contestada, isso deu-se principalmente porque a República de hoje teve a sorte de nascer em 1949 e não em 1945: o «milagre económico» começara, e tivera início o crescimento internacional, ao passo que a Constituição de Weimar viu o dia ao mesmo tempo que a paz ditada de Versailles e no início de uma crise económica.

Em 1983 a República Federal da Alemanha vê-se pela primeira vez confrontada com o desemprego e também com a perturbação dos espíritos acerca do caminho internacional a seguir. Ela vai ter que mostrar que a lição de 20 de Janeiro de 1933 foi aprendida e que a democracia pluralista está solidamente instalada nas instituições e nos corações. Não há razão para crer que não o consiga, pelo menos tão bem como a sua vizinha francesa.

política de A a Z

Conteúdo e limites da campanha eleitoral

A apresentação dos programas do PSD (em Lisboa) e do PS (no Porto), sejam quais forem as simpatias pessoais e actuais do leitor e sejam quais vierem a ser as suas opções de voto, concorreu para imprimir uma conformação clara à consulta eleitoral que, para renovar a Assembleia da República, terá lugar no dia 25 de Abril. É evidente que, nas próximas eleições legislativas, o CDS e o PCP serão, pela lógica eleitoral e por inelutáveis determinantes sociológicas, de os quatro grandes, os partidos menos favorecidos. Não há «voluntarismo» que vença estes condicionamentos objectivos. E é em razão deles que se nos impõe raciocinar. De resto, sem prejuízo, como veremos, da importância dos lugares cimeiros, não será indiferente saber que partido alcança o terceiro lugar, e que partido alcança o quarto lugar, na representação parlamentar.

Mas se o problema, enquanto ao terceiro lugar e ao quarto lugar, fica aberto, sendo previsível um resultado favorável à APU, a dinâminca da campanha, mais do que os programas enunciados porá em disputa os dois lugares cimeiros entre os dois partidos sociais-democratas: o PS que promete desembaraçar-se do passado «marxista» e o PSD que insiste na vocação social-democrata.

Claro que a definição ideológica, no caso do PS e no caso do PSD, são um aspecto formal e exterior de uma questão mais importante: caçar votos. Sabermos que, eleitoralmente, da «ideologia» se faz leilão: do «Socialismo» no caso do PS, da «social-democracia» no caso do PSD. O que importa é delinear e propor um «programa de governo» aliciante, que Mário Soares consegue enunciar em termos democráticos, e que no discurso provinciano de Mota Pinto, se reveste de acordes tradicionais, ordeiros, reaccionários. Se o de Mário Soares é um «discurso de gestor da crise», o de Mota Pinto é um «discurso de restaurador da ordem». O discurso «socialista» de Mário Soares é só «reformista»; o discurso «reformista» de Mota Pinto é só «restauracionista».

Na língua que fala, sem gosto o dizemos, o professor doutor Mota Pinto, no estilo coimbrão que era o do outro e é o dele, fez um clássico «discurso de direita». Faz o discurso à **direita** *de Lucas Pires. E na sua (aparente) improvização, com uma liberdade de expressão que é apenas a defesa de um pensamento de voo curto, o discurso de Lucas Pires vai ganhando espaço político e clientela eleitoral, na margem esquerda de um PSD, irremediavelmente órfão,*

Pelo contrário, Mário Soares marginaliza, com surpreendente facilidade, as «oposições do interior do partido»; utiliza tacticamente os ataques do PCP para justificar uma demarcação política, eleitoral e eventualmente governamental; cavalga o corcel do anticomunismo para se exibir no terreno em que Mota Pinto é concorrente; oferece os seus préstimos nacionais à burguesia nacional; anuncia o seu propósito de favorecer a entrada na Europa e a permanência no Tratado do Atlântico Norte.

Resta a Mota Pinto, seu directo concorrente, com a herança de Sá Carneiro por Francisco Balsemão desbaratada, cercar Lucas Pires, pela «direita». O que é, não tenhamos dúvidas, fazer o jogo de Mário Soares. O «cerco» de Mota Pinto é favorável ao PS; será a promoção eleitoral do PS.

Neste momento, o Partido Socialista está condenado a bater, ou a aproximar-se dos resultados do PSD, pela política «conservadora» do PSD-Mota Pinto. A «troika» ordeira e bizarra é um potencial aliado do PS.

A coerência da luta contra a «direita» imobiliza a «esquerda» relativamente à componente PS. A **crítica do PS** *nunca poderá ser mais do que «crítica da direcção do PS». Os militantes e eleitores «socialistas constituem uma volumosa corrente política e eleitoral que se inscreve, como força actuante e como força eleitoral, no campo democrático. As transigências, concessões e negociações da direcção do PS, não podem inviabilizar a convergência política e a unidade na acção dos socialistas (membros do PS), dos outros socialistas, e de muitos democratas. Porque se trata, neste plano, de uma convergência objectiva, histórica.*

É irrelevante, no plano prático, discutirmos se a recusa unitária do PS é, ou não é, favorável a **esta direita.** *O que importa, fundamentalmente, é considerarmos se o Partido Socialista é livre na sua actuação política e governamental, confrontado com resultados eleitorais que o responsabilizem pelo Governo e pela institucionalização da Democracia.*

Sem renegar a sua tradição de partido de trabalhadores (embora orgânica e ideologicamente interclassista), o Partido Socialista não poderá comprometer-se numa política de «ordem», de «estabilidade» e de «restauração». E para continuar a merecer o diálogo e o apoio das camadas laboriosas não poderá deixar de se demarcar nitidamente das posições do PSD-Mota Pinto.

Receitas de «salvação» – cada qual terá as suas. A cada partido o seu elenco de medidas para deter a crise, para vencer a crise. Mas o Partido Socialista não poderá vencer a crise **contra** *os trabalhadores e o discurso programático de Mota Pinto não lhe permite supor que vencerá a crise* **com** *os trabalhadores.*

Sem renegar o discurso ordeiro, Mota Pinto não se poderá apresentar no PS como interlocutor para constituir o «consenso» que concretize o «bloco central»; e o PS não poderá aceitar o «bloco central» com o PSD-Mota Pinto sem, automaticamente, se colocar contra as classes trabalhadoras. O «bloco central» é para Mota Pinto a sobrevivência política, é para o Partido Socialista o suicídio político.

Porque há partidos que se suicidam, que desistem, que se dissolvem, no mar revolto dos acontecimentos. Basta pensar na República que tivemos. E não há razão, se sabemos ler e pensar, para repetir os erros, as superstições, as abdicações, as renúncias. Os programas eleitorais são bandeiras frágeis. Convoquemos os homens, exijamos-lhe que pensem, que, na prática, cumpram.

A Democracia portuguesa não precisa de tutores. Precisa de defensores.

ponto a ponto

TREZE embarcações portuguesas foram apresadas por unidades do Comando Naval do Continente, de acordo com um balanço da actividade deste organismo, divulgado pelo Estado-Maior da Armada.

Os apresamentos, resultantes da inspecção de cerca de cinquenta embarcações, tiveram sobretudo origem em casos de pesca em área proibida e com uso de artes ilegais.

As unidades dependentes do CNC procederam, no mesmo período, a transportes de material para as Regiões Autónomas e acções relacionadas com a presumível poluição das águas portuuesas por navios de outras nacionalidades, nomeadamente do «Louredo» e do «Acudia», de Espanha.

O balanço refere operações conduzidas por mergulhadores da Armada e de inactivação de material de guerra detectado em águas do porto de Lisboa.

O presidente do Governo Regional açoriano, Mota Amaral, preside sexta-feira na Horta à cerimónia de encerramento da Terceira Semana de Pescas dos Açores – anunciaram hoje fontes oficiais.

O seminário, iniciado segunda-feira na cidade da Horta (Faial), visa, essencialmente, a formação de pescadores açorianos.

Participam na Terceira Semana de Pescas, promovida pela Secretaria da Agricultura e Pescas dos Açores, cerca de meia centena de pescadores de várias ilhas e quinze conferencistas.

LOPES CARDOSO, primeiro-secretário da UEDS, partiu para Paris, para participar num colóquio organizado pelo «Forum Internacional por uma Política Social e Económica», subordinado ao tema «Sair da Crise».

Neste colóquio, a realizar de hoje a domingo, participam os ministros franceses da Investigação e Indústria (J. Pierre Cheeanement), do Plano (Michel Rocard) e da Economia e Finanças (Jacques Delors).

NO âmbito do ciclo de Conferências que o Centro de Reflexão Cristã tem vindo a realizar sobre a temática: «Mulher – Questões Actuais em Debate», irá realizar-se na próxima segunda-feira, dia 21, pelas 18 horas, na Rua Castilho, 61-2.°, mais uma Conferência dedicada ao tema: A Mulher e a Família. Esta conferência contará com a participação de Ana Braga da Cruz.

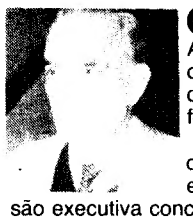
O chefe do Estado-Maior da Defesa do Canadá, general Ramsey Withers, que conforme foi noticiado se encontra de visita ao nosso país, deslocou-se ontem ao Comando Operacional da Força Aérea, em Monsanto, onde foi recebido pelo respectivo comandante, general Costa Gomes, após o que assistiu a uma exposição sobre a actividade operacional da Força Aérea, completada com uma visita às instalações daquele Comando.

O CDS aprovará, amanhã, o seu manifesto eleitoral que será divulgado no início da próxima semana, juntamente com o programa democrata-cristão, em conferência de Imprensa, informou uma fonte partidária.

Na reunião da comissão política de amanhã, proceder-se-á, também, à eleição do presidente da Comissão Governamental, informações sobre as próximas eleições legislativas e a análise da situação política.

O Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, desloca-se nos próximos dias 25 e 26 a Vila Real, Alijó e Mirandela, a convite dos respectivos presidentes municipais, apurou a ANOP junto do seu gabinete.

Em Vila Real, o chefe do Executivo vai inteirar-se de questões relacionadas com as infra-estruturas rodoviárias da região, em Alijó, entre outras cerimónias, procederá à inauguração de uma pousada, enquanto em Mirandela a sua presença está ligada a iniciativas locais que registaram o apoio do Governo.



O presidente do Conselho Nacional do CDS, Adriano Moreira, preside domingo a um almoço de convívio de simpatizantes, militantes e autarcas centristas do concelho de Vila Verde – anunciaram fontes democratas-cristãs de Braga.

A deslocação do dirigente do CDS ao distrito de Braga é promovida pela respectiva comissão executiva distrital, em colaboração com a comissão executiva concelhia de Vila Verde.

Neste concelho, Adriano Moreira efectuará uma reunião com os candidatos a deputados pelo círculo de Braga.

DESLOCA-SE amanhã a Figueiró dos Vinhos, o secretário de Estado do Fomento Cooperativo, dr. Bento Gonçalves, que ali vai assistir à assembleia geral da FICAPE – Cooperativa Agrícola do Norte do Distrito de Leiria.

Nessa assembleia geral serão apreciados o balanço, relatório e contas dessa cooperativa e serão também abordados assuntos de interesse geral para o movimento cooperativo.

A CONFERÊNCIA DA PAZ

«Propostas para afastar da Europa os perigos da guerra» e o movimento de defesa da Paz em Portugal (2)

Vasco Gonçalves

De 6 a 9 de Fevereiro último reuniu-se em Viena, sob a presidência de Sean Mc Bride (Prémio Nobel da Paz e Prémio Lénine da Paz) uma conferência internacional sob o tema «Propostas para afastar da Europa os perigos da guerra». A conferência foi promovida pelo Comité Internacional para A Segurança e Cooperação Europeia (CISCE), com sede em Bruxelas, e sob iniciativa do destacado lutador pela paz, cónego Raymond Goor.

A conferência reúne cerca de 250 participantes de trinta países da Europa, dos Estados Unidos e do Canadá.

De Portugal participaram: Como membros do Conselho Português para a Paz e Cooperação, o dr. Anselmo Aníbal, deputado, e o dr. João Falcato, médico; a convite do comité organizador, o dr. César Oliveira e o signatário destes textos.

Dos trabalhos da conferência decorreram claramente, numerosas e diversificadas conclusões como linhas de acção para o movimento contra a guerra, quer na Europa, quer nos Estados Unidos e Canadá, isto é: nos países signatários da Acta Final de Helsínquia.

Estas linhas de acção, tomadas por seu conjunto mostram bem que a validade do nosso mundo foi compreendida na sua totalidade, quando da análise dos problemas relativos à actividade concreta e à eficácia da luta pela paz. Vou ocupar-me, muito sumariamente, de algumas da conclusões relativas a acções a desenvolver que parecem ser particularmente aplicáveis a Portugal, dada a nossa vida política e económico-social e também a experiência adquirida pelo nosso povo ao longo do processo de democratização que se tem desenrolado depois que o Movimento das Forças Armadas derrubou o fascismo em 25 de Abril de 1974.

Vejamos, pois, alguns aspectos:

(1) Autarquias e poder local

A Constituição da República Portuguesa reconheceu o Poder Local como uma das bases fundamentais do regime democrático. As populações exercem este poder por meio das respectivas estruturas, que têm uma importante autonomia política e administrativa, e também por intermédio de estruturas populares de base, tais como, as comissões de moradores, reconhecidas na Constituição.

Conhecedor das grandes potencialidades do exercício do Poder Local, em Janeiro último o movimento de opinião «Não as armas nucleares em Portugal» decidiu: «ir mais ao encontro dos municípios, freguesias e outros órgãos do Poder Local e desenvolver esforços para a realização de acções em comum com eles, divulgar mais largamente os objectivos do movimento a nível local e iniciar um debate destinado a uma tomada de posição destes órgãos declarando não permitir a instalação, o estacionamento e o trânsito das armas

Continua na pág. 19

Aveiro•Aveiro•Aveiro•Aveiro•Aveiro•Aveiro

PS e PSD disputam a hegemonia num distrito social-democrata

Com cerca de 350 mil eleitores, Aveiro é o quinto distrito industrial do País e economicamente um dos mais fortes e de elevado rendimento «per capita». Apesar da sua indústria, não registar, por enquanto, um fenómeno proletário correspondente a esse desenvolvimento. E isto porque a maior parte da população que trabalha na indústria é também uma população de pequenos proprietários rurais, o que permite ao agregado familiar um rendimento relativamente elevado e um sentido da propriedade bastante acentuado. Por outro lado, a emigração faz entrar na economia do distrito importantes somas de dinheiro que têm proporcionado grande desenvolvimento, sobretudo no domínio da habitação. É por estas razões que a esquerda encontra aqui grandes dificuldades de penetração, embora lentamente se vá implantando.

Possui, todavia, tradições democráticas que os fenómenos de caciquismo não destroem. Porém os sectores mais progressistas acabam por ser estratos das classes médias, quadros, empregados de serviços e outros.

Uma análise do comportamento do eleitorado desde 1974 até agora permitirá caracterizar o distrito de Aveiro como um distrito social-democrata. O PS possui, todavia, uma forte implantação à qual não tem sido estranho o prestígio de alguns dos seus dirigentes locais.

O PSD será o partido maioritário mas, no novo cenário político que se apresenta, sem AD, os socialistas podem muito bem tornar-se a primeira força no distrito. Desde as primeiras eleições, em 1975, o eleitorado do PS mantém-se relativamente estável, na ordem dos 100 mil votos, apresentando no entanto quebras espectaculares para as eleições autárquicas. A AD no seu conjunto tem subido gradualmente, quer em número de votos quer em percentagem, mas a situação poderá ter mudado substancialmente.

Quanto à APU, passou de 9933 votos em 1975 para cerca de 26 mil em 1982, recuperando eleitorado em relação a 1980, em que teve uma baixa de quase 3000 votos. Só em 1979 elegeu o seu primeiro deputado.

As próximas eleições vão decorrer sob grande expectativa, sendo muito difícil prever como se vai comportar este eleitorado, caracterizado pela sua estabilidade.

Luta PS-PSD

A grande batalha vai travar-se entre o PS e o PSD, que disputam entre si o lugar de primeira força política. Os socialistas apontam para a eleição de 6 deputados, ou seja, mais um do que nas últimas legislativas. A concretizar-se este objectivo, para o qual serão necessários cerca de 8 mil votos, este sexto deputado deverá sair dos partidos da AD.

Orlando Cruz, responsável distrital do PS em Aveiro, um homem da geração de Coimbra de que saíram muitas figuras que ocupam hoje lugares de primeiro plano na cena política portuguesa, afirma-nos que, apesar de tudo quanto se tem dito, o PS não teve a nível interno grandes problemas no distrito de Aveiro.

Carlos Candal, um nome de grande prestígio, não será candidato, mas estava proposto para cabeça de lista sem contestação e só não entrou – afirma aquele dirigente – por solidariedade com os elementos do ex-secretariado, mas estará envolvido na campanha eleitoral.

Assim, o primeiro candidato da lista do PS é o dr. Frederico de Moura, médico de Vagos.

Para o dirigente Orlando Cruz, as anormais descidas do PS nas eleições autárquicas explicam-se por fenómenos de caciquismo local, pressões de empregadores e donos de terras, etc.

«Em certas zonas do distrito os socialistas têm dificuldade de acesso ao emprego e conhecem-se casos em que militantes socialistas, antes de serem admitidos, foram alvo de informações solicitadas a presidentes de Juntas».

Os concelhos da Mealhada, Aveiro, Espinho, Vila da Feira, Ovar e Castelo de Paiva são aqueles onde os socialistas têm maior implantação eleitoral. Vila da Feira, só por si, elege um deputado ao PS. Apesar de tudo os socialistas têm uma presença relativamente homogénea no distrito com excepção dos concelhos de Vagos, Murtosa, Oliveira do Bairro e Sever do Vouga.

Carlos Candal: não será candidato (PS)

Zita Seabra: segurar o lugar da APU

Ângelo Correia: uma votação maciça...

Até que ponto o PS poderá beneficiar do desgaste da AD e dos seus partidos?

«As pessoas estão descontentes com o Governo AD, apesar das tentativas destes partidos lavarem a cara à última hora, comenta Orlando Cruz. «Foram os congressos e as mudanças de pessoas. Mas considero que o eleitorado de Aveiro é um eleitorado esclarecido e continuar a votar AD é continuar no «status quo» com perigo da situação se degradar de dia para dia».

Mas será que as pessoas compreendem mesmo isso? Orlando Cuz pensa que sim, e que fundamentalmente os pequenos e médios comercisntes foram os mais afectados são os que mais sentem os problemas, e muitos encontram-se numa situação de ruptura. Está convencido também que desta vez o PS tem possibilidades se não de ultrapassar, pelo menos de igular o PSD, e que as mudanças operadas no PSD não terão influência no eleitorado.

«O que eles fizeram foi dar uma sensação de renovação e aparecer de cara lavada, mas as pessoas são as mesmas».

Nem mesmo Mota Pinto introduz dados novos no campo social-democrata?

«Penso que tem algum prestígio em termos das bases, mas esse prestígio não se projecta nos eleitores. É conhecido pela classse política mas não é uma pessoa com implantação popular».

O PS pensa ganhar votos especialmente ao PSD, mas admite que também se verificará o voto útil de eleitores da APU no PS.

«Penso que a APU vai perder o deputado que tem em Aveiro. Primeiro, pela tendência que se está a verificar no eleitorado, já demonstrada nas autárquicas. Considero o eleitorado da APU mais fixo que o do PS, mas mesmo assim a APU perderá votos. Por outro lado, penso que o Vital Moreira é uma pessoa difícil de ser substituída no distrito de Aveiro, apesar do prestígio que a Zita Seabra também tem a nível nacional. Mas por mim prefiro ver a direita perder deputados em lugar da APU».

Orlando Cruz afirma que a campanha do PS apresentará como inimigo principal a AD e os seus partidos.

«A fuga de muitos votos nossos nas últimas eleições para a AD foi uma tentativa de certas zonas menos definidas do nosso eleitorado fazerem uma experiência nova. Já viram que se enganaram redondamente e sentem-no nas condições precárias do seu nível de vida».

Eleger Zita Seabra e um segundo deputado

A APU apostou forte em Aveiro com a candidatura de Zita Seabra.

É um dos mais brilhantes deputados do PCP, mas em certas franjas APU afloram por vezes algumas apreensões quanto ao êxito da proposta. Todavia eleger um segundo deputado é também o objectivo daquela coligação.

Ramiro Silva, membro do secretariado distrital e do executivo da comissão eleitoral, considera que há uma evolução positiva no posicionamento da população.

«Ainda há uns dois anos, em diversas zonas do distrito, havia dificuldades para o PCP actuar, a propaganda era destruída e por vezes sucedia uma ou outra provocação. A nível global do distrito, esta situação está ultrapassada. A haver ainda provocações e dificuldades, só eventualmente em Fermentelos. Mas até aí se deram passos em frente».

Zita Seabra e Manuel Matos têm efectuado visitas e realizado minicomícios em diversos locais, principalmente junto de empresas e a receptividade tem sido boa segundo aqueles responsáveis.

«As pessoas fazem perguntas, recebam bem a nossa propaganda e até já a procuram mesmo. Praticamente já corremos todo o distrito. Considero haver uma receptividade muito boa aos próprios documentos e à discussão dos problemas. Isto demonstra que algo mudou.»

A que se deve essa mudança?

Na opinião de Ramiro Silva deve-se à actividade dos eleitos das autarquias, que proporcionou a abertura a um diálogo mais aberto com as populações.

Aveiro é no entanto um distrito ainda difícil para a APU, dadas as características da sua classe operária, que trabalha nas fábricas mas também no campo. Todavia, a implantação de certas empresas, como é o caso da Renault, começa já a produzir um novo tipo de operariado, uma classe operária nova, que já não está ligada à agricultura e aos problemas interiores que a posse da terra suscita.

Afirma também Ramiro Silva que se esperava que em consequência da candidatura de Zita Seabra, uma das principais protagonistas da discussão na AR do respectivo projecto de lei, a questão do aborto fosse muito abordada e servisse mesmo de pretexto especulativo, mas tal não sucedeu até agora.

«O que parece acontecer é que as pessoas compreendem esse problema, no fundo estão de acordo, mas não se sentem à vontade para o levantar publicamente».

Para além da eleição de dois deputados, a APU pretende subir 10 mil votos nestas eleições, que pensa recolher na área do PS, embora considere também que vai ter votos provenientes da área do PSD e do CDS.

«Temos dados muito concretos, até tendo em conta as condições em que as eleições vão decorrer e principalmente a constituição das outras listas. A lista do PS, com a ausência de Carlos Candal e de outros nomes é uma lista que muitos socialistas não sentem com capacidade mobilizadora e interrogam-se sobre a posição a tomar.

Em relação à lista do PSD põe-se a mesma questão. Ângelo Correia, o cabeça de lista não é de facto uma pessoa que transmita confiança às pessoas.»

Na verdade existe uma grande curiosidade entre os concorrentes do PSD em ver o tipo de campanha que Ângelo Correia irá fazer em Aveiro.

A campanha da APU será uma campanha de muitos contactos directos, «indo ao encontro das pessoas e não esperando que sejam elas a vir até nós».

Há uma grande esperança da APU em conseguir os seus objectivos, mas como encarar os recentes resultados verificados em Esmoriz?

«Eleições daquele tipo, em repetição, tendem a bipolarizar-se entre as duas forças que conseguiram o empate. Os votos que perdemos correspondem à abstenção, que atingiu 59,8 por cento»

PSD confiante

«Em Aveiro temos uma determinante histórica. O nosso partido implantou-se em todas as áreas. A social democracia foi bem recebida em Portugal e a nossa implantação mantém-se. As autárquicas vieram demonstrar que o PSD continua a registar a preferência dos eleitores deste distrito.»

Esta afirmação de confiança é do dr. Portugal da Fonseca mandatário distrital do PSD, que reivindica Aveiro como um distrito social-democrata «porque a proletarização não é acentuada, o que é uma das características da social democracia».

Este dirigenste, que afirma a existência de uma grande vitalidade da organização do PSD em Aveiro, está convencido que, apesar do desgaste do poder, o seu partido continuará a ter a preferência do eleitorado e continuará ali a ser o mais votado.

Considera influente no partido a existência de novos dirigentes, na medida em que «haveria uma certa desmotivação causada por uma pressuposta falta de dinâmica governativa».

«Mota Pinto tem uma imagem de maior dinâmica e houve a repescagem de muitos militantes e simpatizantes que estavam um pouco afastados e descrentes. Já temos um caso exemplar na freguesia de Esmoriz, no passado domingo, em que já houve uma transferência de votos do PS e do CDS para o PSD. Ali a grande derrota foi dos socialistas porque o eleitorado social-democrata do PS votou novamente no PSD pela confiança que lhe merece a nova direcção».

Colocado perante uma pergunta sobre os efeitos possíveis no eleitorado da candidatura de Ângelo Correia, o dr. Portugal da Fonseca diz que, por muito polémico que seja o eng. Ângelo Correia ele tinha tido uma votação maciça na comissão política distrital para cabeça de lista.

«Embora receba críticas de determindados sectores, como catalisador da opinião social-democrata no distrito é aceite. Da síntese dessa polémica vão resultar ganhos para o PSD, até porque o nosso povo gosta de opções bem definidas. E o eng. Ângelo Correia, apesar de algumas das suas decisões terem sido polémicas para o País, marcou o nosso eleitorado no bom sentido».

O responsável social-democrata explica alguns problemas surgidos na elaboração das listas por um excesso de concorrentes motivado pelo facto de algumas concelhias desejarem representantes seus nas listas.

Efeitos?

«É natural que determinadas figuras se vejam magoadas no seu dinamismo para a campanha, mas estou convencido de que uma vez esta iniciada todos os militantes se empenharão nela.»

O PSD tem como objectivo eleger mais um deputado e pensa que isso é realista. O dirigente social-democrata chama a atenção para o programa de governo que está a ser elaborado e que «é susceptível de vir a ser aceite desde os empresários aos trablhadores».

Considera também que o PS está numa fase demasiado optimista.

«Em momentos de crise as oposições em geral vencem, mas dada a experiência do PS no Governo, só ou acompanhado, o nosso povo não embandeirará com grande euforia numa votação maciça no PS. Até porque, no campo da economia, abstraindo a dívida externa, os indicadores económicos que a AD apresentou não são nada inferiores aos do PS, apesar do acordo que fez com o FMI.»

Em resumo, o dirigente social-democrata acredita que em Aveiro ficará tudo mais ou menos na mesma, com uma ligeira melhoria do seu partido.

CDS a pensar numa nova AD

O CDS considera-se preparado para o embate eleitoral no distrito de Aveiro e faz notar que elaborou uma lista de candidatos com pessoas cuja obra é conhecida não só no distrito como a nível nacional e que, para além disso, cobre todas as regiões do distrito.

O dr. Nunes Tavares, além de candidato, elemento com responsabilidades na campanha, salienta também o facto de as listas do CDS terem dado também aos trabalhadores a oportunidade de se verem representados no poder. É na qualidade de presidente da Federação dos Trabalhadores Democratas-Cristãos que entra nas listas.

«O trabalho que o CDS vier a fazer definirá os resultados», diz. Mas acredita que o seu partido pode obter uma votação muito significativa, embora reconheça que o PSD é maioritário no distrito.

Qual o discurso do CDS para esta campanha?

«Ninguém queira ouvir da parte do CDS ou de elementos das suas listas qualquer ataque pessoal a elementos de outras listas. Entendemos é que temos soluções para problemas e temos, fundamentalmente, um passado que nos dá legitimidade moral para falar ao eleitorado.»

Colocado perante os problemas resultantes da dissolução

Augusto Vilela

Continua na pág. 19

entrevista

MOTA PINTO

"A competição vai gerando os eficazes"

Dois homens se candidatam a **bisar** a função de primeiro-ministro: Mário Soares e Mota Pinto. Um deles, chefiará certamente, o Governo saído das eleições do 25 de Abril. Ambos tiveram ou têm um **contencioso** (oficialmente desmentido) com o Presidente da Repúbliea. Os dois estão aptos a unirem-se num governo de coligação...

Mota Pinto, uns chamam-lhe **professor de Coimbra,** outros entendem que ele tem a confiança do eleitorado de direita deste país. Ao longo desta entrevista, Mota Pinto deu o **tom** do que será a campanha eleitoral do PSD e o que pretenderia se os sociais-democratas liderassem de novo o executivo. Conhecedor da base social que o apoia, Mota Pinto, privilegia o «Self-made man», aquilo a que chamou da desproletarização.

«Era um homem de sucesso, era um self-made man, capaz de importantes decisões». Foi cartaz para a Eurovisão, agora é de novo a dinâmica do partido social-democrata. Resta saber se Mota Pinto, será isso mesmo: um homem de sucesso.

DL – Como é que reage quando lhe chamam «o professor de Coimbra. Considera isso como uma imagem negativa, mesmo pejorativa?

Mota Pinto – Bom, eu não quero fazer processos de intenção. As pessoas que utilizam essa fórmula podem ter as intenções mais diversas. Creio que isso tem impactos diferentes. Haverá quem faço disso uma conotação extremamente desfavorável, ligando isso ao dr. Salazar e haverá que, quem não tendo nada de salazarista ou a ver com regimes totalitários, reaja com uma conotação positiva, pela circunstância de ser referência a uma profissão. Objectivamente, melhor, pessoalmente, fico indiferente. É uma caracterização profissional, como as que vêm nos bilhetes de identidade.

DL – Falemos ainda do Congresso de Montechoro. O prof. Mota Pinto, desde então, tem privilegiado a Comunicação Social como apresentação ao eleitorado. Nos primeiros dias verificou-se um discurso justificativo de anteriores actuações políticas e só agora começa um discurso mais afirmativo...

M. P. – Quanto às minhas intervenções na Comunicação Social, elas processaram-se sempre em comformidade com as interpelações que me eram dirigidas. Não concordo em que tenha havido uma parte justificativa e outra afirmativa. Os profissionais de Comunicação Social entenderam que nos contactos que tinham comigo, as primeiras questões que me queriam dirigir, tinham a ver com acontecimentos do passado. Não foi da minha parte, uma atitude deliberada, foi pelo contrárion a resposta a um entendimento delineado pelos jornalistas...

DL – Encara isso como uma certa agrsssividade...

M.P. – Resultou daquilo que os jornalistas consideravam, certamente, mais adequado para eiucidadão da opinião pública. Não faço juízos de valor que atribua uma atitude pré-concebida, destinada a manipuiar ou a tratar as pessoas com que dialogam, de uma forma agressiva...

MONTECHORO É UM SEPARADOR

DL – Ainda falando no Congresso, o prof. Mota Pinto era o candidato apontado por quase todos, mas «sozinho». Foi o prof. Mota Pinto que escolheu a equipa com que queria trabalhar ou foi a equipa que o escolheu a si. Refiro-me à anterior Comissão Permanente que transitou toda para a nova Comissão Política?

M.P. – Eu escolhi os colaboradores mas sempre lhe digo que a Comissão Poltica teve uma grande renovação. Entrou a dr.ª Leonor Beleza, o prof. Vaz Portugal, o dr. Pais de Sousa, o dr. Montalvão Machado, o eng. Eurico de Melo...A Comissão Permanente bom, é lógico que numa data circunstância a Comissão Permanente permaneça. A Comissão Permanente é aquela que acompanha o dia-a-dia do partido, pode haver grande utilidade em haver maior estabilidade...

DL – Mas trata-se da mesma Comissão Permanente que acompanhou todo o trabalho do anterior presidente do Partido e que devia com ele, assumir as responsabilidades de um certo fracasso partidário e governativo.

M.P. – ...A Comissão Permanente tem fundamentalmente tarefas de acompanhamento do quotidiano e de carácter executivo, que é constituída por militantes prestigiados e com provas dadas. A sua lealdade ao partido não oferece nenhumas dúvidas, desde que haja um novo espírito, um espírito renovador, de ideias e de métodos, de personalidades...

DL – Basta, portanto, mudar de «chefe»?

M.P. – Não utilizaria uma palavra tão individualizadora, como a palavra «chefe» que rejeito, porque acho que os povos adultos, como é o povo português não devem fazer apelo a sentimentos eventualmente do subconsciente da necessidade de um «chefe». Basta, por vezes, um conjunto de circunstâncias, para implicar uma modificação de políticas, métodos e personalidades.

DL – Nesse discurso afirmativo a que faço referência é evidente a rotura com o passado recente do PSD, até mesmo como partido do Governo, com o tempo de liderança do dr. Pinto Balsemão?

M.P. – A nossa posição é muito clara. Obviamente que o partido social-democrata está no Governo, em coiigação do CDS. Não é justo imputar ao PSD aquilo que se entende por negativo na actuação do governo. É um governo de coligação com o CDS. Agora o PSD apresenta-se com listas próprias, assumindo integralmente a responsabilidade da realização das propostas que apresenta ao eleitorado. Acho que a componente social-democrata da AD tinha algum desgaste. Por isso é que Montechoro houve uma exigência de substituição, imposta pelas bases do partido. Montechoro, a meu ver, funciona como um separador claro entre uma fase que encerrou e uma fase que vai começar. Nós louvamos o patriotismo dos nossos companheiros que estão no governo que têm a missão ingrata de estar a preparar eleições. Mas uma coisa é o governo com a sua actuação, com os problemas que resolve e outra coisa é o Partido.

D.L. – Quando diz que o governo era de coligação e nem tudo se pode atribuir ao PSD, significa que o PSD na altura da formação do governo, fez um mau negócio e abriu mão de pastas de grande responsabilidade?

M.P. – Não, a Aliança Democrática foi portadora de uma endurance de vitória que não foi conseguido. A AD foi um projecto de mudança que introduziu uma dinâmica muito importante no país que o eleitorado confirmou...

DL – E quando é que a AD falhou?

M.P. – ...com os acontecimentos traumáticos da morte do dr. Sá Carneiro, e não ter sido possível aquela sintonia de uma maioria um governo é um presidente, criou dificuldades à condução da política preconizada pela AD. Toda a gente sabe e não se está a inventar nenhuma fábula, quando se diz que se

apanharam anos de crise económica internacional. Fala-se, com ironia, da subida do dólar, mas o facto é que o dólar subiu mesmo: valia 40 escudos em 1980 e hoje vale 90 e tal escudos. Ora isso significa, pura e simplesmente, que nós dantes, para comprarmos por hipótese, um barril de petróleo ou uma tonelada de trigo, tínhamos de vender X peças de pano, agora temos de vender mais do dobro...

SOCIAL-DEMOCRATA NA CHECOSLOVÁQUIA

DL – Falemos, então, do Manifesto Eleitoral. Refere aí a existência, no PS, de um marxismo-colectivista e, no CDS, e um autoritarismo conservador. Pode pensar melhor? Divide-os em tendências?

M.P. – O que dizemos é que em ambos esses partidos há componentes ou tendências nesse sentido. Qualquer desses partidos pode ser dominado por essa tendência...

DL – O que é ser social-democrata na Checoslováquia?

M.P. – Ser social-democrata na Checoslováquia, suponho eu, é combater a nomenclatura, a classe dominante, os novos detentores do Poder Absoluto, defender uma sociedade mais pluralista, mais liberdades democráticas, onde haja vários partidos, e no campo económico, haja uma economia mista, portanto, uma descolectivização.

Ora, no nosso país, vivemos numa sociedade, onde, do meu ponto de vista, temos um sector público com peso excessivo e há imensas atrofias em termos de sector privado. Nós defendemos a racionalização do sector público e um certo incentivo à iniciativa privada. Prioritariamente, se me perguntar, para resolver problemas de conjuntura, que solução? dir-lhe-ei: apoio à iniciativa privada que contribua para a exportação, no sector ligado à construção, pelos efeitos ecoómicos que provoca e ajuda, ao mesmo tempo, a satisfazer uma necessidade básica da população. Já mais a médio prazo, também a agricultura é um sector a desenvolver.

DL – Estas questões têm também a ver com um dos pontos do Acordos Global de Regime proposto pelo PSD, quando se fala da revisão constitucional e do programa do Governo. Por exemplo, a reprivatização da Banca e dos Seguros, a que o prof. Mota Pinto já fez referência, são algumas das intenções do PSD?

M.P. – Isso tem que ficar bem claro. Nós o que dfendemos é que se liberalize o acesso a sectores de actividade que neste momento está vedado à iniciativa privada. E isto não significa o desmantelamento do sector público...

DL – Não?

M.P. – Não, cria-se concorrência entre o sector público e o sector privado, e abre-se lugar para este, onde agora só há o monopólio do sector público. Repare: Banca, Seguros, Cimentos, Adubos, há empresas do Estado e estrangeiras, o que acho até pouco dignificante para os portugueses. Não há aqui nenhuma motivação para satisfazer interesses capitalistas. Há cidadãos portugueses, em Portugal, que podem querer correr riscos de investir em determinadas áreas. Há conveniência, do nosso ponto de vista, em que haja sector privado nestas áreas e os portugueses não podem ser pior tratados que os estrangeiros, na sua própria terra. Talvez estejamos a ser uma coutada do sector público e de multinacionais...

DL – O prof. Mota tem defendido tudo em nome do princípio constitucional da igualdade: acesso de portugueses e de estrangeiros. De qualquer maneira, e apenas como raciocínio, poderia ser também vedado o acesso dos estrangeiros a essas áreas económicas, não é?

M.P. – Pode haver quem pense assim. Nós pensamos o contrário. Como nós não defendemos a colectivização da economia, mas o equilíbrio entre o sector público e o sector privado, os portugueses devem ter acesso, tal como os estrangeiros, a esses sectores...

DL – Mas neste momento, há grupos económicos em Portugal, com capacidade financeira para terem acesso a sectores como a Banca e os Seguros? Quem são esses portugueses?

M.P. – Está com uma perspectiva extremamente fechada nesta matéria. Quando nós acreditamos nas virtualidades da inciativa privada coordenada pelo Estado, e não estamos aqui a defender o capitalismo selvagem. O Estado tem de ser sempre o coordenador e intervir, quando houver necessidade de ajustes ou o interesse geral estiver a ser prejudicado. Mas nós entendemos que a competição é que vai gerando as pessoas que são eficazes. Não podemos dizer, à partida, que são estes ou aqueles. O funcionamento do sistema é que revela os capazes. Uma abertura pode fazer surgir uma nova geração de empresários e de cidadãos capazes de levar empresas privadas a níveis elevados de produção que, com a coordenação do Estado, aproveite a todos os portugueses.

DL – Não está a defender as teorias económicas do Friedman?

M.P. – Não é nada disso, se eu lhe estou a dizer que defendemos o equilíbrio entre sector público e sector privado. Não se pode dizer previamente quem são os eficazes...

DL – Não acha que a reprivatização da Banca pretende ter mais efeitos «pedagógicos», do ponto de vista do PSD, que propriamente eficácia?

M.P. – Fala muito em reprivatização, mas eu não lhe estou a falar em desmantelamento da Banca Púbiica existente. Estou a falar-lhe de, ao lado dela, poder existir a Banca Privada. Falamos de investidores institucionais, grandes entidades que dispõem de somas elevadas e que sendo do sector privado, podem aplicar essas verbas no desenvolvimento económico, mais eficientemente. Enquanto essas entidades são públicas, a nosso ver, não são eficientes e mesmo quando têm lucros, e os invistam, isso significa sempre e só, um maior alargamento do sector público. Por outro lado, há o caso dos estrangeiros, de perfeita desigualdade. Qualquer dia, os portugueses têm que ir pedir a tribunais internacionais para serem tratados em Portugal em pé de igualdade com os estrangeiros...

DL – ...o que é possível...

M.P. – Mas não é dignificante para nós. Esta situação também pode traduzir-se numa certa ameaça de alguns sectores privados serem transferidos para o sector público. Se os credores são o Estado, a Banca do Estado, basta que haja dificuldades de tesouraria por exemplo, mesmo que não haja interesse legislativo de nacionalizar...

DL – Não é portanto, ainda uma represália política contra as nacionalizações?

M.P. – Não, é apenas tentar incutir confiança no sector privado. Eu não acredito que uma economia colectivizada conduza a resultados económicos satisfatórios, em termos de assegurar às populações um nível de vida satisfatório e muito menos, em países como o nosso, em que já se atingiu um certo patamar de consumo. Nós assistimos nesses países colectivistas, à passagem de estados de miséria para estados de relativa mediocridade, mas à medida que a sociedade se torna sofisticada, complexa, há uma estagnação. Nós estamos já bastante acima desse estádio, com todas as nossas desigualdades e diferenciações para que uma economia planificada, colectivizada, possa satisfazer as aspirações legítimas dos portugueses.

DL – Também o prof. Pinto sublinhou a necessidade de recomeçar a distribuição das terras, de acordo com a política que então definiu o dr. Sá Carneiro... Mas também houve entregas de resevas sem que os proprietários as tenham feito produzir?

M.P. – Como dizia o nosso clássico Duarte Pacheco Pereira, a experiência é Madre de todas as cousas. Isto significa que a directriz então seguida está certa e se há aspectos com carácter acessório ou secundário, que conduziram a certas deficiências, corrigem-se. A política está correcta, a directriz é essa, a política é essa. Tem a haver, é de acordo com a experiência, reformulação do crédito, etc...

DL – É uma certa vigilância...

M.P. – Vigilância para quê, não percebo?

DL – Para que as terras não fiquem abandonadas... no sector público e no sector privado, não é?

M.P. – Não pensamos que as pessoas com créditos e incentivos adequados, que as pessoas façam conduzir a resultados mais elevados do que nas grandes herdades colectivizadas. Isto não quer dizer que estejamos contra o associativismo

Fernanda Mestrinho

Continua na pág. 19

Jornada da APU em todo o País, no fim-de-semana

Álvaro Cunhal preside amanhã a um comício na Praça da Figueira

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, preside amanhã, pelas 15 horas, a um comício na Praça da Figueira, em Lisboa. No domingo Álvaro Cunhal desloca-se a diversas localidades nos concelhos de Cascais e Oeiras.

Estas actividades do secretário-geral dos comunistas portugueses integra-se no âmbito da jornada nacional que a APU realiza este fim-de-semana em todo o País, visando o esclarecimento e informação sobre as próximas eleições e sobre as propostas da APU para a solução dos problemas nacionais.

Nesta jornada da APU, que decorrerá em todos os distritos do Continente e nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores, participarão os candidatos daquela coligação, dirigentes do PCP e do MDP, democratas independentes e activistas da APU. A jornada inclui numerosos comícios, sessões de esclarecimento, espectáculos, festas e convívios, contactos porta a porta, distribuição de documentos, afixação de cartazes e faixas, pinturas de murais e muitas outras actividades.

A título exemplificativo eis algumas das realizações da APU neste fim-de-semana que amanhã começa: distrito do Porto – às 15 horas de sábado, no cinema Rivoli, encontro distrital e apresentação de candidatos pelo distrito; no domingo, caravanas e contactos porta a porta em todos os concelhos do distrito; Santarém – contactos porta a porta e minicaravanas em todos os concelhos; Leiria – visitas de candidatos aos mercados das Caldas da Rainha, Leiria, Pombal, Marinha Grande, Nazaré e Peniche, todas amanhã pela manhã; Setúbal – sábado, pelas 16 horas, no Pavilhão do Parque das Escolas, comício de apresentação de candidatos; no dia seguinte 80 sessões de esclarecimento e contactos porta a porta em todos os concelhos; Braga – amanhã, minicomícios nas fábricas de têxteis de Pevidém, concelho de Guimarães, cidade onde, pelas 15 horas, se realizará uma reunião distrital de jovens apoiantes da APU, na Escola Secundária Francisco de Holanda.

Temos soluções

A APU já começou, também, a distribuir panfletos relativos às próximas eleições. «Temos soluções» é o título de um desses documentos, onde, depois de perguntarem se «estamos condenados a viver na insegurança do dia-a-dia e sem perspectivas de futuro», os da APU respondem claramente: «Pensamos que não».

E adiantam:

«Nós, da APU, afirmamos e provamos que a actual situação é consequência da política totalmente errada seguida pelos governos nos últimos anos, política favorável aos grandes capitalistas e agrários e contra as transformações democráticas do 25 de Abril».

Descendo ao concreto: «A AD, o PSD e o CDS levaram esta política às suas últimas consequências, mas ela começou em 76/77 com os governos do PS apoiados pelos PSD e CDS. Foram sete anos em que os governos se preocuparam mais em destruir as conquistas de Abril, em atacar as instituições democráticas, os trabalhadores e o povo, do que em enfrentar os problemas do País».

No documento a APU chama depois a atenção dos leitores para o facto de haver, neste momento, «quem queira continuar pelo mesmo caminho».

«Mário Soares – continua a APU – a solução que propõe é: mais empréstimos do FMI e recurso às reservas de ouro; nova desvalorização do escudo e subida dos preços. Propõe a intensificação da política da AD.»

Na sequência a APU afirma que esse seria um caminho errado que nada iria resolver e conclui:

«Que ninguém tenha dúvidas. A grande opção que se apresenta hoje aos eleitores e a todos nós é decidir se queremos continuar por um caminho que conduzirá fatalmente ao abismo, ou mudar.

Enquanto é tempo. Para uma nova política, um novo governo, novos métodos. Existem soluções para os problemas nacionais. Nós, da APU, temos soluções».

Amerianos têm de esperar pelas eleições

Governo recusa negociar facilidades militares alargadas

As negociações actualmente em curso entre Portugal e os Estados Unidos, a nível militar, dizem apenas respeito à base das Lajes, nos Açores, afirmou ontem o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Paulo Marques, em entrevista à Rádio Renascença, acentuou que as actuais negociações luso-norte-americanas se circunscrevem à base localizada no arquipélago açoriano, frisando que a concessão de outras facilidades militares é tema que «pertence ao futuro Governo».

Ainda quanto às negociações sobre as Lajes, Paulo Marques disse que as mesmas têm sido afectadas pelo facto de Portugal, de momento, ter um Governo de transição.

Referiu que essas negociações têm continuado ao nível técnico remetendo as grandes decisões para o Governo que vier a formar-se depois das eleições de 25 de Abril.

Relativamente à decisão do Governo de recusar a participação de tropas portuguesas na força de paz que a ONU mantém no Líbano, Paulo Marques considerou tratar-se de «um convite honroso», mas apontou como justificações «a situação fluida em Beirute» e o custo financeiro dessa operação.

Admitiu também que teve «algum peso nessa decisão» o facto de estarmos em vésperas de eleições e o tratar-se de «um teatro difícil» como o do Líbano.

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, interrogado sobre uma possível participação de militares portugueses na Força de Intervenção na Namíbia, esclareceu que Portugal nunca recebeu um convite nesse sentido.

Paulo Marques disse não ter qualquer fundamento a informação de que os Estados Unidos pretenderiam colocar um submarino nuclear na baía de Lagos, Algarve, ou um porta-aviões no estuário do Tejo.

Os Estados Unidos e o Médio Oriente

"Papel dos americanos é importantíssimo..."

— *afirma Mário Soares*

O secretário-geral do Partido Socialista Português, Mário Soares, afirmou ontem que os Estados Unidos têm um papel importantíssimo a desempenhar na solução do conflito no Médio Oriente e estão conscientes da necessidade de actuar depressa.

Mário Soares, líder de uma missão da Internacional Socialista ao Médio Oriente, falava numa conferência efectuada no Grémio Literário de Lisboa sobre a visita que a missão efectuou recentemente àquela zona do globo.

Soares, recentemente recebido em Washington pelas autoridades norte-americanas, adiantou que os Estados Unidos pretendem avançar substancialmente na resolução do problema até Novembro deste ano, altura em que se inicia no País a campanha para as eleições presidenciais.

Para o socialista português, a solução para o Médio Oriente está na negociação política e nunca na força das armas.

«Uma solução alcançada pelas armas é sempre transitória» – disse.

A retirada das tropas estrangeiras do Líbano e o futuro estatuto dos territórios, actualmente ocupados por Israel, da Cisjordânia e faixa de Gaza são para o secretário-geral do Partido Socialista Português as duas questões fundamentais e decisivas para o Médio Oriente.

«Contudo – acrescentou – é preciso a coragem de um Sadat» para resolver esses dois problemas tão importantes, referindo-se à acção do malogrado presidente egípcio ao deslocar-se a Jerusalém para reatar a paz entre o seu país e Israel.

Soares preconizou que uma qualquer solução para o conflito no Médio Oriente passa pela autodeterminação dos palestinianos, que, por sua vez, tem de ser feita com a colaboração da Jordânia.

Só que – adiantou – o problema está em associar a OLP com a delegação jordana às negociações de paz, obstáculo em que tem encontrado mais dificuldades.

A terminar esta conferência, promovida pelo Conselho Directivo do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, Soares sublinhou que sobretudo «é necessário que judeus e árabes se entendam para que o Médio Oriente viva finalmente em paz».

IS e Jean Daniel em Lisboa

Mário Soares preside amanhã em Lisboa à reunião da Comissão da Internacional Socialista para o Médio Oriente, informou o gabinete de Imprensa do PS.

A comissão integra, para além do secretário-geral do PS, o secretário-geral da IS, Bernt Carlsson, e representantes de partidos membros da organização da Áustria, Itália, Holanda, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Finlândia, França e Portugal.

Entretanto, Mário Soares participa hoje numa sessão de diálogos franco-portugueses, tendo como interlocutor o director do «Nouvel Observateur», Jean Daniel.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

SEDE: RUA SILVA PORTO 6-A – 2900 SETUBAL – TELEF 20131

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto nas alíneas b), c) e e) do artigo 31.º, congregado com o artigo 32.º dos estatutos do Sindicato, convoca-se a ASSEMBLEIA GERAL do organismo, para o dia 26 de Março, pelas 10 horas, na Cooperativa de Consumo da Baixa da Banheira, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Apreciação e votação do Orçamento para 1983
2.º Apreciação e votação do Relatório e Contas do ano de 1982
3.º Estudo da hipótese de alienação de imóveis do Sindicato

O Presidente da Assembleia Geral
Basílio Pinto Cabral

Setúbal, 15 Março 1983

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

ZONA CENTRO

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral de Delegados

Para dar cumprimento ao estipulado no Artigo 48.º, alínea g), dos Estatutos do Sindicato, de acordo com o Artigo 2.º, alínea a), do Regulamento da Assembleia Geral de Delegados, convocam-se todos os Delegados Sindicais para reunirem em sessão plenária no dia 26 de Março de 1983, pelas 14,30 horas, na Travessa da Rua Nova, 1-1.º, em Coimbra (Sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços), com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. Informações;
2. Discussão e aprovação do Relatório de actividde e contas de 1982;
3. Orçamento para 1983 e Plano de Actividade.

Coimbra, 7 de Março de 1983

PELO PRESIDENTE DA MESA DA
ASSEMBLEIA GERAL DE DELEGADOS
(JOSÉ MANUEL DA MOTA DIAS)

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão, que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 20/03/83 (domingo).

CONCELHO DE ALMADA: Costa de Caparica (comboio), Sobreda da Caparica (Qta. de Baixa), Monte de Caparica (Pêra de Baixo), das 8 h 30 m às 14 h00 m Almada (garagem). Das 8 h 30 às 12 h 30 m.
CONCELHO DE SEIXAL: Fogueteiro (Matias, Grémio), Torre da Marinha (Camal, Torre da Marinha, João de Barros, Vale da Torre, Cavadas, Boa Hora), Paio Pires, (Pancas, Brayner, Colmeias, Seixeira, Paio Pires, Qta. do Algarve), Casal do Marco, (Axorda, Qta. da Prata), Seixal, (Poço Novo, Pé-Leve, Serena, Bairro Novo, Abastecedor, Sta. Maria, Camões), Amora, (Correr d'Água, Páscoa). Das 8 h 00 m às 14 h 00 m.

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada

O responsável
José Resende Nascimento

Almada, 15 de Março de 1983

A visita de Eanes à Grécia

O governo grego quer reforçar na CEE o lugar dos parentes mais pobres?

ATENAS, 18 – (Do nosso enviado especial, João Mendes) – Enquanto visita hoje o Santuário de Delfos, célebre pelo seu antiquíssimo oráculo e dominado pelo templo de Apolo, Ramalho Eanes medita provavelmente no que lhe disse ontem o primeiro-ministro Papandreou sobre as dificuldades económicas que a Grécia enfrentou em consequência da sua entrada para a CEE.

Papandreou chefia um Governo que desejaria retirar a Grécia da Comunidade Europeia, e que apresentou, desde a sua posse, um balanço catastrófico da experiência grega na CEE. Ao mesmo tempo, sabe-se que o presidente Caramanlis, talvez o principal artífice de adesão do seu país à Comunidade, explicou a Eanes que, apesar da Grécia não partilhar as reticências francesas sobre a entrada de Portugal para a CEE, Lisboa não deveria «ter pressa» a este respeito, aceitando esperar.

Durante a recepção de anteontem à noite, no palácio presidencial, o exemplo irlandês aflorava frequentemente nas conversas de pequenos grupos. A Irlanda aceitou exactamente uma «transição de dez anos» adaptando progressivamente a sua estrutura económica na perspectiva da adesão.

Papandreou tinha-se ontem encontrado com Gaston Thorn, de passagem por Atenas, antes da sua audiência com o Presidente português, justamente para discutir assuntos relacionados com as dificuldades gregas na CEE.

Uma nota interessante diz respeito ao modo como os gregos leram» o discurso de Eanes no primeiro banquete oficial da visita: embora não oficialmente, comentava-se ontem nos bastidores que a intervenção do Presidente português foi «muito atlantista», exactamente no momento em que o Governo grego está a negociar com os americanos a «devolução», a prazo, à Grécia, das bases dos EUA instaladas no seu território. Por outro lado, a óptica em que Eanes colocou algumas das questões «quentes» internacionais não é rigorosamente coincidente com a óptica grega. Por exemplo, no que toca ao Médio Oriente, os gregos têm dito que a paz estável na região depende sobretudo do reconhecimento internacional dos direitos do povo palestiniano. Eanes, pelo contrário, pôs a tónica na necessidade do reconhecimento do direito de Israel à existência.

Caramanlis, na mesma ocasião, preferiu acentuar o clima de «desconfiança e de má-fé» prevalecente nas relações Este-Oeste, clima que alimenta a ameaça de um conflito generalizado. Na opinião de Caramanlis, Portugal e e Grécia poderão, na CEE, trabalhar juntos por uma «Europa unida» que constitua um interlocutor poderoso no quadro da política de blocos.

Também ontem, na sua visita à Câmara de Atenas, onde recebeu a medalha de oiro da cidade, o Presidente português sublinhou a importância do Poder Local na democracia e na formação política. Referindo-se ao passado de Atenas como cidade-Estado, antes do passeio à Acrópole que iria preencher a segunda metade da tarde, Eanes afirmou que «o património político (ateniense) tem uma ressonância particular em todos os que lutam pela liberdade dos povos e em todos os que se orientam pelo respeito da democracia pluralista.

Os actos que, embora integrados no programa desta visita, fogem ao âmbito da Presidência da República têm, nesta ocasião, um carácter de trocas de impressões informais. Assim a conversa entre os ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países, ontem, foi uma conversa «sem agenda», o mesmo se podendo dizer das trocas de impressões entre membros da comitiva mais ligados à indústria e ao comércio e os seus interlocutores gregos. Durante esta visita não deverão ser assinados acordos entre os dois países, embora se espere que ela vivifique o acordo cultural existente, dando-lhe alguma expressão que até agora ele não conheceu. O mesmo não se passará no Cairo, para onde Eanes e comitiva seguem amanhã: aí, não apenas a delegação portuguesa tentará negociar a colocação no Egipto de tecnologia nacional, como há contactos de natureza comercial em perspectiva, além de um pré-acordo sobre transportes aéreos que precede a criação de um voo regular entre o Cairo e a capital portuguesa.

No que toca à posição do Governo do PASOK face ao «dossier» da adesão portuguesa não reconheceria, hoje, o Papandreou da campanha que o levou à vitória em Outubro de 1981. Apesar de recordar as dificuldades gregas – como sublinhamos no início desta crónica – o primeiro-ministro grego é agora um acérrimo defensor da entrada de Portugal para a Comunidade, como ficou claro no seu almoço de ontem com Ramalho Eanes. Papandreou não acompanha, sequer, as reticências de Caramanlis, que sugere uma espera longa.

Na realidade, o Governo do PASOK abandonou, pouco depois da sua posse, o «slogan», «não à CEE», apesar de não renegar o balanço negativo que o partido fizera em campanha – negatividade que se viria a manter durante todo o ano de 1981. O governo grego passou então a pedir um estudo mais meticuloso do estatuto da Grécia como Estado membro, estatuto que tivesse mais em conta a fraqueza da estrutura económica do país (vale a pena recordar, aqui, que o rendimento grego «per capita» é actualmente o dobro do português).

Início na CEE foi negativo

De momento, o Governo de Papandreou continua a reconhecer que o início da experiência CEE foi muito negativo, mas parece não dispor de dados que permitam fazer um balanço actual e no seu discurso multiplicam-se as referências positivas à mesma experiência. Por outro lado, o Governo grego defende que a adesão de Portugal e da Espanha aumentará a capacidade negocial dos países mediterrânicos no seio da Comunidade, se decidir permanecer na CEE, o Governo Papandreou deseja estar acompanhado por outros países cujo grau de desenvolvimento económico e social é inferior aos do «Norte», que hoje comandam a vida europeia.

Um conselheiro do governo para os assuntos da CEE, Áchilles Mitsos, disse-nos mesmo, ontem ao fim da tarde, que seria bom «formar um bloco» de países do Sul – embora a linguagem oficial do governo seja, a este respeito, mais moderada.

Interrogado sobre as razões do que aparece como uma profunda mudança de atitude do Governo PASOK face à CEE, o mesmo conselheiro respondeu aquilo que, nos bastidores, todos conhecem: a Grécia precisa de aliados, sobretudo quando está a enfrentar os EUA na questão das bases militares – e quer encontrá-los no quadro europeu.

Outras fontes ligadas ao governo grego disseram-nos, ainda acerca do «dossier» português, que Atenas poderia ver vantagem na dissociação dos processos dos dois países ibéricos, e que estará, a partir de Julho, em posição de favorecer tal dissociação se ela for reconhecida como interessando a Portugal.

Ao fim da tarde de ontem, imediatamente antes da recepção oferecida pelo embaixador português Lencastre da Veiga, o ministro Futscher Pereira respondeu a questões dos jornalistas sobre os contactos que estabeleceu com o o seu homólogo grego, adiantando que, em seu entender, a ideia de criar um «bloco sul» de países da CEE não tem qualquer sentido.

No que toca à questão da posição de ambos os países face à NATO, que é consideravelmente diferente, Futscher Pereira afirmou que a Aliança não foi, praticamente, tema de conversa, mas admitiu que hoje, durante a visita a Delfos, se proporcionará uma troca de informações a propósito da questão das Lajes e da questão das bases americanas. Que melhor cenário poderia o ministro desejar, para tal troca de informações, do que este que é dominado pelo mais célebre oráculo da Grécia clássica?

AUTOCOOPE
COOPERATIVA DE TÁXIS DE LISBOA

7.º ANIVERSÁRIO

18/3/76 18/3/83

SERVIÇO DE TÁXI
RADIOTELEFONE 65 91 51/8

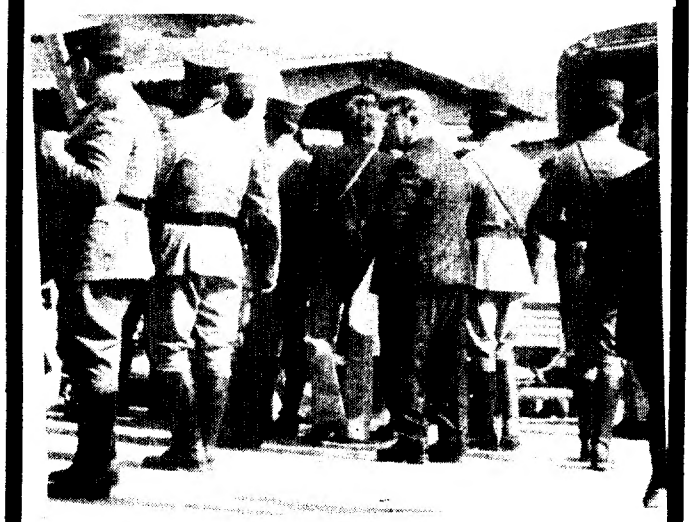
150 TÁXIS
AO SERVIÇO DA CIDADE
DE LISBOA

com
Abril
saúda os estimados clientes

AUTOCOOPE foi e será obra dos trabalhadores

de ontem para hoje

GNR confronta-se na Malveira com negociantes de gado



A GNR interveio ontem no mercado da Malveira, na sequência de incidentes registados entre agentes da Fiscalização Económica e negociantes de gado que se recusavam a exibir boletins de sanidade. Dois comerciantes acabariam mesmo por ser detidos. Os ânimos encontravam-se exaltados pois no último domingo forças conjuntas da Guarda Fiscal e da GNR tinham montado, nas principais entradas daquela vila, uma operação de fiscalização às viaturas que transportavam gado.

Patrão agride ex-empregado

Um jovem de dezasseis anos, José Fernando Monteiro Pereira, que há meses fora afastado juntamente com o pai de uma oficina em que ambos trabalhavam, em Rio Tinto foi agredido à navalhada pelo patrão, no momento em que o procurava para lhe exigir cerca de cem contos de ordenados em atraso. O agressor, Manuel Júnior, foi detido pela GNR local, enquanto a vítima recolhia ao Hospital de S. José com uma grave perfuração no abdómen.

Assaltante condenado em Vila Franca

Em Castanheira do Ribatejo foi detido pela GNR e presente ao Tribunal de Vila Franca de Xira, António Rosa Nobre, de 36 anos, natural de Salir (Loulé), acusado de ter tentado assaltar a fábrica da Ecril. António Nobre foi condenado em quinze dias de prisão remíveis a duzentos escudos por dia e no mínimo de imposto de justiça.

Furtos em Rio Maior e Anadia

Desconhecidos assaltaram a Delegação de Saúde de Rio Maior, levando 26 contos em dinheiro. A GNR que veicula a informação revelou, por outro lado, que quatro indivíduos não identificados assaltaram um automobilista nas proximidades de Gandara (Anadia) obrigando-o a entrar numa meaa e despojando-o de cerca de cem contos. Antes de iniciarem a fuga dispararam ainda sobre a viatura, perfurando-lhe uma das portas. No local foi encontrada uma cápsula 6.35 mm.

Criança trucidada na Amadora

Faleceu no Hospital de S. José, para onde fora transportado ainda com vida, um menor de treze anos que fora apanhado por um comboio na estação da Amadora. A vítima, Hélder Rui Sousa Anjos, residia com os pais naquela cidade, na Praça de Angola, 24.

«Mercado negro» na Luz

Porque reincidente, irá responder em Tribunal de Polícia, o agricultor Hermínio da Costa, de 46 anos, casado, residente no Cartaxo, que foi surpreendido a vender no «mercado negro» bilhetes para o embate entre o Benfica e o Roma. Hermínio vendia bilhetes de 1750 escudos a 2500 escudos. Ainda durante o mesmo desafio um comerciante viu «voar» do bolso do casaco uma pistola, devidamente legalizada marca «Astra Unceta» de calibre 6.35 com o é carregador e seis munições.

«Personagens» de Miguel Torga

Aos setenta anos não hesitaram em dar o «nó»: aconteceu em Urros, no concelho de Moncorvo, sendo nubentes Alberto Pires e Maria do Céu Pestana, ambos viúvos. Personagens que picarescas Miguel Torga poderia certamente ficcionar em novos «Contos da Montanha».

Rusga em discotecas de Vila Real

A PSP de Vila Real deteve quarenta e sete jovens de ambos os sexos durante uma rusga efectuada nas discotecas daquela cidade, onde a maioria não tinha idade para estar presente. O comandante local da PSP afirmou que a acção policial visou a fiscalização dos recintos de diversão, «alguns dos quais se encontram a funcionar há imenso tempo sem as licenças exigidas». Como rescaldo da operação assinalou o levantamento de vários autos e a aplicação de multas a proprietários e frequentadores.

Marítimo baleado pelo cunhado

Por motivos familiares, não especificados pelas autoridades policias, um taxista, Celestino Filipe, morador em Belas, Queluz, atingiu a tiro de pistola o seu cunhado Manuel da Costa Araújo, de 63 anos, marítimo. O agressor foi detido pela GNR do Cacém e Celestino Filipe deu entrada no Hospital de S. José com uma bala de 6 35 milímetros alojada na perna esquerda.

Entrevista na RTP "aqueceu" diferendo

Almeida Bruno iniciou perseguição a promotores do Sindicato da PSP

comissário suspenso dez dias

A hierarquia da PSP, constituída por militares em «comissão de serviço», sob o comando do brigadeiro Almeida Bruno, descalçaram as «luvas brancas» que, pelos vistos, a custo ostentaram durante os últimos meses, e iniciaram uma espécie de «caça às bruxas» incidindo sobre os elementos mais dinâmicos da Comissão Promotora da Associação Sindical dos Profissionais daquela corporação.

A primeira vítima, ao que conseguimos apurar, foi o comissário Santinhos, punido com dez dias de suspensão, e já alvo de um novo processo disciplinar, com base nas declarações prestadas durante o almoço-convívio realizado no passado dia 19 na Casa do Alentejo (estão previstos novos encontros em Leiria e Setúbal), no qual se reuniram cerca de quatrocentos elementos da PSP, de todas as graduações, com uma forte representação das camadas mais jovens.

O último processo levantado por Almeida Bruno contra o comissário Santinho teria sido activado, não só pela sua intervenção na Casa do Alentejo, mas e, sobretudo, pelas suspeitas de que teria sido um dos elementos que participou, ainda que anónimo (os intervenientes estava virados de costas para a câmara) numa entrevista difundida pela RTP na última edição do programa «Semanário», da responsabilidade de Mário Zambujal e de Margarida Marante.

A presença transitória de oficiais do Exército

A comentar a actuação persecutória de Almeida Bruno, a Comissão Pró-Sindical da PSP afirma que «estas acções visam o desgaste psicológico e físico dos elementos da corporação», de forma a impedir que possam vir «a beneficiar dos direitos que a Constituição atribui a todos os cidadãos portugueses». Garantindo, desde já, o seu apoio «ao colega agora envolvido, ilegitimamente, em processos disciplinares», com o qual referem estar «moralmente solidários e determinados a dar-lhe todo o seu apoio incondicional, de forma a manter-lhe a coragem e a determinação de continuar o seu trabalho para a concretização da associação sindical».

Chamando depois a atenção «da hierarquia, e de outras pessoas (felizmente poucas) que se opõem à construção da Associação Sindical da PSP, para que interpretem convenientemente a legislação que existe a nível internacional (Declaraçao Universal dos Direitos do Homem, Declaração Europeia dos Direitos Humanos, Declaração sobre Polícia que foi aprovada na 31.ª Sessão da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, em Maio de 1979), a Comissão sugere, por outro lado, a consulta, a nível nacional, de vários documentos, entre os quais destaca a Constituição da República Portuguesa, Lei das Associações Sindicais, Lei da Greve, Lei que consagra o Direito de Associação e Lei da Defesa Nacional.

«A PSP – recorda a Comissão – é um organismo civil e de tradições civilistas, embora de estrutura militarizada, mas os seus elementos não sao agentes militarizados e a presença transitória da instituição de oficiais do Exército não constitui qualquer argumentação válida para impedir a criação da nossa Associação Sindical».

Sindicato dos Magistrados analisa situação

Debruçando-se sobre a legalidade do almoço-convívio, que a hierarquia pretende utilizar como «cavalo de batalha» na perseguição movida contra o comissário Santinhos e seus companheiros, o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, estrutura que esteve reprsentada na Casa do Alenteio. emitiu um parecer, a que tivemos acesso, no qual afirma que «apesar de se poder sustentar a inconstitucionalidade da regra transitória do n.º 2 do artigo 69.º da Lei de Defesa Nacional, os elementos da Comissão Pró-Sindical da PSP têm tido o escrupuloso cuidado e o rigoroso respeito pela legalidade de não praticarem ainda qualquer acto que se possa qualificar como actividade sindical». Uma vez que esta, refere o comunicado, «pressupõe, como é óbvio, a existência de um sindicato, podendo entender-se que o primeiro acto sindical é o da constituição do sindicato. Toda a actividade, portanto, que se desenvolve no sentido de sensibilizar uma classe profissional para a conveniência da constituição de um sindicato não é ainda actividade sindical, mas simples actos preparatórios, isto é, uma actividade prévia à actividade sindical».

E o parecer do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público termina argumentando que, face a uma tal situação, «os actos nos quais se integrou a realização do almoço-convívio, não sendo actividade sindical, não estão abrangidos pela restrição do n.º 2 do artigo 69.º da Lei de Defesa Nacional, nem por qualquer forma, do Regulamento Disciplinar da PSP, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 440/82, de 4 de Novembro (diploma este que, aliás, está repleto de inconstitucionalidades, cuja declaração irá ser solicitada logo que o Tribunal Constitucional entre em funcionamento). Carecem, assim, de qualquer fundamento legal as perseguições disciplinares que venham a ser movidas contra membros da PSP pelo facto de terem convocado ou participado no aludido almoço-convívio».

Almeida Bruno: a Lei da Defesa, considerada inconstitucional, serve-lhe de base para tentar impedir a formação de uma estrutura sindical na PSP

Pela nossa parte apenas iremos recordar que durante a entrevista, que concederam a «Semanário», os elementos anónimos da Comissão Pró-Sindical da PSP fizeram jus em frisar que a acção que desenvolviam, «ao contrário do que pretendem fazer acreditar os seus detractores», não persegue objectivos partidários, mas apenas profissionais. E que a sua «bandeira» terá quanto muito a cor da farda da corporação que servem: cinzenta.

Realidade que a hierarquia parece tentar escamotear ao iniciar as suas medidas persecutórias, com a aplicação do primeiro «traço vermelho» sobre um dos elementos mais destacados da referida Comissão. E depois ainda há quem proclame na área do Poder (que nomeou Almeida Bruno) que já somos – de pleno direito – um país europeu!...

Manuel Geraldo

São Tomé importa quase tudo

Avião de Eanes será o primeiro a aterrar no "novo" aeroporto

O ministro da Educação e da Informação de São Tomé afirmou ontem em Lisboa que as pistas do aeroporto da capital do seu país estarão em condições de receber já no próximo mês de Junho aviões a jacto de longo curso.

Podendo acolher aviões desse tipo dentro de três meses, o primeiro que aí aterrará, após a beneficiação das pistas – que por ora só aceitam voos regulares para Luanda –, será o que aí levará em viagem oficial o Presidente da República, Ramalho Eanes – indicou Rafael Branco, que se encontra em Lisboa até segunda-feira.

A existência de voos directos de Lisboa para São Tomé ajudará a diminuir o isolamento em que tem vivido o pequeno país equatorial, com os seus cem mil habitantes essencialmente dependentes da agricultura, muito em especial da exportação do cacau – explicou o ministro, que foi ao Rio de Janeiro assistir à tomada de posse do governador Leonel Brizzola.

A situação económica de São Tomé e Príncipe é grave e preocupante, pois que só um quarto dos habitantes participa activamente na produção. A produtividade é baixa e a produção desceu a um nível inferior ao que se registava até 1974. O país necessita de importar quase tudo aquilo de que necessita – disse o ministro Rafael Branco, num encontro que manteve ao fim da tarde de ontem com jornalistas.

Erradicação do paludismo

A forma de gestão das grandes empresas agrícolas (resultante da nacionalização das roças) não tem sido a melhor: verificaram-se indefinições no seio do partido único quanto ao melhor caminho económico a seguir e houve um surto de peste suína africana que obrigou a eliminar todos os porcos – contou o ministro, explicando a situação difícil que São Tomé e Príncipe atravessa.

No outro prato da balança, apontou os avanços no campo da educação e da saúde, com ensino obrigatório e gratuito (35 000 crianças e jovens a frequentarem as escolas, mais de um terço da população total do país), assistência médica e medicamentosa gratuitas, e a erradicação do paludismo em vias de se concretizar.

Rafael Branco disse que a cooperação oficial com Portugal não se tem desenvolvido grandemente, devido a dificuldades burocráticas de um e outro lado, mas elogiou muito o apoio concedido ao seu país pela Fundação Calouste Gulbenkian, designadamente nos domínios da educação e da saúde.

Nos próximos dias, o ministro são-tomense será recebido pelo administrador da Fundação Gulbenkian encarregado da cooperação com África, Sá Machado, mas não tem previstos quaisquer encontros a nível governamental. Para já, privilegiou os contactos com a Imprensa.

Quanto aos países que mais efectivamente ajudam São Tomé e Príncipe, Rafael Branco destacou a Argélia e mencionou também os cursos que estudantes são-tomenses obtêm em Cuba, União Soviética, Portugal e França.

Jugoslavos no turismo

Há actualmente cerca de 50 cooperantes portugueses na República de São Tomé e Príncipe, incluindo 35 professores. Mas poderiam ser aceites muitos mais no campo do ensino – informou o titular da pasta da Educação e Informação, também encarregado da Cultura.

Nos primeiros anos após a independência, verificaram-se porém alguns problemas com portugueses que foram para São Tomé e Príncipe como professores, mas que não possuiam experiência pedagógica – recordou Rafael Branco, que especificou exemplos de grande liberalismo.

Noutro passo das suas afirmações à Imprensa, o ministro anunciou a existência de um projecto jugoslavo de apoio ao desenvolvimento do turismo de qualidade numa zona situada a cerca de 30 quilómetros da cidade de São Tomé.

Zita Seabra em pré-campanha no Pejão

Fica-se mineiro toda a vida? Ninguém tocou na "água do tubo"

«Temos 700 homens no fundo das minas» – explica o engenheiro Aires das Minas do Pejão. Fomos ali numa visita de pré-campanha eleitoral, da deputada e cabeça-de-lista por Aveiro, Zita Seabra (PCP). Descemos a mais de 300 metros. O rio Douro está acima das nossas cabeças. Pouco a pouco, aprendemos uma nova linguagem, enquanto os vagões se enchem de carvão. No sexto piso (cada um está a 50 metros de profundidade), as **«galerias»** têm centenas e centenas de metros; as lanternas acesas tentam encontrar os mineiros. **«Trabalham em brigadas...».** Da **«boca»** da mina ao **«fundo do saco»** (início e fim das minas), foram três horas de viagem ao **«mundo»** dos mineiros. **«Já foi a alguma mina?»** perguntam a Zita Seabra. **«Estas são as terceiras que conheço».** O carvão **«escorre»** a grande velocidade para os vagões; a água e o ar passam por tubos pré-construídos. **«A água é o grande amigo dos mineiros»** – conta-nos outro trabalhador. Evitam a palavra silicose, falam antes na «poeira», no «pó».

«Se bebeste água do tubo, és mineiro toda a vida» diz-nos Manuel Rodrigues, também ele trabalhador do Pejão e candidato a deputado pelo PCP, explicando que isso é uma das **«piadas»** da mina. Pela violência do trabalho e pelo que ali se viu, ninguém do grupo lhe tocou... É que nesta visita, não fomos **«guiados»**, fomos **«avisados»**.

Ninguém sabe – porque nenhum estudo foi feito – das reservas de carvão ali existentes. Perto de seis milhões de toneladas já foram extraídas. A redescoberta do carvão, como factor energético, reavivou a importância destas minas. A tonelada custa 5600$00 e mais de 90 por cento da produção vai directamente para a EDP.

Descemos mais 50 metros. Manuel Matos, segundo lugar na lista e que nos últimos tempos da Assembleia da República, substituiu Vital Moreira, dá o braço a um outro membro da comitiva. Medo da velocidade do elevador? O grupo não lhe perdoa e durante todo o resto do tempo esteve sob **«controlo»**.

Antiga exploração belga, com o 25 de Abril, passou para o IPE, estando para breve a sua integração no «Ferro-Minas». Equilíbrio financeiro, investimentos e condições de trabalho têm sido as prioridades da Administração das Minas do Pejão. No almoço oferecido pelo Conselho de Gerência à deputada Zita Seabra fala-se de tudo isso. Discute-se ainda o preço das campanhas eleitorais, dos subsídios aos partidos políticos, dos seus financiamentos...

Voltemos, de novo, ao fundo da mina. Alguns dos pisos já foram abandonados; a terra está oca. São mais de 15 quilómetros de «galerias», de **«via férrea»** enquanto os mineiros espalhados pelos **«inclinados»**, escavam no carvão.

«Está a ver a utilidade da água?». Conforme vai escavando, o aparelho deita água no carvão, evitando a poeira, o inimigo mortal do mineiro. **«Há muitos casos de silicose nestas minas?»** – pergunta Zita Seabra. **«Nem por isso»** – responde o engenheiro. Horas depois, quer a comissão de trabalhadores quer o Sindicato dos Mineiros, daria uma **«imagem»** mais grave da situação.

Começamos, finalmente, a encontrar alguns mineiros. São horas do almoço. Não sobem à superfície, levam já a rejeição para baixo. Durante o Inverno, passam semanas sem ver a luz do Sol – dizem-nos. **«Isso também provoca doenças nervosas»** – explica-nos um dirigente sindical. **«Mesmo assim – continua – é bom dizer-se que aqui, no Pejão, são as minas onde se ganha melhor e tem-se razoáveis condições de trabalho.»**

Um sumo, sandwiches, fruta e alguns biscoitos compõem esta refeição-fria, bastante contestada pelos mineiros: **«Não é refeição para um homem que trabalha oito horas por dia.»** Compartecipada pela Administração, o almoço custa 17$50 aos trabalhadores. Têm, ainda um litro de leite por dia. **«Quase ninguém o bebe, levam-no para casa»,** confirma um elemento da comissão de trabalhadores.

Quanto aos salários – dirigem-se a Zita Seabra – estão acima dos praticados nas outras minas. Cerca de 24 contos, mais os prémios, os subsídios por turno, o subsídio para a refeição e para a habitação.

«Não é mau» – comentamos. **«Mas as vossas mulheres trabalham?»** Não, a maior parte fica em casa. As minas localizadas em locais isoladas não dão grandes hipóteses de novos empregos e, para além disso, têm muitos filhos. Os salários passam a ser divididos por 4, 6 ou mesmo **«nove bocas»**.

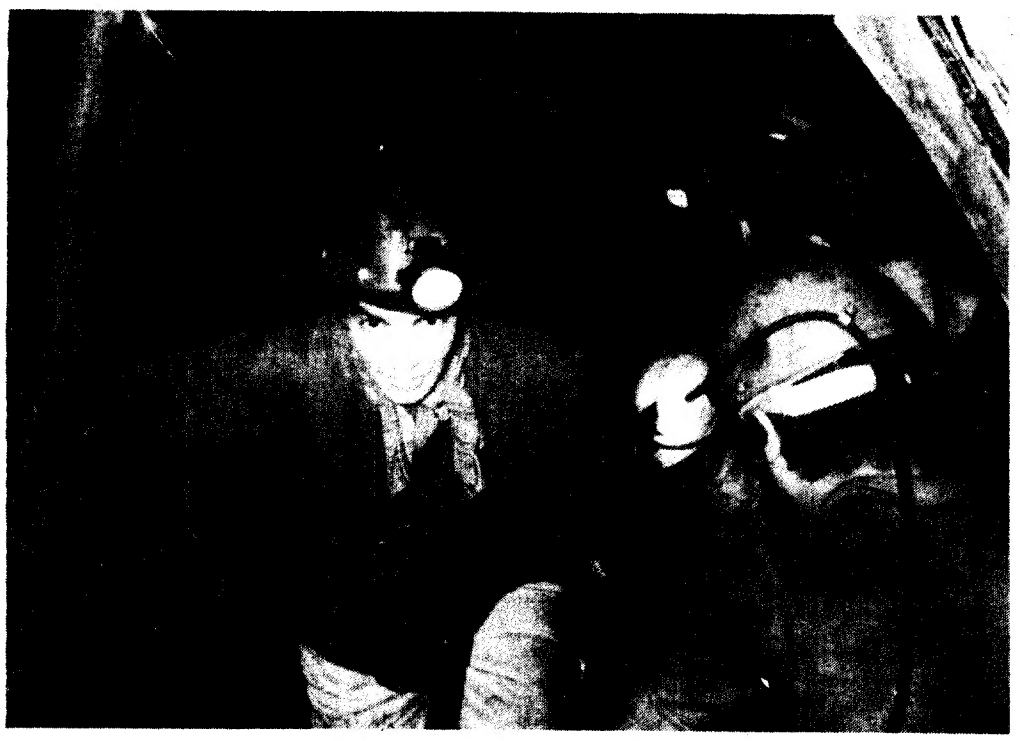
Muitos vivem perto das minas – em casas da própria empresa – mas noutros tempos, a maioria dos mineiros vivia na **«Messe»**, indo a casa apenas nos fins-de-semana. Nas Minas do Pejão, um grupo desportivo e uma piscina rodeiam o complexo mineiro.

«Vai ser eleita?» – a «poeira», sempre...

«Este aqui é o dirigente da UGT cá do sítio» – apresenta Manuel Rodrigues, candidato – mineiro do PCP. Dá-lhe uma palmada nas costas. **«Ele ainda vai voltar para o bom caminho.»** O outro sorri. Sem agressões sectárias.

Depois do almoço com a Administração, uma reunião com a comissão de trabalhadores. Eleita proporcionalmente (houve duas listas) estão representantes de vários partidos políticos. Do PCP ao PS e à UDP.

Fala-se mais nas condições de trabalho e nas doenças profissionais – a grande preocupação dos mineiros – do que propriamente da política. A certa altura, o elemento da UDP Adelino Martins pergunta a Zita Seabra. **«Acha que vai ser eleita?». «Claro que sim, você não acha?». «Acho que vão descer aqui no distrito»** – responde este trabalhador mineiro. Aposta numa grande vitória no PS e interroga-se sobre o **«PCP no Governo»**. Vai mesmo mais longe: **«A sua candidatura é uma jogada política, não é?»**. Zita Seabra explica que, com a saída de Vital Moreira para o Tribunal Constitucional, a organização local do PCP escolheu-a para encabeçar a lista de Aveiro. E, acrescenta, um dirigente comunista que integrava a comitiva: **«E se fosse uma jogada política, era uma boa jogada.»**



Zita Seabra – a mais de 300 metros de profundidade para contactar com os mineiros

«Era capaz de repetir outra vez o que disse na Assembleia sobre o aborto?» – insiste. **«É evidente, Se o aborto existe e é clandestino, apenas importa torná-lo legal e ser feito em boas condições. E depois, as mulheres dos deputados podem ir a Londres...». «Era isso mesmo que eu queria ouvir»** – sorri, satisfeito, o elemento da comissão de trabalhadores. **«Gostava de assistir a uma sessão da Assembleia da República»** – desabafa. A conversa, no entanto, regressa rapidamente, às condições de trabalho, aos contratos colectivos. **«A maior parte dos trabalhadores tem percentagem de silicose. Eu já tenho mais de 25 por cento»** – responde um outro elemento da comissão de trabalhadores. São os maiores **«clientes»** da Caixa Nacional das Doenças Profissionais.

Estão, agora, numa **«guerra»** porque as administrações não querem pagara e a Caixa também não, os dias em que vão a exame do **«pó»**. Para não perderem dinheiro, muitos já deixaram de o fazer. **«Muitas vezes vamos lá e não acusa nada. Depois, de repente aparecemos com 30 ou 40 por cento de percentagem de silicose»**. Os pulmões fecham-se...

A redução da idade de reforma e de horário no interior das minas são as suas principais reivindicações. Alguns deles, quando atingem mais de 30 por cento de silicose passam para a **«superfície»**. Entram num barracão a que os mineiros chamam de **«tarrafal»**.

As condições de trabalho poderão melhorar nos próximos tempos com o aperfeiçoamento tecnológico sublinha um dos engenheiros.

Repetem-se muitos dos problemas de que já tínhamos ouvido falar. Mesmo com este trabalho há muitos candidatos para trabalhar nas Minas estando inscritos – segundo nos disseram – 350 homens.

Finalmente, outra regalia recente nas minas do Pejão consiste na complementaridade da reforma. Dantes, um Mineiro ficava com uma reforma de oito contos, hoje a empresa dá o restante.

«Estamos também, agora, com o problema do Mário. O Mário morreu. Não se apercebeu que já estava numa zona sem oxigénio» relatam. Mas também têm consciência de que eles próprios não respeitam muito as regras de segurança. Algumas histórias divertidas de **«resistência»** aos requisitos mínimos de segurança e higiene.

Direcção dos Mineiros: reunião custa 70 contos

Já ao fim da tarde, foi a reunião com a Direcção do Sindicato dos Mineiros do Norte. Também aqui existe um outro sindicato o da UGT. Esmagadora representividade do Sindicato afecto à Intersindical, diga-se.

Com elementos a trabalharem em todas as minas do Norte do País, é difícil reunir a Direcção. **«São caminhos difíceis, sem meios de transporte. Agora já comprámos uma carrinha. Mas dantes, uma reunião de Direcção custava cerca de 70 contos»** – diz-nos um membro da Direcção.

Têm um edifício próprio, um jornal do Sindicato. Também eles insistem nas condições de trabalho dos mineiros. «É bom esquecer que em Portugal, apenas cinco minas têm lanternas, as outras são ainda toda com gasómetros». Zita Seabra troca impressões sobre doenças profissionais com aqueles dirigentes dos mineiros.

Ali ao lado está a vila de Castelo Paiva. Alguns habitantes queixam-se das alterações das terras, pelos trabalhos no subsolo. Os mineiros e o eng. Aires recordam, com graça, algumas histórias ali vividas em mais de 40 anos de extracção de carvão: «Primeiro, os mineiros recusaram as botas, preferiam ir para as minas descalços. Muitos, deixavam as botas à entrda. Foi uma verdadeira luta prossegue o eng. Aires – depois foi a guerra do banho. Muitos não queriam tomar banho depois do trabalho nas minas. A construção e utilização dos bálnearios foi outra guerra. Havia a história daquela família de mineiros, em que eles entravam à segunda-feira conforme tinham saído ao sábado. Pretos. Só que na segunda, estavam as mulheres deles também completamente pretas».

Aí, é a vez de um dirigente mineiros e membro da Federação dos Metalúrgicos do Norte contar que nas Minas de Jales, a administração inglesa mandar fazer uma abertura em todas às portas dos balneários para confirmar se os mineiros tomavam ou não banho.

Uma mentalidade que tem, também, mudado ao longo dos anos. Exigem condições de trabalho e acesso à cultura. Cinema aqui nas Minas do Pejão? Há todas as semanas um filme, mas é pena serem só **«comboyadas»**.

A visita estava terminada. Zita Seabra não fez qualquer sessão de propaganda eleitoral. Não discursou. Ouviu durante horas e horas os mineiros. «Até hoje só cá vieram deputados do Partido Comunista e do Partido Socialista. Esteve cá o Avelino Zenha do PS, o Vital Moreira e, agora vocês. Mas depois esquece-se dos mineiros». « O Grupo Parlamentar do PCP – responde Zita Seabra – terá um deputado mineiro. O seu lugar está assegurado com a entrada de um mineiro de Aljustrel».

Zita Seabra continua em pré-campanha eleitoral. Distrito particularmente difícil para a APU. Para que Zita Seabra não fosse eleita era necessário que houvesse uma descida de perto de seis mil votos. Duas deputadas já desceram as minas até hoje: Zita Seabra e Helena Roseta. Duas políticas opostas, dois meios idênticos de chegar à população. Se Helena Roseta arrancou da quarta posição em Cascais (o PSD era o 4.º partido) para vencedora, a Zita Seabra cabe a tarefa de ser eleita no distrito de Aveiro». As mulheres não podem ser utilizadas» – dizia Antónia Fiadeiro e Maria num recente colóquio do PCP. So que a deputada Zita Seabra ultrapassa, hoje, em popularidade o eleitorado do Partido Comunista Português. «O importante, agora – dizia Antónia Fiadeiro – é apoiar a Zita Seabra». Por isso a sua campanha e o resultado eleitoral (tal como aconteceu com Vital Moreira) é esperado com bastante curiosidade. **«São uma Mafia»** – dizia-nos um político a propósito da solidariedade entre as Mulheres. Resposta: é verdade. E poderia ser doutra maneira?

Fernanda Mestrinho

DESPORTO ● CULTURA ● RECREIO

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

CONCELHO DO SEIXAL

MARÇO ● ABRIL ● MAIO

12 MARÇO a 9 de ABRIL — FUTEBOL INFANTIL DE 7. Torneio no ringue do Centro Cultural e Desportivo das Paivas.
Inscrições na Junta de Freguesia de Amora e CCD. das Paivas.

16 MARÇO — TORNEIO DE DAMAS. Às 21 h. No Ginásio Clube de Corroios. Inscrições na Junta de Freguesia de Corroios.

20 MARÇO — INAUGURAÇÃO DO PARQUE INFANTIL E RINGUE POLIVALENTE DO BAIRRO MANUEL ANDRÉ. Às 10 h. Actividades Desportivas: das 10 às 13 h; Actividades Culturais; das 15 às 18 h. Inscrições na Junta de Freguesia de Arrentela e Comissão de Moradores.

21 a 25 MARÇO — CICLO DE CINEMA DA JUVENTUDE. Em vários locais. Organização de grupos de jovens do concelho.

24 MARÇO — CONCURSO DE POESIA E PINTURA ALUSIVO AO 25 DE ABRIL E PROGRAMA RÁDIOFÓNICO COM CRIANÇAS DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS. Inscrições na Junta de Freguesia de Corrois.

25 MARÇO — ESPECTÁCULO COM BRIGADA VICTOR JARA E QUINTETO MARIA JOÃO — Comemorações do Dia da Juventude. Às 15 h. No Pavilhão da Siderurgia em Paio Pires. Organização da Câmara Municipal do Seixal.

26 e 27 MARÇO — VELA. Às 13 h. Torneio de Abertura na Baía do Seixal. Organização da Associação Náutica do Seixal.

27 MARÇO — ATLETISMO 3.º CORTA-MATO DE CORROIOS. Às 10 h. Inscrições na Junta de Freguesia de Corroios e Núcleos de Animadores Desportivos.

27 MARÇO — FUTEBOL DE SALÃO (Masculino e Feminino). Às 15 h. No ringue da Rua Cidade de Aveiro-Corroios. Organização da Junta de Freguesia de Corroios e Núcleos de Animadores Desportivos.

2 ABRIL — TÉNIS DE MESA «TORNEIO PÁSCOA». Às 10 h. Inscrições na Junta de Freguesia de Corroios e Ginásio Clube de Corroios.

10 ABRIL — XADREZ «TORNEIO PÁSCOA». Inscrições na Junta de Freguesia de Corroios e Ginásio Clube de Corroios.

10 ABRIL — CICLO-TURISMO «PAIO PIRES-VERDIZELA». Às 7.30 h, com convívio na Verdizela e jogos populares desportivos (malha, gincanas, futebol de salão e outros). Inscrições na Junta de Freguesia de Paio Pires e Grupo Recreativo de Santo António.

10 ABRIL — TIRO AO ALVO «TORNEIO ABERTO DE PAIO PIRES». Às 14 h. Inscrições na Junta de Freguesia de Paio Pires e Paio Pires Futebol Clube.

17 ABRIL — ATLETISMO «18 KM DA FREGUESIA DE AMORA» — 1/2 MARATONA. Às 9.30 h. Inscrições na Junta de Freguesia de Amora e Sociedade Filarmónica Operária Amorense.

17 ABRIL — ATLETISMO «PROVA DE MARCHA DO SEIXAL». ÀS 9.30 h. Inscrições na Junta de Freguesia do Seixal, Timbre Seixalense e Clube de Campismo Luz e Vida.

23 ABRIL — VELA — REGATAS «25 DE ABRIL». Às 13 h, na Baía do Seixal. Organização da Associação Náutica do Seixal.

23 ABRIL — ATLETISMO ESCOLAR — «ESTAFETA DA LIBERDADE» — AMORA, TORRE DA MARINHA, PAIO PIRES. SEIXAL. Às 10 h. Organização das Escolas Preparatórias e Secundárias do concelho do Seixal.

24 ABRIL — ATLETISMO — «GRANDE PROVA DE MARCHA 25 DE ABRIL» — TORRE DA MARINHA, SEIXAL. Às 22.30 h. Organização das colectividades, juntas e Câmara.

24 ABRIL — COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL. No Largo da Mundet. Das 21 às 23.30 h: Espectáculo c/grupos musical e folclórico; às 23.30 h; chegada da «GRANDE PROVA DE MARCHA»; às 00.00 h; Fogo-de-Artifício.

EM ABRIL — CONCURSO DE FOTOGRAFIA. Inscrições até 2 de Abril na Junta de Freguesia de Corroios e Clube Recreativo e Desportivo Brasileiro Rouxinol. Temas: Património Cultural. A Criança, 3.ª Idade.

EM MAIO — FUTEBOL — FEMININO «TORNEIO DE SENIORES», nos campos do concelho. Organização do Amora Futebol Clube e Junta de Freguesia de Amora.

EM MAIO — MINIBASQUETEBOL. Torneio no ringue do Clube Recreativo e Desportivo Brasileiro Rouxinol. Inscrições na Junta de Freguesia de Corroios e CRD Brasileiro/Rouxinol.

8 MAIO — ATLETISMO «GRANDE PRÉMIO DA FREGUESIA DE ARRENTELA». Às 9.30 h. Inscrições na Junta de Freguesia de Arrentela e Clube Recreativo das Cavaquinhas.

22 MAIO — PESCA «1.º GRANDE CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA DE MAR DO CONCELHO DO SEIXAL» (Baía do Seixal). Às 7.30 h. Inscrições na Junta de Freguesia de Paio Pires.

29 MAIO — CICLISMO «GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DE TORRES VEDRAS». Volta ao concelho e final de etapa no Seixal. Apoio e colaboração da Câmara Municipal do Seixal.

PARA MAIS PORMENORES, CONSULTAR OS PROGRAMAS RESPECTIVOS

ORGANIZAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL, JUNTAS DE FREGUESIA, COLECTIVIDADES E ESCOLAS

À esquerda, de perfil, Alípio Ferreira. Um cartaz, posto no furgão automóvel onde o jornalista dormiu, diz das razões da sua luta

"Jornal de Notícias":

paralisação talvez segunda-feira

Alípio Ferreira prossegue greve de fome

Os trabalhadores do «Jornal de Notícias» poderão entrar em greve segunda-feira caso a administração da empresa não readmita o jornalista Alípio Ferreira – afirmou à ANOP um elemento do Conselho de Redacção do «JN».

Alípio Ferreira, despedido há cerca de três meses, encontra-se a cumprir um jejum por tempo indeterminado desde as 14 horas de ontem (como noticiámos) frente às instalações do jornal para pressionar a administração da empresa a readmiti-lo nos quadros redactoriais daquele matutino portuense.

Os pré-avisos de greve entregues já ao Conselho de Administração do «Jornal de Notícias» abrangem todos os trabalhadores da empresa,incluindo os gráficos e os jornalistas do verpertino «Notícias da Tarde».

Entretanto, durante um plenário ontem realizado ao fim da tarde, convocado pelos delegados sindicais e pela Comissão de Trabalhadores, um dirigente do Sindicato dos Gráficos afirmou que «o caso Alípio Ferreira constitui uma enorme injustiça para com um trabalhador.»

Um representante do Sindicato dos Jornalistas, que interveio igualmente no plenário, lamentou que a administração do matutino «tenha obrigado Alípio Ferreira a recorrer à greve da fome como derradeiro estádio da sua luta.».

César Príncipe, em nome do Conselho de Redacção, sublinhou que Alípio Ferreira «é um homem de grande dignidade» e alertou os trabalhadores da empresa para «o melindre» resultante de uma greve da fome de um jornalista.

Esta manhã, Alípio Ferreira continuava a sua forma de luta. Um furgão automóvel, ostentando de cada lado cartazes onde se lê «Reintegração imediata do jornalista Alípio Ferreira», presta-lhe a necessária assistência.

Contactado pelo «Diário de Lisboa», através da sua delegação no Porto, Alípio Ferreira afirmaria ainda esta manhã:

«Reintegração ou morte!»

E ainda:

«Cabe à Administração/Direcção do «JN» pôr termo à greve que eu iniciei» – disse o jornalista (fisicamente abatido), para quem o radicalismo da sua luta é tão-só «a resposta adequada ao radicalismo da hierarquia do «Jornal de Notícias».

Estranha posição de um juiz

Por outro lado, os órgãos representativos dos trabalhadores do «Jornal de Notícias» consideram que o documento do juiz Carlos Horta sobre o pedido de suspensão de despedimento (até julgamento) do jornalista Alípio Ferreira «é mais um panfleto que uma sentença».

Em comunicado dirigido aos órgãos de Comunicação Social, o Conselho de Redacção, delegados sindicais e Comissão de Trabalhadores acrescentam que «a carga de opiniões pessoais do magistrado sobrepõe-se a tudo quanto se possa supor».

As considerações redigidas pelo juiz Carlos Constante Horta, do 7.º Tribunal do Trabalho, sobre a recusa do pedido de suspensão da referida acção de despedimento, só agora foram Jornadas públicas.

CR, delegados sindicais e CT consideram que o juiz, «sem se basear em quaisquer provas existentes no processo», recheou a «sua aula de jornalismo» e de «afirmações vagas». Por exemplo: o «JN» estaria a evidenciar «um certo pendor político», pecado de que «absolve a direcção e a administração, culpando a Redacção...»

Sublinham os órgãos representativos dos trabalhadores que «não apura o juiz se o notório prestígio e expansão do «JN» foi conquistado pela redacção ou se pela administração e direcção».

Aqueles órgãos representativos consideram ainda que «o tom tribunalício, exclamativo e reticente das considerações do juiz, a respeito de uma simples notícia de Alípio Ferreira relacionada com uma adega cooperativa, se assemelha antes ao prenúncio de uma terceira guerra mundial...»

Depois de mais algumas considerações sobre o documento que recusa o pedido de suspensão de despedimento até julgamento, CR, delegados sindicais e CT afirmam que o juiz «ignora, sobretudo, que Alípio Ferreira é apenas um repórter, e que, para a notícia ser publicada teve de ter o acordo do respectivo coordenador da secção, do chefe da Redacção e do próprio director, que também não podem eximir-se a eventuais responsabilidades».

Apoio do SJ

O Sindicato dos Jornalistas, pronunciando-se sobre o caso, responsabilizou a administração do «Jornal de Notícias» pelas consequências resultantes da greve de fome que o seu associado Alípio Ferreira ontem iniciou frente às instalações da empresa.

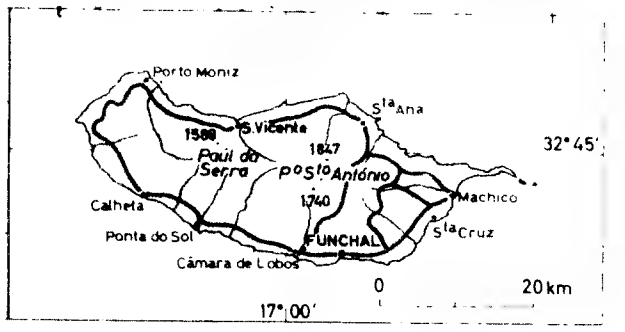
«O caso Alípio Ferreira não pode deixar de integrar-se no rol de ilegalidades que a administração do «JN» vem cometendo, designadamente ao manter uma direcção ilegal no jornal, conforme já reconheceu o Conselho de Imprensa» – refere um comunicado do SJ.

O SJ reitera o seu apoio a Alípio Ferreira «nesta forma de luta extrema» e apela à classe para a «permente mobilização em torno de um caso que se reveste de grande importância».

Quando a Madeira apodrece... — 1

Ilha: porção de terra rodeada de défices por todo o lado

As tradicionais inaugurações da Madeira poderão ter os dias contados. As dificuldades financeiras generalizadas ditarão seguramente a política no arquipélago durante os próximos anos. A situação difícil tem já reflexos a nível das autarquias com os seus dez milhões de contos, de défice garantidos para o ano corrente.



O Governo Regional não se encontra em situação mais brilhante. Habituado a dinheiros largos até 1980, o executivo de Albertm João Jardim foi confrontado por Cavaco e Silva com verbas fixas retiradas do Orçamento Geral do Estado. O facto ficou a dever-se ao estabelecimento de um critério até então inexistente.

O cidadão madeirense passou naquele ano a valer o mesmo em termos de OGE do que o de qualquer outra região. As obras da iniciativa do Governo Regional ou das Câmaras Municipais, andavam então a um ritmo impressionantem

O dinheiro é indispensável para mostrar ao eleitorado o rodopio prometido durante as corridas até ás urnas. O Governo Regional, confinado às verbas fixadas a partir de Lisboa, passou a bater-se por avales do Estado a empréstimos junto da banca.

O saldo vai neste momento em 12 milhões de contos de dividas aos bancos por parte do Governo Regional. As perspectivas para o ano corrente, com a necessidade de continuar obras, cumprir contratos e assumir juros vão para os 20 milhões. Os juros do dinheiro emprestado estão eles próprios ameaçados pela diferença entre as receitas e os encargos fixos.

As 11 Câmaras Municipais da Madeira têm neste momento uma situação complicadissima. O défice conjunto para o ano corrente situa-se nos dez milhões de contos e as grandes firmas decidiram já não fazer mais fornecimentos a qualquer delas salvo se for a pronto pagamento.

Duas das câmaras encontram-se em situação mais difícil do que qualquer das outras: Funchal e Santana têm défices a curto prazo que rondam os dois milhões de contos por cada uma delas.

O espanto será indomável, tendo em conta que no caso de Santana, situado na costa Norte da ilha da Madeira, se trata de um concelho com 7259 eleitores recenseados para o último acto eleitoral.

Um salto a Lisboa por dez milhões

«O executivo regional, face a esta situação está a estudar um plano no sentido de assegurar os meios financeiros necessários», assegurava uma fonte governamental (da Região) a propósito dos 10 milhões de contos de défice relativo aos municípios madeirenses.

A mobilização desses meios financeiros era remetida para as diligências junto do Governo da República que Alberto João Jardim terá efectuado durante a sua deslocação a Lisboa, no princípio do mês corrente.

A perspectiva das forças políticas da região, nunca esquecendo o «príncipe» ou o «imperador» Alberto João Jardim (como é conhecido, conforme os meios), parece ser a de avançar, avançar, sempre. «O líder madeirense» – noticiava o «Diário Notícias» do Funchal há cerca de um mês – «chefiou uma delegação do seu gabinete que se encontrou com os presidentes das Câmaras Municipais de São Vicente e Santana».

A determinação saida do encontro? A de «que se deve dar prioridade à conclusão de todas as obras em curso, para que então outros compromissos, mesmo que previstos no plano de realizações até 1984, sejam assumidos».

O processo parece ser imparável por motivos vincadamente políticos. Se as obras páram, o que vão dizer as câmaras PSD, o Governo Regional PSD?

A questão pode e deve ainda ser encarada por outra óptica. Se o dinheiro faltar, por que caminho vai entrar o líder madeirense: esgrimir a velha lança da independência, ou passa a mostrar à sua «população» como mudaram as coisas com a «saída» da AD da área do Poder?

Pano de fundo: economia deficitária

«A economia da Madeira representa dois por cento da economia nacional» – diz-nos o engenheiro David Caldeira, militante do Partido Socialista, tradicional fazedor de contas da região. Uma nota a propósito: quando são divulgadas estas contas, o «príncipe» contra-argumenta: «ora, contas feitas, por um químico...»

«O dinheiro aqui tem sido extremamente abundante» – acrescenta David Caldeira. A situação de abundância, por vezes ao ponto de não ser consumida toda a receita (aconteceu em 1980...), prolongou-se até ao Ministério de Cavaco e Silva.

O estabelecimento de um critério só então e curiosamente, foi feito O Orçamento Geral do Estado pasou então a contemplar a Região da Madeira, como o faz com qualquer outra. As verbas são distribuídas **per capita** a partir dessa altura.

A partir de então, o OGE deixou de cobrir indiscriminadamente as facturas que eram apresentadas por Alberto João Jardim. Até então, a prática era ver o que fazia falta e depois pedir quanto excedesse a capacidade de resposta do Orçamento Regional.

A alternativa surgiu e uma nova via foi encontrada: o recurso à banca, com o aval do Estado, obtido nas repetidas viagens do líder madeirense a Lisboa, com diligências diversas, de ministrm para ministro, e fotos atempadas nos jornais funchalenses.

Os apoios políticos assim obtidos a nível do arquipélago, entende David Caldeira, podem ser multiplicados, por dez. Em contrapartida, diz, os sete milhões que o Estado avalizou no ano passado, não são importantes em termos de economia nacional.

O dinheiro foi tão abundante que em 1980 a Madeira não consumiu tudo. «Este fenómeno era extensivo às câmaras. Passou a haver um novo-riquismo geral, sem consciência das realidades» – acrescenta David Caldeira.

Política anarquica e incompetente do PSD

As razões para este estado de coisas assentam, do ponto de vista do Partido Comunista, numa «política anarquica, irresponsável, incompetente e corrupta da gestão PPD-/PSD».

Os caminhos que conduziram à situação actualmente verificada são apontados pelos responsáveis daquele partido na Região. O primeiro problema apontado é a deficiente definição e programação de prioridades na realidade financeira concreta de cada câmara.

As alternativas, explica o PCP, foi a opção por obras de fachada que praticamente nunca favoreceram as populações dos respectivos municípios.

Um outro peso no mesmo prato da balança indicam os mesmos elementos, é «a forma deficiente, desorganizada, anárquica e por vezes ilegal como são lançados a esmagadora maioria dos empreendimentos, permitindo por isso uma situação de salve-se quem puder».

O PCP tem, ainda, uma palavra de ataque ao Partido Socialista madeirense, acusando a falta de denúncia da situação. Mais, garante aquele partido, o PS chegou «mesmo, como no caso da Câmara do Funchal, a votar sempre a favor de todas as propostas apresentadas pelo PSD».

Os défices apontados pelo PCP, anote-se, não chegam aos totais reconhecidos pelo próprio Governo Regional. Assim, para a Câmara do Funchal, e-nos referido cerca de um milhão e meio de contos; para Calheta cerca de 200 mil contos; para Santa Cruz cerca de 250 mil; para Santana cerca de um milhão.

Ainda assim, os números são reveladores...

Texto de Rogério Vidigal
Fotos de Manuel Nicolau

Uma ilha rodeada de défices por todo o lado. Em Machico, soma-se-lhe um eleitorado renitente em aceitar a lógica social-democrata

Do prazer ao pesar

MADEIRA... As onze Câmaras Municipais da Madeira têm um défice para o ano corrente calculado em dez milhões de contos. A situação dificil assim esboçada tem por pano de fundo uma dívida da Região à banca no valor de 12 milhões.

Os habitantes do arquipélago terão estado fascinados, durante todos estes anos, pelo ritmo impressionante que foi imprimido a numerosas realizações. O dinheiro nunca faltou para garantir as inaugurações de tanta obra no círculo fechado das duas ilhas.

A torneira, porém, foi fechada, curiosamente pela mão de Cavaco e Silva. Tal facto poderá comprometer a popularidade de João Jardim e a concretização das promessas eleitorais.

Formação de professores e sistema educativo

Durante hora e meia, professores e técnicos de educação fizeram perguntas, anteontem à noite, num hotel de Lisboa, sobre duas das questões que mais os preocupam: a formação de professores e a formação profissional. Aconteceu na sessão promovida pelo MDP/CDE sobre «Formação do professor e sistema educativo», integrada na série de debates públicos sobre temas nacionais que aquele partido está a promover em Lisboa. Qual a posição do MDP/CDE sobre aqueles questões fulcrais foi igualmente tónica das perguntas.

Na sessão, presidida por Domingos Moura, coordenador do grupo de estudos do sector da educação do MDP/CDE, intervieram também Salvado Sampaio, representante daquele sector no secretariado do partido e Faria e Silva, coordenador dos professores da zona de Lisboa.

Salvado Sampaio salientou na sua intervenção a donâmica errada do ensino tal como actualmente se pratica em Portugal, contraponto a dinâmica participativa e democrática do Projecto de Lei de Bases do Sistema Educativo que o MDP apresentou na Assembleia da República.

Faria e Silva abordou a elevada percentagem de abandono do ensino em Portugal, e da má rendibilidade dos alunos, o que relacionou com a formação dos professores, e os últimos problemas surgidos no Ministério da Educação quanto à avaliação da formação contínua.

Dado o interesse do tema «Formação profissional», que foi já objecto de debate na sessão promovida pelo MDP/CDE no seu centro de Arroios, aquele partido vai procurar repetir o debate desse tema no Hotel Roma.

No próximo dia 30, realiza-se naquele hotel às 21 e 30, o debate sobre Comunicaçô Social.

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Professores debatem Educação para a Paz

A Comissão Permanente do Encontro Científico contras as Armas Nucleares e o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa promovem amanhã, às 15 horas, um encontro de professores a propósito do tema «As armas nucleares e a educação pela paz».

Após a inscrição e entrega de documentos às 14 e 30, o programa terá a seguinte sequência: às 15 horas, abertura e apresentação das comunicações sobre; a corrida aos armamentos; estádio actual, pelo advogado Vítor Garrido: Aspectos físicos das armas nucleares, pelo investigador do LNETI Frederico de Carvalho. Efeitos biológicos e sobre o ambiente das armas nucleares, pela investigadora do INIC Regina Salles Grade; Efeitos médicos das armas nucleares, por Moradas Ferreira, chefe de clinica do hospital de Santa Maria Para as 17 e 30 está previsto um debate sobre Educação para a paz, introduzido por Dulce Rebelo, do IGC e moderado por Rui Grácio, também do IGC. Serão visionados três filmes curtos sobre a Educação para a paz.

Conferência do Ensino Especial

«Não temos formação adequada e somos constantemente postos perante casos bem difíceis a que temos de dar resposta», «Tacteamos mais do que sistematizamos», «Sentimo-nos amadores», «O professor empenha-se, de facto, mas desorganizadamente» – estas afirmações, produzidas ontem na Fundação Gulbenkian durante a Conferência Nacional de Educação e Ensino Especial, traduzem não só a insatisfação dos profissionais do sector mas também a insuficiência daquele ensino entre nós. Ontem foram lidas intervenções sobre «Objectivos da educação e ensino especial» e «Rede e organização do ensino especial». Hoje foi tratado o tema «Formação, estatuto, carreira, quadros», encerrando os trabalhos esta tarde, após debate público.

A ÁRVORE SUPORTE DO MUNDO
21 de MARÇO
DIA MUNDIAL DA FLORESTA

STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

CONSELHO NACIONAL EXTRAORDINÁRIO EM RESTRITO

CONVOCATÓRIA

De harmonia com o preceituado no Artigo 39.º dos Estatutos do STAL e tendo em atenção o estabelecido nos Artigos 3.º e 5.º do Regulamento do Conselho Nacional, convoco as Direcções Regionais, a Direcção Nacional, a Comissão de Fiscalização e Contas e todos os elementos da Mesa da Assembleia Geral, para o Conselho Nacional Extraordinário, em restrito, a funcionar em Santarém, na Sede do STAL, no dia 26 de Março de 1983 (sábado) e no dia 27 de Março de 1983 (domingo) com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO 1 — Aprovação da acta n.º 2/82 do Conselho Nacional Ordinário, em restrito de 27 e 28 de Março de 1982.
PONTO 2 — Apreciação, discussão e deliberação sobre o relatório e Contas da D. N. referente ao exercício de 1982 e do parecer da C. F. C.
— Discussão
— Deliberações
PONTO 3 — Comissão Nacional de Eleições.
— Discussão
— Deliberações
PONTO 4 — Serviços Jurídicos.
— Discussão
— Deliberações
PONTO 5 — Questões Económicas.
— Discussão
— Deliberações
PONTO 6 — Aquisição do edifício onde se encontra instalada a sede da Direcção Regional de Santarém.
— Discussão
— Deliberações
PONTO 7 — Decreto-Lei n.º 406/82 (ponto que se relaciona com a deslocação da D. N. à Horta).
— Discussão.
— Deliberações.
PONTO 8 — Revisão dos Estatutos. Ponto da situação.
PONTO 9 — Actuações dos T. A. L. para 1983.
— Discussão.
— Deliberações.
PONTO 10 — Informações.

NOTA:
Os pontos de 2 a 5 são da responsabilidade da Direcção Nacional.
O ponto n.º 6 da responsabilidade da D. R. de Santarém.
O ponto n.º 7 da D. R. da Horta.
Os pontos n.ºs 8 e 9 da responsabilidade da D. R. de Lisboa.

HORÁRIO DAS REUNIÕES

Dia 26 de Março
1.º Período — das 10.00 às 12.30 horas.
2.º Período — das 15.00 às 19.00 horas.

Dia 27 de Março
3.º Período — das 9.00 às 13 horas.

NOTA:
Caso o andamento dos trabalhos o torne necessário, realizar-se-á um período suplementar no dia 26 de Março das 21.30 às 24.00 horas.
A decisão da realização deste período de trabalho será tomada no final do segundo período, por votação maioritária.

Santarém, 15 de Março de 1983

O Presidente da MAG

João Salgueiro entende que não

Parceiros sociais pouco informados sobre adesão à CEE

A maior parte das organizações sindicais e patronais ontem recebidas, no Porto, pelos parlamentares membros do Comité Misto Parlamento Europeu/Assembleia da República declararam-se pouco informadas sobre as negociações de adesão de Portugal à CEE. Os representantes dos parceiros sociais (CGTP, UGT, CIP, AIP, CCP, MPMCI, CAP, CNA e UDAS) repetiram perante os deputados portugueses e dos países da CEE as queixas que muitas das suas associações vêm repetindo desde há vários anos: o governo não tem informado e consultado os interlocutores sociais com a regularidade e a profundidade por eles desejada, de modo a dar-lhes uma voz activa no processo de negociação com a CEE.

Acusações deste tipo ouviram-se ainda recentemente por parte da Associação Industrial Portuguesa e da Associação Nacional das Indústrias de Material Eléctrico e Electrónico, insistindo normalmente os industriais no facto de serem informados apenas depois das questões que lhes tocam terem sido negociadas, e de as suas recomendações raramente serem tidas em conta.

Em resposta às afirmações dos parceiros sociais, João Salgueiro, que também esteve presente na reunião do Porto, declarou aos jornalistas «não ser verdade que os parceiros sociais tenham falta de informações sobre o processo de adesão de Portugal à CEE». Na sua opinião, «o governo não pode ser responsabilizado por alegado desconhecimento do processo», acrescentando que «não compete ao governo tomar a iniciativa de os envolver no processo».

«Dossiers» recusados a deputado

A propósito do mesmo assunto, o professor Valente de Oliveira, presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte, fez também uma significativa declaração: «Quem procura informar-se e tem nisso interesse acaba sempre por obter as informações pretendidas». Na mesma linha de pensamento Valente de Oliveira acrescentou: «A iniciativa deve partir de quem quer ser informado, porque é mais fácil responder a solicitações do que ter a preocupação constante de informar»...

A deputada comunista Ilda de Figueiredo, membro da Comissão Permanente do Comité Misto Parlamento Europeu/ Assembleia da República, por seu lado, desmentiu as afirmações de João Salgueiro e Valente de Oliveira com um caso bem preciso: «Desde 1982, disse a deputada, que tenho pedido repetidamente, verbalmente e por escrito, ao ministro João Salgueiro a consulta dos «dossiers» dos têxteis». Até hoje, acrescentou, «nunca esses «dossiers» me foram facultados».

Em resposta aos jornalistas, a questão de atraso na concretização do Plano de ajudas de pré-adesão da CEE a Portugal foi referido por João Salgueiro como sendo da responsabilidade das instituições comunitárias. Segundo Salgueiro esse atraso deve-se principalmente ao facto de se tratar de um mecanismo de financiamento lento, que até aqui nunca tinha funcionado na CEE e que envolve a Comissão e o Conselho da Comunidade. Recorde-se que ainda há algum tempo Gaston Thorn, presidente da Comissão da CEE, rebateu em Lisboa este tipo de argumentação remetendo para a administração portuguesa a responsabilidade pelos atrasos verificados na aplicação daquele plano.

A sétima reunião do Comité Misto Assembleia da República/Parlamento Europeu termina amanhã.

Novo regime do SIII

Investimento regional prioritário

O Sistema Integrado de Incentivos ao Investimento (SIII) acaba de sofrer uma revisão no sentido de acelerar o processo de concessão de subsídios e apoios financeiros e privilegiar a óptica da localização regional reduzindo-se a ponderação atribuída ao critério da produtividade, até aqui dominante.

O novo sistema vem hoje publicado no «Diário da República» (Decreto-Lei n.º 132/83 de 18 de Março) e assenta na intenção expressa de aumentar o volume e qualidade dos investimentos em regiões mais afastadas dos núcleos industriais existentes, para promover o desenvolvimento regional, e nos sectores mais rentáveis de cada região.

Segundo o articulado do decreto-lei, fica excluído, como regra que admite algumas excepções sujeitas ao parecer do ministério da tutela, o acesso ao SIII para a compra de bens de equipamento usados. Em contrapartida, foi tornada extensiva a aplicação do sistema aos investimentos de substituição.

Por isso mesmo foi instituído um novo regime de incentivos à transferência de localização dos investimentos, através de benefícios fiscais e financeiros, às empresas que transfiram a sua actividade de zonas de prioridade regional mais reduzida para zonas de prioridade máxima, desde que essa transferência não envolva redução dos postos de trabalho.

Jornalistas portugueses ouviram queixas

Balanço da Grécia na CEE é negativo

A Grécia só permanecerá na CEE se esta lhe permitir a implementação da política de desenvolvimento económico definida pelo governo de Atenas, declarou ontem a jornalistas portugueses um dos responsáveis gregos pelas relações com a Comunidade. Achiles Mitsos, conselheiro do secretário de Estado grego dos Negócios Estrangeiros, disse que essa questão, juntamente com a necessidade de aumentar os financiamentos da comunidade à Grécia, está actualmente a ser discutida no quadro do «memorando» apresentado pelo governo socialista grego, há cerca de um ano, pouco depois da sua tomada de posse.

Sublinhando algumas das consequências da adesão do seu país à CEE, Mitsos disse que a balança comercial da Grécia com a Comunidade se degradou fortemente. tendo todavia crescido no último ano os fluxos financeiros entre Bruxelas e Atenas. «Globalmente, acrescentou, o balanço de 1981 foi negativo», apresentando a Grécia, pela primeira vez nesse ano, uma balança comercial agrícola negativa, facto que se veio a repetir em 1982. No primeiro daqueles anos as importações gregas totais aumentaram em 48 por cento, enquanto que as suas vendas ao exterior subiram apenas 4 por cento.

Caso a Grécia não tivesse aderido à Comunidade e as trocas entre ambas tivessem crescido ao ritmo anterior, a Grécia teria apresentado em 1981 um défice comercial global com a CEE de menos 600 milhões de dólares, sublinhou a mesma fonte.

Uma das razões desta situação reside no facto de o preceito da «preferência comunitária» obrigar os membros da CEE a adquirir nos mercados comunitários todos os produtos agrícolas de que necessitem de importar. Em consequência, a CEE, que apenas fornecia à Grécia 20% da carne consumida no país, passou a vender-lhe 90 por cento deste total, com os inevitáveis aumentos de preços resultantes do facto dos preços agrícolas serem muito mais caros nos mercados comunitários. No que respeita aos fluxos financeiros entre Bruxelas e Atenas, Mitsos afirmou que em 1981 a Grécia recebeu 100 milhões de unidades de contas (cerca de um dólar cada), tendo esse montante subido para 700 milhões em 1982, e esperando-se que atinja os mil milhões durante este ano.

A propósito da adesão de Portugal, o conselheiro do governo grego encarregado das relações com a CEE disse que o seu país **a apoia, não apenas por razões políticas, mas também porque pretende reforçar o peso dos países mediterrânicos no seio da organização. Trata-se, disse, de constituir na Comunidade um grupo de países do Sul com problemas e interesses económicos semelhantes, de modo a aumentarem a sua capacidade negocial interna.**

Achiles Mitsos defendeu que não surgiu ultimamente nenhuma alteração da atitude do governo grego face à permanência do país na CEE, frisando que a negociação do «memorando» deverá trazer elementos concretos para esta questão dentro de duas semanas, altura em que será possível avaliar das possibilidades de implementar uma política económica nacional de desenvolvimento no quadro das instituições da CEE.

em duas palavras

COLÓQUIOS SOBRE A EUROPA e as Comunidades Europeias vão ser organizados em Lisboa pelo Instituto Francisco Sá Carneiro, com a participação de figuras políticas conhecidas dos sectores do centro e da direita internacionais, segundo foi ontem anunciado em Lisboa.

Entre os principais convidados deste Instituto do PSD contam-se Walter Scheel, antigo presidente da Alemanha Federal, Adolfo Suarez, ex-chefe do Governo espanhol, Hans Dietrich Genscher, ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA,e Jean François Poncet, que foi titular da pasta dos Estrangeiros num dos governos franceses presididos por Giscard d'Estaing.

O primeiro desses colóquios realiza-se no final da próxima semana, com a participação de Jean François Poncet e subordinado ao tema «O quadro e funcionamento das instituições europeias».

●●●

A CIC/83 – Feira Comercial e Industrial de Coimbra decorrerá este ano entre os dias 25 de Junho e 4 de Julho e englobará a III Bienal da Cerâmica e do Vidro.

Integrados nas jornadas técnicas do CIC/83 realizar-se-ão dois importantes simpósios, o primeiro sobre cerâmica e o segundo sobre alimentação.

Finalmente!

Orçamento/83 chegou hoje ao "Diário da República"

Não obstante ter sido aprovado em 28 de Fevereiro só agora o Orçamento Geral do Estado para 1983 chegou ao «Diário da República» para vigorar com força de lei, tendo sido hoje distribuído o respectivo suplemento, com aquela data e que inclui o decreto-lei orçamental e os diplomas que fixam o regime dos impostos para este ano.

Tal como foi noticiado por alturas da aprovação na Assembleia da República, o défice global previsto para o OGE/83 é de 150,3 milhões de contos, ou seja um valor nominal idêntico am do ano passado e, em termos reais, cortes de despesas na ordem dos 19 por cento. Os encargos com o juro da dívida pública subiram mais 50 milhões de contos.

São igualmente publicados neste suplemento ao «DR» de 28 de Fevereiro, as alterações aos impostos de selo, sucessões e doações, mais-valias, capitais, transacções, profissional e complementar e à contribuição industrial.

Seguros

Lista alternativa pretende repor a democracia no Sindicato e resolver os problemas da classe

— afirma Costa Moreira

O Sindicato dos Seguros do Sul e Ilhas, com uns estatutos que constituem um verdadeiro «colete de forças», marginaliza os trabalhadores, não lhes permitindo uma participação democrática na resolução dos problemas comuns à classe, afirmou ao «DL» António Costa Moreira, que encabeça a Lista Alternativa, concorrente às eleições que no próximo dia 22, terça-feira, designarão os 300 membros do congresso, as comissões regionais e as comissões sindicais de empresa do sector, para o triénio de 1983/86.

A actuação da direcção do sindicato (afecta à UGT) segundo Costa Moreira, tem-se pautado por um «secretismo de gabinetes», chegando a manter encontros com os conselhos de gestão e administrações das empresas, «inteiramente à revelia dos delegados sindicais e das comissões de trabalhadores». Por outro lado, referiu o sindicalista, trabalhador da Companhia de Seguros Europeia, a direcção fez inúmeras promessas, de que os trabalhadores têm conhecimento, e que não cumpriu, nomeadamente no que se refere à montagem de uma cooperativa de consumo, à política de negociação salarial, à constituição de uma cooperativa de habitação, à criação de uma creche-infantário, à integração na Previdência, à formação profissional e à acção sincical, que nas actuais condições «se limita a receber papéis, pagar as quotas e votar de três em três anos».

A Lista C, unitária, que Costa Moreira integra, segundo as suas palavras, pretende mudar esta situação, que criou um «amorfismo sindical» no sector dos seguros, dado o clima «do arbítrio e prepotência que se vive em muitas seguradoras» e que são o resultado das «decisões vergonhosas tomadas à margem dos trabalhadores e lesivas dos seus direitos».

Uma das tarefas a empreender pela Lista Alternativa consiste numa profunda alteração dos estatutos, «de modo a repor a democracia sindical na nossa organização e permitir que a classe participe e se prenuncie democraticamente sobre os seus problemas».

O Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul e Ilhas «tem que ser urgentemente devolvido aos trabalhadores, para que estes readquiram a confiança na sua associação de classe» – sublinhou Costa Moreira.

Garantir o presente e o futuro

A Lista Alternativa, para além de se comprometer a repor a democracia no sindicato, propõe-se lutar para que se acabe com os despedimentos sem justa causa; modificar os actuais processos arbitrários das promoções por mérito, introduzindo critérios objectivos e uniformes;

combater contra tectos salariais e promover a recuperação do poder de compra perdido durante a permanência da actual direcção; contrariar as transferências que não correspondam às necessidades do trabalhador e do próprio sector; lutar contra a reprivatização do sector; resolver a situação «caótica da assistência prestada aos trabalhadores e seus familiares», equipar e pôr em funcionamento creches e infantários; pôr em funciomanto imediato uma cooperativa de consumo; criar refeitorios; promover a formação profissional;

dinamizar a ocupação dos tempos livres; criar um gabinete de apoio aos delegados sindicais.

Todas estas iniciativas, e outras, segundo o sindicalista, para garantir aos trabalhadores «o presente e o futuro».

Greve encerra amanhã o comércio de Lisboa

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Lisboa confirmou a realização da greve no sector, marcada para amanhã, em luta pela satisfação de reivindicações salariais e em defesa do actual horário de trabalho.

Esta paralisação foi dicidada na sequência do rompimento, por parte das associações patronais, das negociações do contrato colectivo de trabalho do sector, que se encontravam em fase de conciliação no Ministério do Trabalho.

A comissão negociadora sindical concordou em aceitar aumentos das tabelas salariais entre os 18,4 por cento e os 22 por cento, mas «os negociadores patronais surgiram com a exigência de que os sindicatos assinassem uma declaração em que aceitassem a liberalização do horário de funcionamento dos estabelecimentos por todos os dias da semana como um facto consumado» — afirma um comunicado emitido pelo sindicato.

A comissão sindical recusou-se a aceitar a proposta de liberalização dos horários, mas contrapôs a eventualidade da criação de um grupo de trabalho que estudasse, a médio prazo, condições de alteração que viessem a ser introduzidas nos actuais esquemas de horários.

O comércio retalhista de Lisboa emprega cerca de 35 mil trabalhadores.

Mineiros da Panasqueira em luta

Os mineiros da Panasqueira vão estar em greve na próxima quarta-feira, em luta pela revisão das cláusulas pecuniárias do seu caderno reivindicativo.

Alegando a crise na cotação internacional do volfrâmio, minério que é extraído na Panasqueira, a administração pediu aos trabalhadores a negociação, em primeiro lugar, das cláusulas sociais do caderno reivindicativo. Mas, concluída esta fase de negociações, a empresa recusou-se a negociar qualquer cláusula de expressão pecuniária.

Em plenário realizado na terça-feira, os trabalhadores consideram que a crise invocada pela administração é um «fantasma fomentado pela Beralt Tin an Wolfram para conseguir os seus objectivos que são os de fazer recuar os trabalhadores no seu caderno reivindicativo além de outros objectivos de carácter exclusivamente monopolista» e decidiram a greve para quarta-feira.

Só no primeiro trimestre deste ano

Governo deve 500 mil contos à Carris

— afirma a CT

A comissão de trabalhadores da Carris acusa o Governo de transferir para as populações a maior parte do custo dos transportes diminuindo o montante da sua participação «que mesmo assim não paga na íntegra».

Em comunicado agora divulgado, aquela estrutura sindical adianta que as dívidas do Governo à referida empresa foram de 800 mil contos em 1981, de cerca de 1300 mil contos em 1982 e ascende já a 500 mil contos a dívida só no primeiro trimestre deste ano.

Estas verbas correspondem à comparticipação do Estado no custo real dos transportes, cujos serviços, a exemplo do que acontece na maioria dos países da Europa, designadamente na CEE, são considerados como essenciais à população. Daí é *obrigação do Governo gerir os dinheiros públicos de forma a criar ao povo as condições sociais mínimas que permitam o cabal desenvolvimento da sua capacidade de trabalho. Assegurar um transporte público eficiente é uma dessas condições*, considera a CT da Carris.

Por outro lado, aquela comissão de trabalhadores não aceita a alegada justificação governamental de que os cortes nas indemnizações compensatórias se devem à situação de crise económica que o País atravessa. *Como se compreende então que o Governo despenda cerca de 25 mil contos por dia para os transportes alternativos?*

Paralelamente, prossegue aquela CT, *vêem-se aumentar de dia para dia o número de veículos das empresas privadas, designadamente da Barraqueiro, quando a Carris, em vez de lhe serem proporcionadas as condições necessárias para a aquisição de novos autocarros e futuramente dos eléctricos rápidos, é empurrada por este Governo para o seu aluguer através do sistema de financiamento leasing.*

Intoxicação

Que faz o Governo? Quanto a isto responde a CT da Carris: *Sabendo que o solucionar do problema passa pela compreensão por parte das populações das razões que motivam as lutas dos trabalhadores, o Governo servindo-se dos meios de comunicação estatizados, utiliza-os como forma de intoxicar a opinião pública e os trabalhadores.* Para tal, e de acordo com a mesma CT, o Executivo utiliza duas espécies de argumentos: quanto à opinião pública faz crer que os aumentos de salários são a causa dos aumentos de tarifas escamoteando que enquanto estas aumentaram quatro vezes – Janeiro e Setembro de 1981, Janeiro de 1982, e Janeiro deste ano – os salários só subiram uma vez (Janeiro de 1982); aos trabalhadores tenta *atemorizá-los e quebrar a unidade que tem caracterizado a luta no sector.*

Depois de considerar compreensível que a populaçãm não aceite de bom grado as greves nos transportes, a CT da Carris faz um apelo aos trabalhadores da empresa **pois do êxito das lutas agora travadas é fundamental para a conclusão do processo negocial que brevemente iniciarão.**

Concentração

«A nossa luta não é muito diferente da luta que travam todos os trabalhadores portugueses», afirmou ontem à tarde um dirigente da Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos durante uma concentração de trabalhadores do sector frente ao Ministério dos Transportes e Obras Públicas, no Terreiro do Paço.

Na ocasião, uma delegação de trabalhadores e dirigentes sindicais tentou ser recebida pelo ministro da tutela, Viana Baptista, o que não conseguiu.

Reafirmada a disposição de participarem na greve convocada para o próximo dia 23, os milhares de trabalhadores presentes deram também o seu aval à manifestação que as várias federações sindicais convocaram para o dia 26, em Lisboa.

Um dirigente dos ferroviários que interveio garantiu: Nós não estamos em luta contra a população. Os utentes, tal como nós, são vítimas da política deste Governo, porque são mal servidos, pagam preços exagerados e, depois de pagos os passes sociais, não são servidos devido à intransigência do Governo em atender as nossas justificações perfeitamente justas.

Recorde-se que a Comissão Coordenadora das Organizações Sindicais do sector dos transportes manterá, permanentemente, até à greve de quarta-feira, uma delegação junto à Presidência do Conselho de Ministros, que tentará ser recebida por Pinto Balsemão.

Rodoviária Nacional também pára

Os trabalhadores da Rodoviária Nacional também paralisam durante 10 horas, no próximo dia 23, greve que irá coincidir com as convocadas para a CP, Metro e Carris pelas estruturas sindicais da CGTP.

Segundo um dirigente da FESTRU, a paralisação tem início às três horas da madrugada de quarta-feira. Os trabalhadores da RN reivindicam a aplicação imediata da proposta dos sindicatos que prevê um adiantamento salarial que corresponda à média dos aumentos já acordados em 1983 noutros sectores. Por outro lado, exigem a cessação das «tentativas de desmembramento da RN, que sejam pagas as dívidas do Estado à empresa e que seja cumprida a lei das comissões de trabalhadores».

Estas reivindicações constam de uma resolução aprovada numa reunião das estruturas representativas dos trabalhadores da Rodoviária Nacional realizada na passada terça-feira na qual se pretende também que a RTP dê tempo de antena à FESTRU para que esta estrutura sindical dê resposta à intervenção televisiva do ministro Viana Baptista.

Vidreiros da Fontela não desarmam

Não obstante a carga policial de ontem voltam a concentrar-se frente ao banco

Na sequência da carga policial ontem à tarde registada na dependência do Banco Português do Atlântico na Figueira da Foz, que o pessoal da Vidreira da Fontela ocupava desde as 8 e 30, os trabalhadores da Marinha Grande, respondendo a um apelo do Sindicato da Indústria Vidreira, paralisaram hoje, entre as 11 e 30 e as 12 e 30.

Esta interrupção do trabalho visou protestar contra a forma brutal como a força de intervenção da PSP, coadjuvada pela polícia local, interveio, provocando ferimentos em 27 trabalhadores, um dos quais sofreu traumatismo craniano. Teve ainda como objectivo manifestar um apoio firme à luta que os trabalhadores da Vidreira da Fontela travam pela manutenção dos seus postos de trabalho e pelo futuro da empresa.

Não obstante a intervenção policial ontem verificada os trabalhadores da Fontela não desmobilizaram. Assim, esta manhã, colocaram-se em frente à entrada das instalações do BPA da Figueira da Foz, não permitindo a entrada de qualquer cliente. Não há, no entanto, notícia de qualquer incidente.

Relativamente à intervenção policial de ontem, uma fonte da PSP de Coimbra, contactada pela ANOP, afirmou que «a concentração dos trabalhadores da Vidreira da Fontela era ilegal e que tinha impedido o funcionamento normal do Banco Português do Atlântico» o que – frisou – é inadmissível.

A meio da tarde de ontem, dois elementos da administração da Vidreira da Fontela e três representantes da comissão de trabalhadores da empresa deslocaram-se a Coimbra para uma reunião com o Governador Civil que se iniciou cerca das 15 e 45. Este garantiu o seu empenhamento no caso, tendo afirmado que iria falar pessoalmente com o secretário de Estado do Emprego, no sentido de tentar obter um empréstimo intercalar que permita garantir a manutenção dos postos de trabalho.

Ontem à noite, cerca das 22 e 30, os operários da Vidreira da Fontela, no âmbito da sua luta, cortaram a circulação de comboios na linha do Oeste, que entretanto já foi desobstruída, e no ramal de Alfarelos, que esta manhã continuava interrompido.

Os trabalhadores, que se mostram determinados em não desarmar enquanto a sua situação não for resolvida e assegurado o futuro da empresa, lutam pela viabilização da Vidreira da Fontela e acusam o BPA de utilizar subterfúgios para fugir às suas responsabilidades, como principal credor.

Espanha

Governo firme contra desestabilizadores militares

MADRID (do correspondente do «DL», Fernando Jauregui) – O ministro da Defesa, empregando a firmeza, destituiu ontem fulminantemente o governador da prisão militar de Alcalá de Henares, perto de Madrid, coronel Alejandro Roman Paez. O motivo desta decisão, até agora insólita na actuação do Governo socialista, deve-se ao facto de o coronel Roman Paez ter tido «um comportamento não regulamentar» acedendo à solicitude do prisioneiro Jaime Milans del Bosch, o qual pediu uma audiência com o rei.

O coronel Alejandro Roman, provavelmente seguindo instruções dos seus superiores, mantinha Milans, um dos cabecilhas da tentativa de sublevação ultradireitista de 23 de Fevereiro de 1981, num regime especial: liberdade de visitas e de movimentos dentro do recinto celular, tratamento de acordo com o seu posto militar, etc. Contudo nesta ocasião foi mais longe do que o previsto: quando Milans lhe fez chegar um pedido de entrevista com o rei Juan Carlos, o coronel, sem hesitações, saltando por cima da cadeia de comando, fez chegar a mensagem directamente ao palácio da Zarzuela. Na residência real, para além de se considerar «desnecessária» a entrevista do chefe de Estado com o prisioneiro Milans, deram conta das irregularidades do coronel Roman. E este foi assim destituído.

Esta é a primeira vez que o Governo socialista toma uma atitude semelhante. E fê-lo quando, no próximo dia 6 de Abril, o Supremo Tribunal examinará os recusos dos advogados de defesa dos condenados pelos acontecimentos do 23-F, data em que, recorda-se, um grupo de guardas civis, uma companhia da Divisão Blindada que rodeia Madrid e outros elementos isolados tomaram, de metralhadora na mão, o palácio das Cortes, onde Governo e Parlamento se encontravam reunidos em sessão solene.

Não se nega que, com o objectivo de fazer pressão a favor dos golpistas presos, que já levam mais de dois anos de detenção, a ultradireita espanhola tente acções propagandísticas nas datas imediatamente anteriores à reunião do Supremo Tribunal. O caso do coronel Roman poderia ser um bom pretexto, por mais que pareça que o Alto-Comando militar apoiou, sem reservas, a medida. De resto, o clima militar mantém-se tranquilo, pelo menos, aos olhos dos observadores não especializados.

A questão de Gibraltar

Madrid e Londres mantêm posições divergentes

A Grã-Bretanha e a Espanha mantêm posições divergentes sobre a «questão de Gibraltar». Esta parece ser a única certeza, após os contactos mantidos na capital britânica pelo ministro das Relações Externas de Madrid, Fernando Moran.

Com efeito, e depois de uma longa troca de impressões entre os responsáveis da política externa dois dois países, ambas as partes consideraram útil voltarem-se a encontrar daqui a um mês.

A mesma sensação de não progressão transpirou do encontro que Moram manteve ontem à noite com a primeira-ministra conservadora britânica, sr.ª Margareth Thatcher. Um porta-voz do n.º 10 de Downing Street, assegurou à Imprensa que os contactos entre os dois países vão continuar mas, a generalidade dos observadores, mostra-se pouco optimista e salienta que os resultados são poucos se se tiver em conta que no passado mês de Dezembro, depois do seu encontro em Bruxelas, foi prevista uma reunião para a Primavera, sobre a questão de Gibraltar.

Duas posições contraditórias

De resto, as declarações públicas vieram reafirmar as linhas de clivagem já conhecidas sobre o destino do rocheco.

O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, em conferência de Imprensa dada ontem à noite, reafirmou as posições de Madrid, a recuperação de Gibraltar deverá ser o ponto essencial de qualquer negociação anglo-espanhola. «Qualquer conversação tem de partir do reconhecimento da integridade territorial espanhola», sublinhou Moran. A questão da soberania é, assim, um dos «pontos-quentes» das conversações. Segundo fontes espanholas da delegação de Fernando Moran, torna-se impossível para o ministro participar numa reunião formal com Francis Pym a este respeito se o termo «soberania» não figurar no comunicado oficial.

No entanto, o ministro de Madrid, adiantou que se voltará a encontrar com o seu homólogo britânico, em Bruxelas, em 25 de Abril. Será mais um encontro informal, sublinham fontes espanholas.

Enquanto que, para Madrid a questão é de soberania, para as autoridades britânicas o problema resume-se a uma questão de «autodeterminação», um princípio válido tanto para os palestinianos como nas Malvinas, como sublinhou Francis Pym.

RFA

Strauss atrasa formação de governo

Os líderes dos sociais-cristãos e liberais alemães federais iniciaram ontem a discussão da formação do próximo governo, defrontando-se o bávaro Josef Strauss com o liberal Hans-Dietrich Genscher pela manutenção ou abandono deste gabinete.

Desse confronto, dependerá a presença de Strauss no próximo gabinete ou a sua permanência no governo estadual da Baviera!

Depois de três dias de negociações internas entre os cristãos-democratas e cristãos-sociais, ignora-se ainda que pasta o chanceler Helmut Kohl pretende atribuir ao seu correligionário bávaro — e se este aceitará.

Segundo o jornal «Frankfurter Allgemeine», Strauss estará excluído de três ministérios-chave: Negócios Estrangeiros, de que é titular Genscher, Economia e Fazenda. «Die Welt» considera que a economia e a Defesa são as únicas pastas que interessam a Strauss.

Qualquer ministério que Strauss aceite poderá estar ligado ao cargo de vice-chancelaria, desempenhado também por Genscher, mas crê-se que este aceitaria deixá-lo a troco de manter-se como ministro dos Negócios Estrangeiros — que o seu partido, os liberais, consideram irrenunciável.

O Ministério da Defesa não seria novidade para Strauss, que já o ocupou durante o período do chanceler Konrad Adenauer, embora tenha sido forçado a demitir-se em 1962 por causa do seu envolvimento no chamado «caso Spiegel», cujo director acusou de alta traição por ter criticado a sua política de defesa.

El Salvador

Assassinos poderão ser libertados

O processo dos quatro guardas salvadorenhos, «presumíveis» autores do assassinato de quatro religiosas americanas, em Dezembro de 1980, poderá terminar pela libertação dos acusados, devido a «vícios» de forma, declarou ontem um dos advogados da defesa, em San Salvador.

Segundo o advogado César Augusto Canas, defensor oficioso, o processo comporta «muitas coisas esquisitas» e «vícios», o que levou as autoridades judiciais de San Vicente a aceitarem o recurso. apresentado pelos acusados e a retransmitirem o «dossier» ao tribunal de Zacatecoluca, localidade onde as religiosas foram mortas. O advogado evocou a possibilidade de não aceitação da queixa, visto que «não foi possível provar a inteira participação dos guardas, dispondo-se apenas de vagas conjecturas».

Shultz ou a técnica da «moderação»

O secretário de Estado George Shultz adoptou entretanto um tom mais moderado, numa alusão à política americana, que El Salvador, tentando assim vencer as reticências do Congresso em conceder os 110 milhões de dólares de auxílio militar suplementar pedido pelo presidente Reagan.

Shultz, que depunha perante a subcomissão da Câmara dos Representantes para as operações no estrangeiro, declarou que a situação dos direitos do homem nesse país, que melhorou «lenta mas regularmente», não é, contudo, «satisfatória» e que «o esforço militar não bastará» para resolver os problemas do país.

COSTA DEL SOL

FUENGIROLA
TORREMOLINOS
BENALMADENA
ou MARBELLA

AUTO FÉRIAS

VIAJE NO SEU AUTOMÓVEL
CONFIANDO-NOS
A RESERVA DO APARTAMENTO

INFORMAÇÕES E RESERVAS

DESDE 1840
abreu

LISBOA Avenida da Liberdade 160 Te 371341
LISBOA Avenida de Roma 66 Te 803609
PORTO Avenida dos Aliados 207 Te 317921
PORTO R. E. Castro 256 Foco Te 691686
COIMBRA Rua ota 2 Te 270116
FARO Avenida da Republica 124 Te 25035/6
PORTIMAO R. Infante D. Henrique 83 Te 27528
FUNCHAL Rua Gorgulho Te 31077/8

A zanga do Papa com a Guatemala

O Vaticano enviou telegramas manifestando surpresa pelo afastamento do embaixador guatemalteco junto da Santa Sé por ter, alegadamente entregue atrasada a petição papal de indulto para seis guerrilheiros executados no passado dia 3 de Março.

O afastamento do embaixador Luis Valladares Aycinema, decano do corpo diplomático no Vaticano, provocou polémica em meios políticos guatemaltecos. Três ex-candidatos à presidência as «eleições» de 7 de Março de 1982 entregaram uma mensagem ao presidente Efraim Rios Montt, pedindo-lhe que confirme o embaixador no posto.

Os ex-candidatos presidenciais lembram a Rios Montt que a Guatemala detém o decanato diplomático no Vaticano desde 1966 e afirmam que «a estreita relação do embaixador com o Papa é de vital importância para os interesses nacionais»

Segundo o filho do embaixador, a carta de João Paulo II com o pedido de indulto chegou à Guatemala a 28 de Fevereiro e foi entregue no Ministério dos Negócios Estrangeiros a 1 de Março.

O teor da carta foi amplamente divulgado antes, inclusivamente pelo Núncio Apostólico, num jantar, a 23 de Fevereiro com o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, e numa audiência oficial a 16 de Fevereiro.

Para qu[...] aquilo [...]

À medida que se aproxima a data do começo [...] sações de Genebra sobre «euromísseis», vão su[...] cas, que visam advertir os inconscientes dos riscos [...] corre, no caso de os EUA não adoptarem uma p[...] ções. Os EUA, apesar das tentativas de ofensiva p[...] para uma posição defensiva, respondendo «taco-a[...] covo.

O caso de ontem é exemplar: os soviéticos advertiram que, se os «euromísseis» atacarem o seu território, eles ripostarão directamente sobre alvos norte-americanos. Resposta vinda dos EUA: os «euromísseis» nunca serão utilizados para fins agressivos. Quer dizer: só serão utilizados, se a URSS atacar o continente europeu.

Esta resposta não é convincente. Explicaremos porquê: a URSS já se comprometeu a não ser nunca a primeira potência a disparar o tiro nuclear. Propôs isso com toda a solenidade na ONU e convidou os Estados dotados de armas nucleares a assumirem o mesmo compromisso. Se pretendem convencer-nos da sua sinceridade, os EUA e a Europa Ocidental só têm uma coisa a fazer: assumam agora eles formalmente o mesmo compromisso.

Por outro lado, o académico soviético Arbatov em artigo hoje escrito no «Pravda», órgão do PCUS, repete aquilo que já havia dito: a URSS tem meios de colocar mísseis de médio alcance perto das fronteiras com os EUA. E não só. Aumentará o número desses mísseis. Estas duas advertências destinam-se a lembrar que, no caso de os novos Pershing e os mísseis de cruzeiro virem a ser instalados na Europa Ocidental, o território dos EUA fica tão ameaçado nuclearmente como o da URSS.

Qual a resposta que esta ameaça encontra? Nos EUA até à hora do fecho desta edição não foi dada nenhuma resposta. No QG da NATO, o velho Joseph Luns reagiu com aquilo a que as agências chamam de «cepticismo». Disse ele que nada disto é novo, que se trata de uma simples manobra de intimidação e que a URSS tem já tanto poder destrutivo que estas ameaças nada representam de inovador. Por sua vez, uma fonte da NATO citada pelo jornalista Pierre Lanfranchi, da AFP, disse textualmente:

«Nas suas declarações, os responsáveis soviéticos tiveram o cuidado de não precisar que esses novos mísseis poderiam ser desenvolvidos em terra nas proximidades dos EUA, por exemplo, em Cuba o que poderia provocar uma crise idêntica à de 1962. Tratar-se-ia, portanto, mais de um reforço do arsenal de submarinos nucleares soviéticos que evoluem perto das costas americanas. Também neste caso, já há supercapacidade de destruição. Consideramos que essas ameaças servem essencialmente objectivos de propaganda».

Transcrevemos esta frase na íntegra porque ela revela um dos aspectos mais escandalosos da atitude que o Ocidente assume face às negociações sobre «euromísseis» e sobre todas as outras armas nucleares.

Justificando-se embora com uma pretensa inferioridade face

Novas propostas dos EU[...]

O mesmo zero m[...]

O presidente Reagan vai analisar, dentro de uma semana, quatro alternativas distintas que peritos governamentais preparam sobre as negociações com a URSS para a redução de «euromísseis» – noticiou ontem o jornal «Washington Post», citado pela ANOP.

A elaboração dessas alternativas – uma das quais prevê a manutenção da actual posição da Casa Branca – responde às pressões dos dirigentes da Europa Ocidental para que Washington formule uma nova proposta susceptível de desbloquear as conversações de Genebra sobre mísseis de médio alcance.

Embora o presidente norte-americano continue a advogar a sua «opção zero» afirmou esta semana ao primeiro-ministro holandês, Ruud Lubbers, que estudaria uma fórmula intermédia.

A chamada «opção zero» preconiza o desmantelamento de todos os mísseis soviéticos de médio alcance em troca da não instalação, prevista para Dezembro, dos 572 novos mísseis norte-americanos na Europa Ocidental.

A primeira das quatro fórmulas em elaboração colocaria o presidente Reagan em confronto com os seus aliados europeus e com grandes sectores da opinião pública europeia e mesmo norte-americana, uma vez que já foi rejeitada pela União Soviética.

A segunda, limitando cada um dos dois países a 100 mísseis e 300 ogivas nucleares, sem restrições sobre o seu tipo, permitiria aos Estados Unidos instalar alguns Persing-2 e Cruise na Europa Ocidental, mas obrigaria a URSS a desmantelar uma parte dos seus 351 SS-20.

Pela terceira alternativa, os Estados Unidos começariam a colocar os seus novos mísseis na Europa Ocidental, e Moscovo a desmontar os seus até se chegar a uma paridade aproximada. Nessa altura, ambas as partes iniciariam a redução das respectivas forças.

A quarta fórmula, mais complexa e ambiciosa, imporia limites não só ao número de SS-20 como também de outros mísseis soviéticos de médio alcance – SS-4 e SS-5 – e aviões norte-americanos e soviéticos portadores de armas nucleares.

Crê-se que os peritos apresentem ao presidente Reagan mais alternativas para além destas quatro, que suscitam, sem excepção, problemas difíceis.

A primeira vai contra os desejos da Alemanha Federal, Itália, Grã-Bretanha, Holanda e Bélgica – os cinco países em cujo solo seriam instalados os 572 novos euromísseis.

A segunda seria provavelmente rejeitada pela URSS por permitir a instalação de alguns Pershing-2, os mais temidos por Moscovo porque podem alcançar objectivos em território so-

s avisos da URSS

todos saibam ue os espera

pausa no presente «round» das conver-indo cada vez mais declarações soviéti-de catástrofe nuclear que o mundo inteiro sição construtiva nas referidas negocia-opagandística, vêem-se agora remetidos taco» às declarações provindas de Mos-

ao bloco do Leste, o Ocidente abe duas coisas: 1 — que essa nferioridade não existe nem pode existir, porque o nível de arma-mentos já detido neste momento pelos dois blocos é tal que capaci-dades suplementares nada adiantam; 2 — que todas as ten-tativas feitas pelos EUA para atin-girem uma ilusória superioridade esmagadora sobre a URSS são vãs. A URSS detém neste mo-mento todas as capacidades tec-nológicas imprescindíveis e, to-dos os recursos para não consen-tir que os EUA obtenham essa su-perioridade.

A questão de fundo é a se-guinte: com o aparecimento das armas nucleares, a guerra tornou-se meio impossível de dominação e conquista. Isto porque os resultados dessa guerra para o **eventual ven-cedor** seriam de tal modo ca-tastróficos que **não haveria realmente nenhum vence-dor.** Por isso a única solução que se abre nos nossos dias é a de dialogar e limitar as guer-ras a zonas muito localizadas, onde o recurso à arma nuclear seja um risco mínimo.

Mas os EUA e a NATO rejei-tam obstinadamente esta via, a única que se abre para o mundo. A pretexto de «dis-suasão» e «intimidação» sobre os soviéticos, que cons-tituíriam uma permanente ameaça (agora uma ameaça global no Universo), o Oci-dente procura obter o inalcan-çável: a superioridade nu-clear. Para quê? Para fazer a guerra? De modo nenhum, porque o Ocidente sabe bem que não venceria essa guerra. Os fins visados pelo bloco im-perialista são outros, sobre-tudo, paralisar o socialismo, cristalizar **ad aeternum** no mundo, a «ordem» vigente. Muitos dirigentes comple-tamente alheios à especifici-dade das armas nucleares, es-tarão realmente convencidos de que podem obter superiori-dade, de que podem desferir um ataque-surpresa, destruir no ninho e previamente as ins-talações nucleares do inimigo, para depois transformarem a guerra dos nossos dias numa guerra, cujos estragos sejam limitados e da qual poderiam sair ainda vencedores. Só que essas ilusões podem habitar o presidente Reagan e outros do seu círculo. Mas não habi-tam nenhum especialista nem do Leste nem do Oeste. Não habitam sequer os negociado-res norte-americanos...

Estes factos simples são pura e simplesmente escamo-teados junto da opinião pú-blica. O que se pretende é continuar nesta via de des-perdício criminoso de recur-sos, nesta perpetuação duma ordem histórica, deixando as opiniões públicas na total ig-norância dos verdadeiros ris-cos que correm.

E assim a população dos EUA poderá ser a vítima de um condicionamento psicológico que a leva a acreditar que os «euromísseis» nada têm a ver consigo própria, que a Europa pode ficar em risco, mas que eles, «yankees», felizmente cortados da Europa pela vas-tidão do oceano,permancerão ilesos.

Daí que, de repente, Luns e fontes anónimas da NATO se assumam como profunda-mente conhecedoras de me-canismos que parecem ignо-rar nos outros dias. Quando falam das manobras propa-gandísticas da URSS, no mo-mento em que Moscovo faz estas afirmações solenes e adverte sobre a verdadeira ex-tensão dos riscos existentes, dão mostras de saber muito bem aquilo que dizem. E sa-bem.

É evidente para todos – menos para os ignorantes, ad-jectivo que abarca uma faixa lamentavelmente vasta da Humanidade – que a URSS, lembrando o que se passa de verdade, não se dirige nem ao Pentágono nem ao QG da NATO. Dirige-se a todas as pessoas que, diferentemente do Pentágono e da NATO, ig-noram o destino que o Pentá-gono e a NATO lhes podem esta a preparar.

Nesse sentido, podemos falar em propaganda. Tudo depende do ponto de vista em que se coloque o obsevador. Para nós, pessoalmente, trata-se de um alerta, que deve ser repetido à exaustão, para que todos nós, na Eu-ropa, todos, eles, nos EUA, conheçam perfeitamente a ex-tensão dos riscos.

A.N.

Beirute

Comandante dos "marines" critica tropa israelita

O general Robert Barrow, co-mandante do corpo norte-ameri-cano de «marines» no Líbano, acusa as tropas israelitas ocu-pantes de ameaçarem delibera-damente os soldados americanos deslocados para Beirute, numa carta dirigida ao secretário da De-fesa, Caspar Weinberger, publi-cada por vários jornais america-nos.

Segundo a cadeia de jornais «Knight-Ridder», o general Bar-row pede, nessa carta, datada de segunda-feira passada, «medi-das firmes e enérgicas» para pôr termo aos confrontos entre os sol-dados israelitas e os 1200 «mari-nes» que fazem parte da força multinacional de manutenção da paz em Beirute.

O general afirma que, por três vezes, desde o início do ano, fo-ram feitos disparos em direcção aos «marines» e que, num outro incidente, um capitão americano foi ameaçado de morte por solda-dos israelitas. «Infelizmente, e o que mais me inquieta, prossegue, esse género de incidentes é mais regra que excepção».

«Não posso conceber, escreve o general Barrow, citado por «Knight-Ridder», por que motivo os americanos, desempenhando um papel de manutenção da paz, devem ser importunados, postos em perigo e aviltados por um alia-do».

O comandante do corpo de «marines», indicando que não pode «guardar mais o silêncio quanto a este problema persis-tente de provocações» (israeli-tas), considera «evidente que os incidentes são calculados, or-questrados e desencadeados por obscuros objectivos políticos is-raelitas».

No mês de Janeiro, Weinber-ger referiu-se a um confronto en-tre um capitão dos «marines» e uma unidade de tanques israelita, em desacordo quanto às suas respectivas zonas de responsabi-lidade. As autoridades israelitas acusaram então o secretário de Estado da Defesa dos EUA de exagerar, na importância, o inci-dente.

Segundo um documento citado pela cadeia «Knight-Ridder», em 31 de Janeiro passado um tanque israelita disparou a metralhadora em direcção a uma patrulha ame-ricana e obrigou-a a arrepiar ca-minho.

Noutra ocasião, indica o mes-mo documento, soldados israeli-tas apontaram as suas espingar-das contra um capitão dos «mari-nes» e «declararam que o mata-riam se desse mais um passo na sua direcção».

Por último, segundo o mesmo documento, o major americano Herman Kafura, adido ao grupo de observadores das Nações Unidas, terá sido «deliberada-mente» ameaçado de morte com armas carregadas.

Kirkpatrick: «Um obstáculo para a paz»

A representante norte-ameri-cana na ONU, Jeanne Kirkpa-trick, considerou ontem no Cairo que a instalação de novos colona-tos judeus na Cisjordânia consti-tui «um obstáculo para a paz».

Kirkpatrick, que iniciava uma vi-sita de três dias ao Egipto, fez esta declaração depois de uma reunião com o presidente Hosni Mubarak.

Durante a reunião, foi discutido o processo de paz no Médio Oriente e a forma de conseguir uma solução do problema palesti-niano que respeite os direitos le-gítimos deste povo, disse a repre-sentante dos Estados Unidos.

Acrescentou que Reagan e Shultz estão «totalmente convenci-dos» da importância da partici-pação do rei Hussein da Jordânia nas negociações.

Representante da OLP oficialmente em Londres

O representante da Organiza-ção de Libertação da Palestina (OLP), que está desde ontem em Londres, será recebido pelo go-verno britânico e a rainha Isabel II — informam fontes diplomáticas árabes.

Walid Jalidi, o representante da OLP, integra a missão oficial da Liga Árabe, que inicia hoje uma série de conversações com as autoridades britânicas.

A delegação, presidida pelo rei Hussein da Jordânia, inclui os mi-nistros dos Negócios Estrangei-ros de vários países árabes e será recebida pela primeira-mi-nistra, Margaret Thatcher e pelo ministro dos Negócios Estrangei-ros, Francis Pym.

A raínha Isabel II concederá uma audiência aos delegados árabes, no Palácio de Bucking-ham.

A inicial negativa de Margaret Thatcher de receber a missão da Liga Árabe se dela tomassem parte representantes da OLP ti-nha motivado, no princípio do ano, uma tensão nas relações di-plomáticas entre a Grã-Bretanha e os países árabes, que obrigou Francis Pym a anular uma viagem prevista à Arábia Saudita e aos Emirados.

Indignação na Checoslováquia contra o terrorismo da "UNITA"

As vintes crianças e adolescen-tes, as 15 mulheres e os 29 ho-mens — todos cidadãos checos-lovacos — capturados no passa-do dia 12 em Angola, durante um ataque terrorista da Unita, não «dispunham de qualquer arma», afirma hoje o diário «Rude Pra-vo», citando o Ministério checos-lovaco dos Negócios Estrangei-ros, assediado pela indignação popular.

Segundo o órgão do Partido Comunista Checoslovaco, as in-formações difundidas a este res-peito pela Unita e por algumas agências de Imprensa ocidentais são «falsas».

«Para precisar ainda mais as recentes informações da Unita, de Washington e da República Sul-Africana», o jornal indica que «o complexo industrial de Alto Catumbela (região de Benguela) está situado a cerca de 500 quiló-metros da fronteira angolano-na-mibiana» e que os técnicos-coo-perantes checoslovacos traba-lhavam em Angola desde 1977, no quadro de um acordo entre os dois governos.

«A Checoslováquia solicitou a ajuda de alguns governos, de or-ganizações internacionais, o se-cretário-geral da ONU e do Comi-té Internacional da Cruz Verme-lha», para conseguir a libertação dos seus cidadãos, indica o «Rude Pravo».

Conversações

As conversações entre os Es-tados Unidos e Angola termina-ram ontem em Paris, sem que de imediato tivessem sido divulga-dos os seus resultados.

Durante os últimos dias, repre-sentantes das duas partes fala-ram da independência da Namí-bia e das relações entre os Esta-dos Unidos e Angola.

A delegação norte-americana foi chefiada pelo subsecretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, Frank Wisner, e a an-golana pelo ministro do Interior, Alexandre Rodrigues.

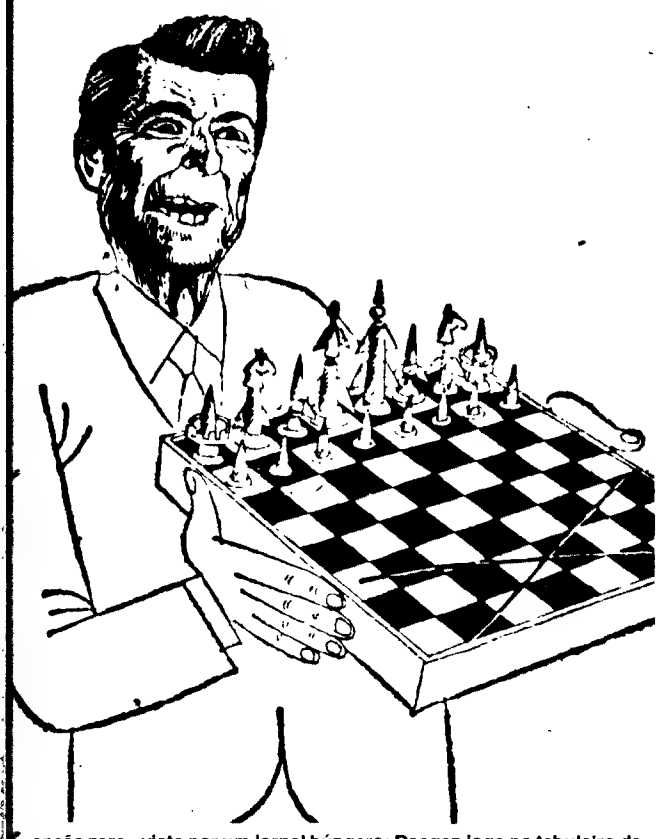
Em 1982 já se tinham reunido em Paris, por duas vezes, repre-sentantes de Angola e dos Esta-dos Unidos, países que ainda não estabeleceram relações diplomá-ticas entre si.

Nessa altura os chefes de dele-gação foram o ministro angolano das Relações Exteriores, Paulo Jorge, e o secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker.

O novo interlocutor principal apresentado por Angola, Alexan-dre Rodrigues, membro do «Bu-reau» Político do MPLA, tem sido também o responsável pelas re-centes negociações do Sal com enviados sul-africanos.

nos "euromísseis"

ais outros três



«opção zero» vista por um jornal húngaro: Reagan joga no tabuleiro de xadrez mundial. Para eles as peças todas. Para o parceiro, nenhuma

ético seis a nove minutos de-is de disparados da Alemanha ederal.

À terceira pode censurar-se o ntra-senso que representa a colocação de mísseis, para logo depois serem desmantelados, e o quarto projecto parece dema-siado ambicioso nas condições actuais.

Bokassa quer ser julgado

Jean Bedel Bokassa, antigo imperador centro-africano, exige ser julgado na França ou no «seu» país pelos factos que o afastaram do poder – noticia hoje «Le Quotidien de Paris».

Em carta dirida aos oficiais do Exército francês, Bokassa – ac-tualmente exilado na Costa do Marfim – invocou o artigo dois da declaração universal dos Direi-tos do Homem, segundo o qual qualquer pessoa deve ser consi-derada inocente enquanto a sua culpabilidade não for legalmente comprovada.

O antigo imperador foi derru-bado em 1979, depois de uma comissão de inquérito o haver declarado responsável por san-grentos acontecimentos ocorri-dos no «Império Centro Afri-cano».

O julgamento de Bokassa na França teria consequências in-ternas, dado que o antigo chefe do Estado centro-africano acu-sou já o antigo presidente fran-cês, Giscard D'Estaing, de ter recebido de si a oferta de muitos diamantes.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

No Conselho de Segurança da ONU

Sem data a discussão da queixa do Chade contra a Líbia

Os membros do Conselho de Segurança da ONU, reunidos ontem em consultas privadas, no seguimento de uma queixa apre-sentada pelo governo usurpador do Chade contra a Líbia não fixa-ram ainda qualquer data para uma sessão do Conselho sobre o caso.

O enviado do usurpador His-sene Habre, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, de seu nome Idriss Miskine, foi dizer, com apelo particular aos países do Terceiro Mundo represenda-dos no Conselho (Guiana, Jor-dânia, Malta, Nicarágua, Paquis-tão, Togo, Zaire e Zimbabwe) que a Líbia «ocupa» desde 1979 a faixa de Auzu

Pareceu evidente aos mem-bros do Conselho que se tratava, neste caso, de mais uma provo-cação contra o governo de Tri-poli.

Apoio da URSS

«Deseja-se sinceramente na URSS ver a Líbia como Estado economicamente evoluído, de-sempenhando um papel positivo notável nas relações internacio-nais e capaz de responder a todos os ataques do exterior à sua independência». Estas as palavras de Nikolai Tikhonov, presidente do conselho de mi-nistros soviético, ontem, num jantar em honra do comandante líbio Abdel Salam Jallud, em vi-sita oficial a Moscovo.

Em ALVERCA o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

J. Simões da Fonseca, E. Lara, F. Arriaga, N. Félix da Costa, M. L. Figueira M. T. Gil, A. Santos Silva, Jorge Maltez, S. Ouakinin, E. Tomás, M. L. Vicente e restante equipa de Psicologia da Faculdade de Medicina de Lisboa

Retrato de uma demo

Qual o apreço que cada líder recebe do seu próprio partido e dos outros partidos? «Julgareis qual é mais excelente»...

I - INTRODUÇãO

1.1 Até agora estudámos, nos dois trabalhos anteriores, aquilo que separava ou aproximava os partidos, tomando um ponto de vista objectivo e experimental, em que os resultados reflectem o rigor dos métodos utilizados.

O discurso dos políticos foi avaliado e medidas as distâncias que separam ou aproximam os agrupamentos políticos a que eles pertencem. Para além dos mais ou menos eloquentes discursos dos políticos;

(a) Como serão vistos os líderes do CDS, PSD, PS e PCP pelos aderentes desses partidos e pelos IDE? (e por nós?).

(b) Que irá produzir o nosso método – um resultado psicológico, um retrato ou perfil psicológico de Freitas do Amaral, Pinto Balsemão, Mário Soares, Carlos Brito (Álvaro Cunhal faltou às sessões que nós escolhemos)?

(c) Ou irá o nosso método produzir um perfil político de cada um deles?

(d) Que diferentes posicionamentos atribuem para cada um desses políticos, tomado isolamente, os aderentes do CDS, PSD, PS e PCP e ainda os IDE?

(e) Será diferente o modo como se separam os líderes do modo como se separam os partidos?

(f) Poderá um líder realmente ter um «espaço de acção» e «campo de deslocamento» diferente do espaço e do campo do seu partido?

(g) Que liberdade terão esses líderes?

(h) Que consequências terá para os partidos o uso dessa liberdade?

1.2 – Para estas e para outras e semelhantes questões, poderíamos encontrar resposta, se nos lembrássemos de tudo aquilo que de mais importante tem vindo a ocorrer no nosso país. Suponhamos que um de nós reunia as suas reflexões pessoais, as suas especulações e as publicava: – teria eventualmente produzido um artigo, em que exprimiria uma opinião pessoal que desejava comunicar.

Poderia ter-se feito uma sondagem de opinião.

Esses não são os pontos de vista deste artigo. Não estamos interessados senão em comunicar os resultados de uma investigação feita com rigor científico.

Para isso se tornasse possível, foi necessário supor que os discursos dos Partidos Políticos de alguma forma exprimiam o «pensamento desses partidos».

Tornou-se indispensável obter a colaboração de aderentes partidários ou pessoas muito próximas do CDS, PSD, PS e PCP e de Independentes de Esquerda.

Foi forçoso criar um planeamento experimental que permitisse uma análise estatística que desse garantias de que os dados seriam avaliados de maneira que nós pudéssemos crer na fiabilidade das conclusões.

Escolhemos como método estatístico a Análise Discrimenante Multivariada. Já nos referimos a este método nos artigos precedentes, que devem ser comparados com este.

Queremos neste momento alertar as pessoas para mais um aspecto importante – quando se fala no CDS, PSD, PS e PCP e Independentes de Esquerda, estas designações adquirem um **duplo sentido**, para o qual o leitor terá que estar atento.

Do ponto de vista dos dados experimentais não há diferença entre o que significam estas designações partidárias ou de grupo, quer na nossa conversa habitual, quer ao colhermos os dados em que baseamos estas investigações.

Surge agora o fundamental – à saída do computador, já estas siglas partidárias adquirem um novo significado. **Esse significado é-lhes dado pelas operações experimentais e de análise** que fizemos.

O CDS, o PSD., PS o PCP e os IDE passam a ser definidos «operacionalmente» – isto é, são definidos concretamente pelas «operações» que utilisámos para medir as suas semelhanças e diferenças.

Dito isto, passemos a ler discursos proferidos quando da Moção de Censura ao Governo, proposta pelo PS em 1982.

Hoje publicaremos dois – o de Diogo Freitas do Amaral, CDS, vice-Primeiro-Ministro, e o de Mário Soares, PS, Secretário-Geral do PS.

Os discursos de F Pinto Balsemão e Carlos Brito serão apresentados no próximo capítulo do Auto-Retrato da nossa Democracia.

II – DISCURSOS PARLAMENTARES

OUÇAMOS o que tiveram para nos dizer os senhores H e Q.

SENHOR H

ESTA menção de censura tem apenas um mérito: o de reconduzir a luta política ao seu lugar, próprio que é o Parlamento, retirando-a da rua onde o Partido A a tem querido localizar na linha do comportamento antidemocrático e irresponsável que tem praticado desde 1975.

A coligação não teve qualquer dificuldade em momento recente, em responder na rua ao desafio que na rua lhe foi lançado pelo partido A. E o poder de mobilização de massas, que uma vez mais, demonstrou foi de molde a não deixar dúvidas a ninguém sobre a nossa capacidade e sobre a nossa determinação de o voltarmos a fazer, sempre que necessário e quantas vezes for preciso para barrar o caminho aos inimigos da democracia.

O Partido A continua igual a si mesmo – ditatorial e pró-uma-potência-estrangeira e subsersivo.

A tomada do Poder por meios violentos e inconstitucionais fascina quem sabe não poder nunca atingi-lo por meio de voto. E, assim o Partido A utiliza e manipula: os seus militantes,lançando-os em acções inconsequentes, que em nada beneficiam as condições de vida dos trabalhadores portugueses.

Os trabalhadores perceberam isso mesmo. E deram eles a melhor resposta que podia ser dada a um partido que nunca terá êxito enquanto persistir nas suas contradições actuais. Como pode, na verdade, ter êxito, um partido que se reclama dos trabalhadores mas boicota o direito ao trabalho? Como pode ter êxito um partido que se reclama de democracia mas nega a liberdade? Como pode ter êxito um partido que defende um sindicalismo livre em Portugal mas aplaude a sua aniquilação num país bem conhecido? Como pode ter êxito um partido que quando está no Poder manda trabalhar ao domingo e quando está na oposição, não deixa trabalhar à semana.

Como pode ter êxito um partido que nos países que aponta como modelo aprova a supremacia do poder civil sobre as forças armadas, e, no entanto, preconiza precisamente o contrário em Portugal? Como pode, numa palavra, ter êxito um partido que luta pela liberdade quando vive em ditadura e que tenta promover a ditadura quando vive em liberdade.

É tudo isso que o Partido A está isolado e a não consegue sequer mobilizar todos os seus adeptos. A tentiva de greve geral abriu os olhos a muitos trabalhadores.

E é por isso que, depois dela, se desencadeou o conflito, que é patente e é notório, entre as posições aventureiristas da direcção do Partido A e a atitude apesar de tudo bem menos irresponsável, da direcção de uma central sindical. A correia de transmissão funciona mal e começa a emperrar: Q. P. nunca será Walesa, mas é óbvio que já não quer ser Georges Séguy!

O dia M do mês M de 1984 representou, pois, uma dupla derrota para o Partido A: Constitui uma dupla vitória dos trabalhadores portugueses. E mostrou também sem margem para dúvidas, que a maioria está firme e coesa...que o Governo está forte e não tem medo e ainda que, no actual contexto político interno e internacional, é com a coligação e em torno da coligação que se defende em Portugal a democracia.

O Partido R sentiu manifestamente neste quadro, que lhe cumpria demarcar-se mais uma vez do Partido A sem, no entanto, deixar de intensificar a sua oposição parlamentar no Governo.

A coligação e o Governo julgam positiva para a democracia esta linha de actuação, porque para nós – digo-o com toda a frontalidade – a alternativa democrática ao Governo da coligação está no socialismo do Partido R, não está no presidencialismo da CNARPE.

Se a coligação viesse a perder as eleições – no que, aliás, não acredito – a solução democrática e constitucional teria de consistir no regresso do Partido R e nunca no regresso de Sidónio.

A coligação não teme novos partidos que quem quer que os deseje venha a formar: o que a coligação considera perigoso e combaterá por todas as formas é o elogio aberto ou velado das soluções autoritárias, do intervencionalismo presidencial e da democracia musculada.

Os que hoje pensam que se encontraria solução milagrosa para os problemas do País na entronização de um novo homem providencial e no recurso ao expediente dos plenos poderes fariam bem em meditar na história – e não terão de ir muito longe, bastar-lhes-á reflectir no que sucedeu entre Abril e Setembro de 1974 em Portugal: também o general Sipnola foi saudado como libertador e apoiado como democrata, mas por detrás dele e mais forte do que ele estava m Partido A, e o 28 de Setembro abriu caminho ao 11 de Março.

O Partido R tem, pois, a enorme responsabilidade de se assumir em plenitude como oposição democrática e, portanto, como alternativa de governo. Cabe, porém perguntar: sêlo-á?

Esta menção de censura pretende ser uma arrancada nessa direcção. Mas nós – e connosco o povo português – não esquecemos ainda o que foi a governação do país quando esteve confiada ao Partido R.

Não esquecemos as flutuações e outros inconvenientes do governo minoritário, nem o não cumprimento dos acordos constitucionais do governo maioritário. Não esquecemos o pacto com o Partido A que tanto influenciou e condicionou a política agrária, a política de saude, o não pagamento de indemnizações aos expropriados e nacionalizados.

Não esquecemos os privilégios atribuídos ao sector público, em detrimento da iniciativa privada. Não esquecemos a lentidão exasperante das negociações de adesão com a CEE, que nos fez perder nessa altura o avanço que inicialmente tinhamos em relação à Espanha. Não esquecemos a ausência de uma política de família, a falta de uma política de qualidade de vida, a incapacidade absoluta de proceder à regionalização. Não esquecemos o crescimento descontrolado do funcionalismo público e da burocracia estatal. Não esquecemos a quase totalidade dos órgãos de comunicação social estatizados sob a presidência de militantes e, mesmo de dirigentes do Partido R. E não esquecemos por último, a terrível imagem de um partido agarrado ao poder, e pretendendo manter um governo cujo contrato de base tinha cessado.

A memória de 19pq-19pr-19s não é, portanto favoráveis ás actuais pretensões do partido. Vejamos, porém, se a menos o Partido R aproveitou bem estes dois anos de oposição, em que nenhumas responsabilidades lhe foram pedidas quanto à conduçao dos negócios públicos. Será que o Partido R os utilizou como cura de recuperação?

A verdade nua e crua está à vista: durante estes 2 anos o Partido R nada fez. Não modificou a sua imagem, não actualizou m seu programa, não refez a sua unidade interna, não clarificou a sua estratéfia, não constituiu um governo sombra, não publicou qualquer documento relevante de política sectorial e não foi sequer capaz de se por de acordo quanto à questão de saber se a outra coligação foi ou não um mau negócio.

E como pode a outra coligação – que não sobreviveu sequer às eleições para o Município de L – atrever-se a vir aqui falar-nos de crise da coligação – a nós que conseguimos sobreviver à morte trágica de 2 dos nossos membros principais.

(Diogo Freitas do Amaral, CDS, vice-primeiro-ministro, Assembleia da República, 3/3/82).

Senhor Q

Há cerca de duas semanas, o Grupo parlamentar do partido a que pertenço, ao abrigo das disposições legais, interpelou o Governo sobre a sua política geral. Fê-lo com gravidade e ponderação, usando um direito que a Constituição lhe confere e cumprindo o dever indeclinável — face ao eleitorado — de fiscalizar a acção governativa no lugar próprio, que é a Assembleia da República.

(...) Em intervenções sectoriais, serena e responsavelmente, foram abordados alguns dos problemas mais candentes que o País hoje enfrenta: a situação económica e social, a temática do trabalho — na perspectiva da ameaça que pesa sobre os trabalhadores, com o pacote laboral —, a questão complexa da regionalização, a angustiante política da saúde, verdadeiramente atentatória do direito à vida, o caos do sistema educativo, pondo em evidência as tremendas carências do sector, a ausência de dimensão cultural e a falta de sentido e de respeito pela dignidade do Estado.

Com ligeireza de espírito e alguma arrogância — arrogância com que procura disfarçar complexos de incapacidade e de culpa, evidentes —, o Governo não respondeu a nada do que se lhe perguntou nem às críticas que aqui lhe foram dirigidas. Pura e simplesmente escamoteou o debate (...). Fugiu aos problemas, refugiando-se em ironias de gosto duvidoso ou em ataques a despropósito ao Partido a que pertenço, quando obviamente, numa interpelação à política governamental não é o meu partido que está em causa — até porque não tem qualquer responsabilidade governamental (...) mas sim o Governo (...) a quem compete prestar contas sobre o estado do País, por forma a que os portugueses possam apreciar a sua acção, em função das promessas feitas ao eleitorado e das metas que se comprometeu atingir, nos sucessivos programas de Governo e na discussão do Plano e do OGE, votados pelos partidos da maioria nesta Assembleia.

(...) Mas perante o descalabro da governação, considerou o meu partido imprescindível que o País tome bem consciência (...) por onde passa a linha divisória dos que estão com o poder, com um Governo incapaz de resolver os problemas nacionais (...) e aqueles que querem uma mudança de política e de Governo, quanto mais cedo melhor, e têm a coragem de a propor (...) mesmo sabendo que são minoritários nesta Assembleia.

(...) porque o meu partido, em uníssono com milhões de portugueses descontentes, desiludidos, indignados, considera que este Governo está cego para as realidades nacionais. Não se trata tão só de andar à deriva, ao sabor dos interesses contraditórios, adiando e complicando. Trata-se, também, de estar a contribuir, pela sua acção desastrada, para tornar Portugal verdadeiramente ingovernável, no futuro, pondo assim em causa, nacional e internacionalmente, a credibilidade do «próprio regime democrático.

(...) Ora, importa também sublinhã-lo, em democracia, as alternativas impõem-se realmente apenas quando são sufragadas pelo voto popular (...).

Não se antecipem, pois, ao juízo do eleitorado, os senhores que gritam que o meu Partido não é alternativa (...). Diga-se, de passagem, que o meu Partido não teme as eleições e está em todo o momento preparado para elas.

Quanto à aliança militar internacional (...), que iniciativas tomou o Governo ou pensa tomar — no quadro da organização, para que uma aliança que confessadamente se criou para a defesa da liberdade — tal como a entendem as democracias ocidentais — não continue a tolerar no seu seio uma odiosa ditadura de torcionários militares, como outrora sucedeu com o Portugal amordaçado de Salazar e de Caetano.

(...) Que política em direcção a África, designadamente aquela que fala o português? (...) Que fazemos nós, portugueses, a quem os países africanos estendem a mão fraterna e de novo confiante — qual é a nossa política de Estado, nacional, em relação a Africa? Como se exprime, concretiza e como se valoriza o nosso insubstituível conhecimento da terra, dos homens e dos cultos? A defesa da língua que nos é comum? E o nosso dever de ajuda fraterna e desinteressada a povos a que tão longamente estamos ligados?

(...) preocupado com a consolidação do regime democrático, o meu Partido tem tido sempre uma função responsável, pondo, como lhe cumpre, as exigências nacionais acima dos interesses meramente partidários. mas, até por isso, não pode nem deve poupar o Governo do sr. K. Porque é uma exigência nacional mudar de política e mudar de Governo. para que Portugal possa continuar e os portugueses se reencontrem com a esperança.

(...) O meu partido assume-se, assim, como portador de uma nova esperança, submetendo, no momento oportuno, ao veredicto da opinião pública, antes mesmo de o fazer ao eleitorado, as políticas, global e sectoriais que constituem, em concreto, a sua alternativa de Governo responsável, à Coligação.

Como dissemos atrás, em termos democráticos, não faz sentido negar o que se apresenta como uma evidência: que o meu Partido é a única alternativa viável à Coligação.

(...) Contudo, se a Coligação faz questão de colocar o problema fora do contexto eleitoral e quiser enfrentar projectos, concepções políticas ou medidas, sempre lhe diremos que tudo, ou quase tudo, nos separa:

(...) o que socialmente representamos contra o que representam.

(...) A justiça salarial, obtida em termos de concertação e de diálogo com todos os parceiros sociais (...).

(...) A preocupação de uma justa distribuição de rendimentos contra o privilégio do lucro.

(...) A subordinação do poder económico ao poder político contra a reposição dos grandes grupos económicos dominantes.

(...) A defesa da saúde, independentemente das bolsas dos interessados, contra a tributação da doença.

Uma democracia grandemente participativa contra a recuperação de mecanismos organicistas que repelem o diálogo.

(...) Em suma, uma básica preocupação de defesa das classes trabalhadoras e, em geral, uma básica preocupação de defesa das classes trabalhadoras e, em geral, dos mais desfavorecidos contra a recuperação de uma sociedade classista e discriminatória.

(...) Na verdade, o povo português está confrontado com um grande desafio.

Vencê-lo-á. O Partido a que pertenço não desistirá.

(Mário Soares, PS, secretário-geral do PS, Assembleia da República, 3/3/82).

cracia enquanto jovem

AGRADECIMENTO

Este trabalho tornou-se possivel com o apoio do INIC. A APAL contribuiu com a programação do nosso microprocessador Apple II, feita pelos engenheiros Luis Correia de Matos e José Carlos de Oliveira. São igualmente devidos os nossos agradecimentos pelo programa para graficos do estudante do IST, José Barahona da Fonseca.

Sem a colaboração de cerca de 120 pessoas, de que no final saiu a amostra de 66 sujeitos, sem as centenas de horas despendidas pela equipa de Psicologia da FML que inclui todos os assistentes e pessoal técnico e ainda de grupos de estudantes, este trabalho não teria sido possivel.

São igualmente devidos agradecimentos, por sugestoes e apoio por parte do professor doutor Vasconcelos Esteves, e dr. Rosa de Oliveira, e dr. V. Santos Tavares.

III – RESULTADOS

3.1 Carlos Brito, PCP, presidente do Grupo Parlamentar do PCP

Na figura 1 surgem os posicionamentos que o CDS, PSD, PS, o próprio PCP e os IDE atribuem a Carlos Brito. Tal como nas análises em que eram estudados os partidos, também aqui surge uma nítida bipolarização em relação a este líder parlamentar.

Os posicionamentos atribuídos pelo CDS e pelo próprio PCP são os mais distantes, de um e outro lado da vertical.

No entanto, os posiocionamentos atribuídos a Carlos Brito pelo PCP, PS e IDE situam-se todos eles do mesmo lado da vertical, em oposição aos posicionamentos do PSD e do CDS, que se encontram do lado oposto do eixo verical.

Notar-se-á que a distância que separa o posicionamento do PCP do posicionamento do PS é igual àquele que separa o PCP dos IDE. Por outro lado, a distância que separa o posicionamento do PS, relativamente ao do PSD, é maior que a distância do PS relativamente ao PCP. Os IDE (Indepedentes e Esquerda), encontram-se aproximadamente à mesma distância do PCP e do PS, ao longo do primeiro eixo.

A polarização do PSD «contra» Carlos Brito e a proximidade dos posicionamentos do PCP. PS e IDE são muito nítidas.

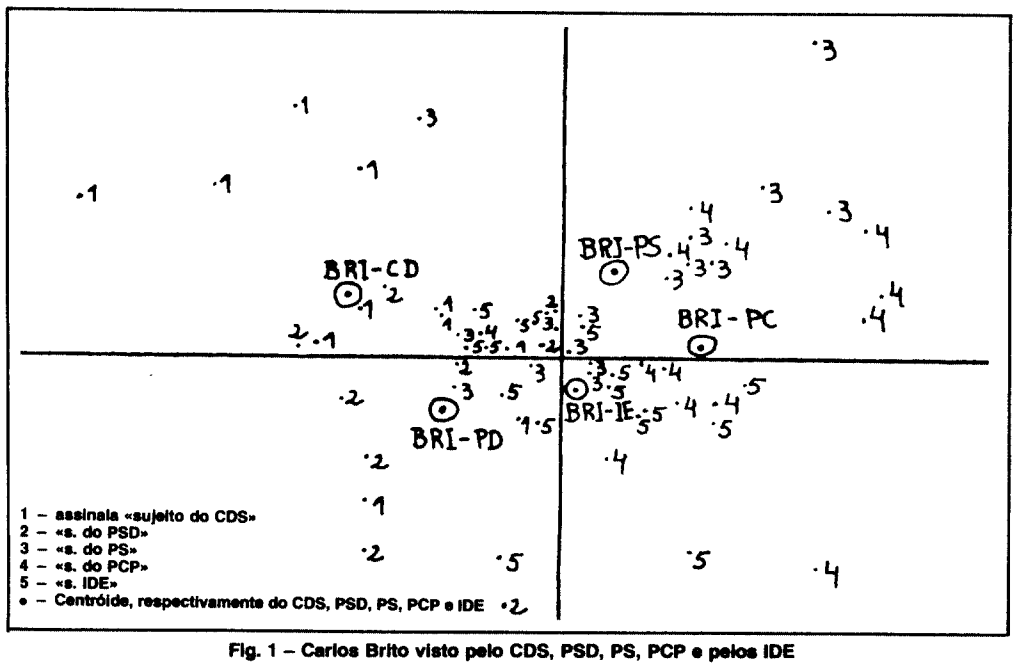


Fig. 1 – Carlos Brito visto pelo CDS, PSD, PS, PCP e pelos IDE

Consideremos agora o que levou o CDS a posicionar Carlos Brito de uma maneira tão polarizada – (a) Atribuindo-lhe um elevado valor em «Combatividade»: o CDS, atribuiu-lhe o valor médio de 8; o PSD atribuiu 3; o PS, 3: o PCP, 1 e os IDE, 2. (b) Atribuiu um maior valor em «Distorção» – CDS, 3; PSD, 1; PS, 0; PCP, 0 e os IDE também zero. (c) «Promoção pessoal e partidária»: – nesta categoria o CDS atribuiu a Carlos Brito o valor médio de 7; o PSD, 4; o PS, 3; o PCP, 1 e os IDE, 1, também.

E que categorias aproximaram o posicionamento do PCP dos posicionamentos do PS e IDE? (a) «Valorização positiva de intervenção e do respeito pelas normas» demonstrado por Carlos Brito. Nesta categoria o CDS atribuiu 3; o PSD, 3; o PS, 6; o PCP, 9 e os IDE, 5. (b) «Objectividade»: – nesta categoria o CDS atribuiu 0; o PSD, 0, também; o PS, 3; o PCP, 4 e os IDE, 2. Outros detalhes interessantes poderão ser observados na figura 2.

CATEGORIA V	CDS/BRI	C CXV	CATEGORIA V	PS/BRI	C CXV	CATEGORIA V	IDE/BRI	C CXV
OBJECTIV 0	X	2 0 0	OBJECTIV 3	XX	2 7	OBJECTIV 2	XX	2 5
COMBATIV 8	XXXX	- 4 -3 3	COMBATIV 3	XX	- 4 -1 2			
DEFENSIV 1	XX	7 1 1	DEFENSIV 0	X	7 3	COMBATIV 2	XX	- 4-1 1
VLORNRMT 3	XX	1 4	VLORNRMT 6	XXX	1 9	VLORNRMT 5	XXX	1 8
DEFENSIV 0	X	7 2						
PROM P/P 7	XXX	- 1-1 1	PROM P/P 3	XX	- 1- 4	PROM P/P 1	XX	- 1- 2
PROPRSOL 0	XX	2 1	PROPRSOL 2	XX	2 3	PROPRSOL 1	XX	2 2
DISTORC 3	XX	- 4-1 4	DISTORC 0	XX	- 4- 3	DISTORC 0	X	- 4- 2
EXPRIDEO 2	XX	1 4	EXPRIDEO 3	XX	1 5	EXPRIDEO 1	XX	1 3
INCOMPET 9	XXXX	11 1	INCOMPET 2	XX	1 3	INCOMPET 2	XX	1 2
CEXPRCOM 3	XX	0- 1	CEPRCOM 1	XX	- 2- 3	CEXPRCOM 2	XX	2- 5

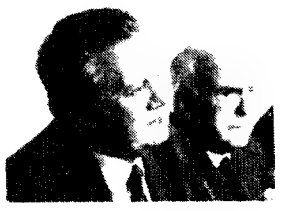
CATEGORIA V	PSD/BRI	C CXV	CATEGORIA V	PCP/BRI	C CXV
OBJECTIV 0	XX	2 1	OBJECTIV 4	XXX	2 1 0
COMBATIV 3	XX	- 4-1 5	COMBATIV 1	XX	- 4 -
DEFENSIV 0	X	7 2	DEFENSIV 0	X	7 0 0
VLORNRMT 3	XX	1 5	VLORNRMT 9	XXXX	1 1 3
PROM P/P 4	XX	- 1- 6	PROM P/P 1	XX	- 1- 2
PROPRSOL 0	X	2 0 0	PROPRSOL 2	XX	2 4
DISTORC 1	XX	- 4- 6	DISTORC 0	X	- 4 -
EXPRIDEO 1	XX	1 2	EXPRIDEO 4	XX	1 5
INCOMPET 4	XXX	1 5	INCOMPET 2	XX	1 2
CEXPRCOM 3	XX	- 2- 6	CEXPRCOM 1	XX	2 4

Fig 2 Esta representa os valores nas diferentes categorias que em media o CDS PSD PS PCP e IDE respectivamente atribuiram a Carlos Brito (presidente do G Parl do PCP)

Sao os valores cvx que determinam as posições dos centróides assinaladas com X nos outros graficos
Nestas tabelas os IDE pronunciam-se sobre todos os outros grupos
Deve recordar-se que

Categoria 1 **Objectividade** (OBJECTIV)
Categoria 2 **Combatividade** (COMBATIV)
Categoria 3 **Atitude defensiva** (DEFENSIV)
Categoria 4 Atribuições de valor positivo e apreciaçao de que houve respeito pelas normas VLORNRMT
Categoria 5 Promoçao pessoal ou visando a propaganda partidaria (PROM P/P)
Categoria 6 Propostas visando a resoluçao dos problemas (PROP SOL)
Categoria 7 Distorçao dos factos ou do seu significado (DISTORÇ)
Categoria 8 Grau de expressao ostensiva de um ponto de vista ideologico (EXPRIDEO
Categoria 9 Grau de incompetência (INCOMPET)
Cat 10 Capacidade de expressao e de comunicaçao ou transmissao de ideias (CEXPRO COM

Fig. 2 – Mário Soares visto pelo CDS, PSD, PS, PCP e pelos IDE



3.2 Mário Soares, PS, secretário-geral do PS

Em relação a Mário Soares, há igualmente uma clara bipolarização dos posicionamentos que são feitos pelo PS, PCP e IDE, todos do mesmo lado da vertical, em relação ao CDS e ao PSD que o colocam do lado oposto.

As maiores distâncias são observadas, relativamente a Mário Soares, entre o posicionamento feito pelo PS, e no outro extremo, do outro lado da vertical (e a distância aproximadamente igual), o feito pelo CDS e pelo PSD.

Neste gráfico mostra-se que o posicionamento feito pelo PCP em relação a Mário Soares está mais próximo do PS do que o dos IDE

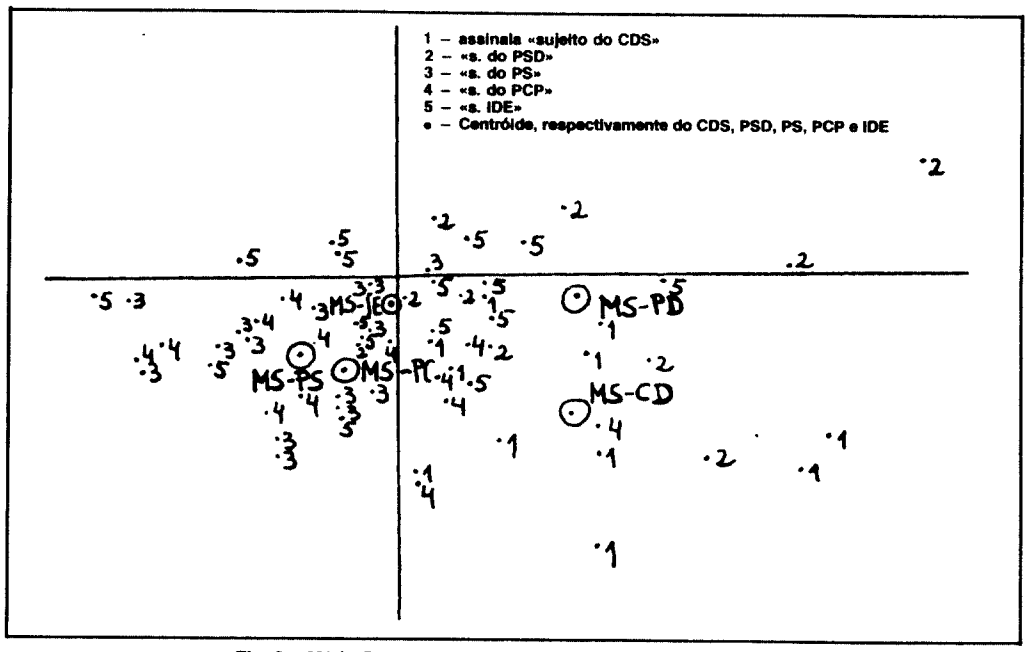


Fig. 3 – Mário Soares visto pelo CDS, PSD, PS, PCP e pelos IDE

Ao considerarmos as razões que conduziram a estes posicionamentos surgem-nos, do lado do CDS e PSD as seguintes categorias: – (a) «Combatividade», categoria em que o CDS atribuiu em média 4; o PSD, 3; o próprio PS, 1; o PCP, 1 e os IDE também 1. (b) «Incompetência», escala em que o CDS atribuiu 7; o PSD, 5; o PS, 1: o PCP, 1; e os IDE também 1.

As categorias que produziram a aproximação nos posicionamentos feitos pelo PS, PCP e IDE foram devidas às categorias: (a) «Objectividade», em que o CDS atribuiu 0; o PSD também 0; o PS, 3; o PCP, 3; e os IDE, 1. (b) «Valorização positiva e respeito pelas normas» demonstrado nessa intervenção, escala em que o CDS atribuiu 3, o PSD, 3; o próprio PS, 9; o PCP, 6 e os IDE, 2. (c) «Capacidade de expressão e de comunicação» (d) «Promoção pessoal e visando a promoção partidária.»

Para mais detalhes, consultar a figura 4.

CATEGORIA	V	CDS/PS	C	CxV	CATEGORIA	V	PS/PS	C	CxV	CATEGORIA	V	IDE/PS	C	CxV
OBJECTIV	3	xx	1	3	OBJECTIV	14	xxxxx	1	1 5	OBJECTIV	10	xxxx	1	1 1
COMBATIV	11	xxxx	2	2 3	COMBATIV	3		2	6	COMBATIV	5	xxx	2	1 1
DEFENSIV	2	xx	8	1 7	DEFENSIV	0	x	8	0 0	DEFENSIV	1	xx	8	8
VLORNRMT	14	xxxxx	2	- 2 8	VLORNRMT	26	xxxxxxxx	2	5 2	VLORNRMT	18	xxxxxx	2	-3 6
PROM P/P	15	xxxxx	2	- 2 8	PROM P/P	5	xxx	- 2	- 9	PROM P/P	4	xx	- 2	8
PROPRSOL	1	xx	0	0 0	PROPRSOL	1	xxxxx	0	- 3	PROPRSOL	6	xxx	0	1
DISTORC	3	xx	3	8	DISTORC	1	xx	3	3	DISTORC	2	xx	3	5
EXPRIDEO	8	xxxx	3	2 2	EXPRIDEO	9	xxxx	3	2 5	EXPRIDEO	7	xxx	3	2 0
INCOMPET	18	xxxxxx	1	1 1	INCOMPET	4	xx	1	2	INCOMPET	5	xxx	1	3
CEXPRCOM	9	xxx	0	3	CEXPRCOM	7	xxx	0	2	CEXPRCOM	7	xxx	0	2

CATEGORIA	V	PSD/PS	C	CxV	CATEGORIA	V	PCP/PS	C	CxV
OBJECTIV	1	xx	- 1	- 1	OBJECTIV	13	xxxxx	1	-1 4
COMBATIV	9	xxxx	2	1 9	COMBATIV	2	xx	2	4
DEFENSIV	2	xx	8	1 7	DEFENSIV	0	x	8	0 0
VLORNRMT	8	xxxx	- 2	1 6	VLORNRMT	21	xxxxxxx	- 2	-4 2
PROM P/P	9	xxxx	- 2	-1 7	PROM P/P	5	xxx	- 2	9
PROPRSOL	3	xx	0	- 1	PROPRSOL	6	xxx	0	- 1
DISTORC	4	xx	3	1 1	DISTORC	1	xx	3	3
EXPRIDEO	5	xxx	3	1 4	EXPRIDEO	8	xxxx	3	2 2
INCOMPET	12	xxxxx	1	7	INCOMPET	5	xxx	1	3
CEXPRCOM	5	xxx	0	2	CEXPRCOM	6	xxx	0	

Fig. 4 – Esta figura contém os valores médios atribuidos ao PS, respectivamente pelo CDS, PSD, pelo próprio PS, pelo PCP e pelos IDE (valores V) assim como os coeficientes descriminantes (c)
São os valores cxv que determinam as posições dos centróides, assinaladas com nos outros gráficos

Deve recordar-se que
Categoria 1 **Objectividade** (OBJECTIV)
Categoria 2 **Combatividade** (COMBATIV)
Categoria 3 **Atitude defensiva** (DEFENSIV)
Categoria 4 Atribuições de valor positivo e apreciação de que houve respeito pelas normas (VLORNRMT)
Categoria 5 Promoção pessoal ou visando a propaganda partidária (PROM P/P)
Categoria 6 Propostas visando a resolução dos problemas (PROPRSOL)
Categoria 7 Distorção dos factos ou do seu significado (DISTORC)
Categoria 8 Grau de expressão ostensiva de um ponto de vista ideológico (EXPRIDEO)
Categoria 9 Grau de incompetência (INCOMPET)
Categoria 10 Capacidade de expressão e de comunicaçao ou transmissão de ideias (CEXPROCOM)

3.3 F. Pinto Balsemão, PSD, Primeiro-Ministro

Em relação a F. Pinto Balsemão, o gráfico da análise discriminante mostra por um lado,que só se obteve uma função discriminante. (Foi omitida a colocação dos pontos que representam as posições individuais dos sujeitos que participaram na nossa experiência, devido à confusão que a acumulação de pontos poderia gerar no leitor).

Em relação a F. Pinto Balsemão desaparece a bipolarização – o CDS e os Independentes de Esquerda situam-se de um dos lados de origem. O PSD, o PS e, mais distante, o PCP, do outro lado. Se houver oposição, aqui será apenas entre o CDS e o PCP. Que aconteceu?

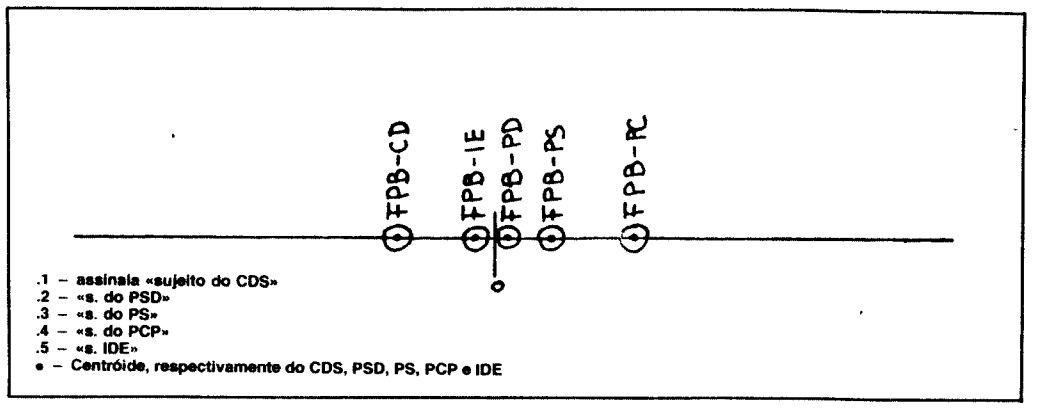


Fig. 5 – F. Pinto Balsemão visto pelo CDS, PSD, PS, PCP e pelos IDE

Retrato de uma democracia enquanto jovem

Consideremos os valores que conduziram a estes posicionamentos (a) na categoria de «Objectividade» só o CDS lhe atribuiu o valor médio de 2. O próprio PSD, assim como o PS, PCP e os IDE atribuíram todos eles valores muito próximos de 0.

(b) Na categoria de «Combatividade» o CDS atribuiu 1; o PSD, 1; o PS, 5; o PCP, 4 e os IDE 3. (c) Na categoria de «valorização positiva e reconhecimento do respeito pelas normas» o CDS atribuiu a F. Pinto Balsemão, 8; o PSD 3; o PS, 5; o PCP, 3 e os IDE, 3 (d) Na categoria de «Promoção pessoal visando a prmoção partidária», o CDS atribuiu 2; o PSD, 3; o PS, 8; o PCP 4 e os IDE, 5. (c) Na escala de «Propostas para resolução dos problemas», o CDS atribuiu 2; o próprio PSD muito próximo de zero; o PS, também próximo de 0, o PCP, o mesmo os IDE, proximo de 0 (f) Na escala de «Incompetência», o CDS atribuiu 2; o PSD, 2; o PS, 8; o PCP, 6; os IDE, 6 (g) Na escala de «Distorçao» (dos factos) o CDS atribuiu 0; o PSD, muito próximo de 0; o PS, 1; o PCP 1 e os IDE também 1.

Para mais detalhes, consultar a figura 6

CATEGORIA	V	CDS/PSD	C	CxV
OBJECTIV	8	xxxx	2	1 6
COMBATIV	4	xx	0	0 0
DEFENSIV	1	xx	2	2
VLORNRMT	25	xxxxxxxx	2	5 0
PROM P/P	6	xxx	0	1
PROPRSOL	9	xxxx	6	5 4
DISTORC	0	xx	3	1
EXPRIDEO	9	xxxx	0	0 0
INCOMPET	4	xx	0	0 0
CEXPRCOM	7	xxx	5	3 5

CATEGORIA	V	PS/PSD	C	CxV
OBJECTIV	2	xx	2	4
COMBATIV	13	xxxxx	0	1
DEFENSIV	6	xxx	2	1 2
VLORNRMT	11	xxxx	2	2 2
PROM P/P	20	xxxxxxx	0	4
PROPRSOL	2	xx	6	1 2
DISTORC	7	xxx	3	2 1
EXPRIDEO	4	xx	0	0 0
INCOMPET	21	xxxxxxx	0	2
CEXPRCOM	10	xxxx	5	-5

CATEGORIA	V	IDE/PSD	C	CxV
OBJECTIV	2	xx	2	4
COMBATIV	9	xxxx	0	1
DEFENSIV	4	xx	2	8
VLORNRMT	10	xxxx	2	2 0
PROM P/P	13	xxxxx	0	3
PROPRSOL	3	xx	6	1 8
DISTORC	5	xxx	3	1 5
EXPRIDEO	5	xxx	0	0 0
INCOMPET	16	xxxxxx	0	2
CEXPRCOM	5	xxx	5	-2 5

CATEGORIA	V	PSD/PSD	C	CxV
OBJECTIV	4	xx	2	- 8
COMBATIV	3	xx	0	0 0
DEFENSIV	1	xx	2	2
VLORNRMT	8	xxxx	2	1 6
PROM P/P	8	xxxx	0	2
PROPRSOL	2	xx	6	1 2
DISTORC	2	xx	- 3	- 6
EXPRIDEO	2	xx	0	0 0
INCOMPET	5	xxx	0	0 0
CEXPRCOM	4	xx	- 5	-2

CATEGORIA	V	PCP/PSD	C	CxV
OBJECTIV	1	xx	- 2	- 2
COMBATIV	9	xxxx	0	1
DEFENSIV	4	xx	2	8
VLORNRMT	7	xxx	2	1 4
PROM P/P	13	xxxxx	0	3
PROPRSOL	0	xx	6	4
DISTORC	7	xxx	3	- 2 1
EXPRIDEO	3	xx	0	0 0
INCOMPET	17	xxxxxx	0	2
CEXPRCOM	8	xxxx	- 5	-4

Fig 6 - Esta figura contém os valores médios atribuídos ao PSD respectivamente pelo CDS, pelo próprio PSD, PS, PCP e IDE (valores V), assim como os coeficientes discriminantes (c)
São os valores cxv que determinam as posições dos centróides, assinaladas com nos outros graficos

Deve recordar-se que

Categoria 1 **Objectividade** (OBJECTIV)
Categoria 2 **Combatividade** (COMBATIV)
Categoria 3 **Atitude defensiva** (DEFENSIV)
Categoria 4 Atribuições de valor positivo e apreciaçao de que houve respeito pelas normas (VLORNRMT)
Categoria 5 Promoção pessoal ou visando a propaganda partidária (PROM P/P)
Categoria 6 Propostas visando a resoluçao dos problemas (PROPRSOL)
Categoria 7 Distorçao dos factos ou do seu significado (DISTORC)
Categoria 8 Grau de expressao ostensiva de um ponto de vista ideologico (EXPRIDEO)
Categoria 9 Grau de incompetência (INCOMPET)
Categoria 10 Capacidade de expressão e de comunicaçao ou transmissao de ideias (CEXPROCOM)

3.4 D. Freitas do Amaral, CDS, vice-Primeiro-Ministro

Na análise discriminante surge de novo a bipolarização – de um lado da vertical, o CDS e o PSD, do outro lado da vertical, o PS, o PCP e, na posição mais extrema, os Independentes de Esquerda.

Ao longo do segundo eixo (o eixo da vertical, menos importante para a separação) o PSD afasta-se no seu posicionamento de D. Freitas do Amaral, em relação ao CDS.

As categorias que provocam o agrupamento dos IDE, PCP e PS do mesmo lado da vertical, são: (a) «Incompetência», (b) «Combatividade» (c), «Capacidade de expressão e comunicação», (d) «Valorização positiva e demonstração de respeito pelas normas».

Para a colocação do lado oposto, pelo CDS e pelo PSD, contribuíram as categorias (a) de «Objectividade» em que o CDS atribuiu 3; o PSD 1; o PS muito próximo de 0; o PCP muito próximo de 0; os IDE também muito próximo de 0. (b) «Carga ideológica» de intervenção, em que o CDS atribuiu 3; o PSD 2; o PS 1; o PCP, 1; e os IDE também 1. (c). «Atitude defensiva», categoria em que o CDS atribuiu quase 0; o PSD, 1; o PS, 1; o PCP, 1 e os IDE, 2.

Para mais detalhes, consultar a figura 8.

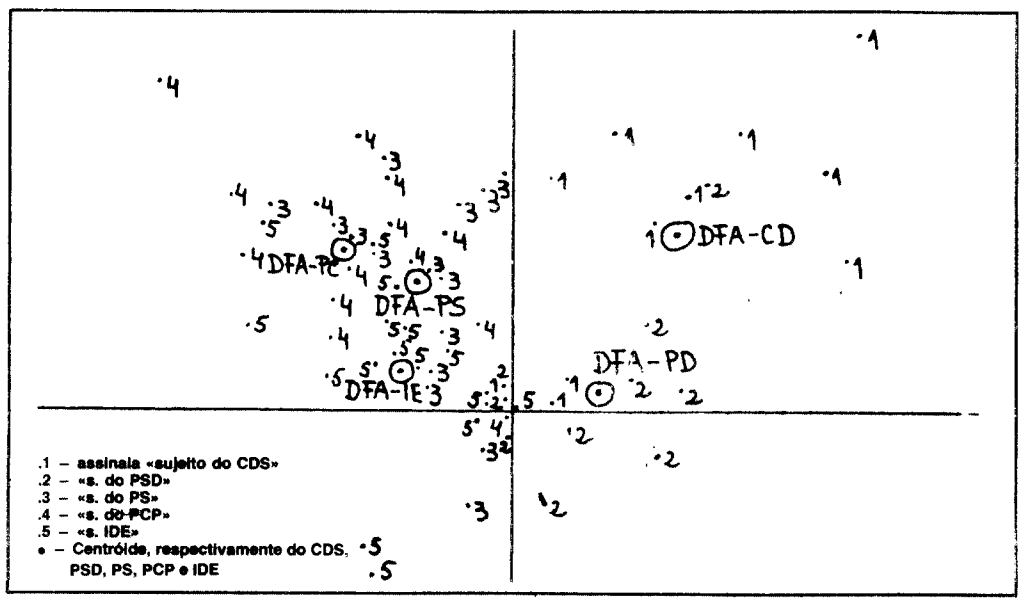


Fig. 7 – Dr. Freitas do Amaral visto pelo CDS, PSD, PS, PCP e pelos IDE

CATEGORIA	V	CDS/DFA	C	CXV
OBJECTIV	3	XX	8	2 6
COMBATIV	2	XX	- 2	- 5
DEFENSIV	0	X	3	1
VLORNRMT	9	XXXX	0	1
PROM P/P	2	XX	0	0 0
PROPRSOL	2	XX	0	0 0
DISTORC	0	X	1	0
EXPRIDEO	3	XX	4	1 4
INCOMPET	3	XX	- 1	- 2
CEXPRCOM	3	XX	2	7

CATEGORIA	V	PS/DFA	C	CXV
OBJECTIV	X		8	4
COMBATIV	5	XXX	- 2	-
DEFENSIV	1	XX	3	5
VLORNRMT	5	XXX	0	1
PROM P/P	7	XXX	0	- 1
PROPRSOL	0	XX	0	0 0
DISTORC	3	XX	- 1	- 3
EXPRIDEO	1	XX	4	6
INCOMPET	7	XXX	- 1	- 5
CEXPRCOM	3	XX	- 2	9

CATEGORIA	V	PSD/DFA	C	CXV
OBJECTIV	1	XX	8	1 1
COMBATIV	2	XX	- 2	- 4
DEFENSIV	1	XX	3	4
VLORNRMT	4	XXX	0	- 1
PROM P/P	3	XX	0	0 0
PROPRSOL	0	XX	0	0 0
DISTORC	1	XX	- 1	- 1
EXPRIDEO	2	XX	4	8
INCOMPET	2	XX	1	- 2
CEXPRCOM	1	XX	- 2	- 3

CATEGORIA	V	PC/DFA	C	CXV
OBJECTIV	0	X	8	2
COMBATIV	8	XXXX	- 2	1 5
DEFENSIV	1	XX	3	4
VLORNRMT	6	XXX	0	- 1
PROM P/P	8	XXXX	0	- 1
PROPRSOL	0	X	0	0 0
DISTORC	4	XXX	1	4
EXPRIDEO	1	XX	4	6
INCOMPET	11	XXXX	- 1	- 9
CEXPRCOM	3	XX	- 2	- 8

CATEGORIA	V	DE/DFA	C	CXV
OBJECTIV	0	X	8	1
COMBATIV	7	XXX	- 2	- 1 3
DEFENSIV	2	XX	3	6
VLORNRMT	3	XX	0	0 0
PROM P/P	12	XXXXX	0	- 2
PROPRSOL	0	X	0	0 0
DISTORC	3	XX	- 1	3
EXPRIDEO	1	XX	4	7
INCOMPET	9	XXXX	- 1	- 7
CEXPRCOM	2	XX	- 2	- 5

Fig 8 Esta figura representa os valores médios nas diferentes categorias que o CDS PSD PS PCP e IDE respectivamente atribuiram a Diogo Freitas do Amaral entao presidente do CDS e vice-primeiro-ministro

Sao os valores CXV que determinam as posições dos centróides, assinaladas com nos outros graficos

Nestas tabelas os IDE pronunciam-se sobre todos os outros grupos
Deve recordar-se que

Categoria 1 **Objectividade** (OBJECTIV)
Categoria 2 **Combatividade** (COMBATIV)
Categoria 3 **Atitude defensiva** (DEFENSIV)
Categoria 4 Atribuições de valor positivo e apreciaçao de que houve respeito pelas normas (VLORNRMT
Categoria 5 Promoçao pessoal ou visando a propaganda partidária (PROM P/P)
Categoria 6 Propostas visando a resolução dos problemas (PROP SOL)
Categoria 7 Distorçao dos factos ou do seu significado (DISTORÇ)
Categoria 8 Grau de expressao ostensiva de um ponto de vista ideológico (EXPRIDEO)
Categoria 9 Grau de incompetência (INCOMPET)
Categoria 10 Capacidade de expressao e de comunicaçao ou transmissao de ideias (CEXPRO COM)

IV – COMENTÁRIO

DEIXEMOS agora a eloquência (dos factos) e passemos à liberdade de os comentarmos.

Os discursos «falam por si mesmos» sobre aquilo que caracteriza as pessoas que os proferem, quando se trata como foi o caso de hoje, de líderes políticos. Isso permitirá aos leitores formular um juízo pessoal sobre esses líderes.

O que acontece com F. Pinto Balsemão? O Primeiro-Ministro e na época presidente do PSD, na sua actuação provocou a censura de todos os os quadrantes que convergiram contra ele. Porquê? Pode pôr-se uma hipótese – de um lado da bipolarização, porque, na sua actuação ele gerou uma política suficientemente indesejável para esses partidos e para os grupos de cidadãos que eles representam. Do lado do CDS, porque ele não foi suficientemente radical para que o seu projecto partidário se tornasse realizável através de F. Pinto Balsemão.

Eventualmente, F. Pinto Balsemão, na sua posição PSD, está deslocado para a esquerda das bases CDS e mesmo de parte do PSD. Se ele quiser assumir uma posição central terá de produzir um deslocamento das bases do PSD, sem o que ficará muito vulnerável por falta de apoio. Produzir esse deslocamento ou provocá-lo, será difícil se actuar isolado, apesar de ele ser um respeitado fundador do PSD. Será mesmo, impossível para um homem só, deslocar tantos interesses divergentes como se contêm num partido, qualquer que ele seja. Isto explicaria que viesse a surgir uma tentativa de fazer essa deslocação através de uma forma de direcção colegial, que poderia exercer uma mais ampla influência sobre as bases, por meio de uma associação de líderes cada um deles com bases de apoio em certa medida diversificadas e que queiram acreditar em tal proposta e direcção colectiva e colegial.

No entanto, se esse deslocamento se gorar a meio caminho, terá piores resultados para o PSD do que ficar junto do CDS, aproveitando-se das vantagens do método de Hondt.

Aqui surgiria um segundo bloqueamento: – se o CDS permanecesse estável poderiu pensar-se numa recomposição da AD, mas isso aconteceria pelo argumento da manutenção de bipolarização. Aqui, no entanto, se a bipolarização fosse ainda considerada insuficiente para o CDS, poderia ocorrer uma nova cisão, agora das bases do CDS, entre os que queiram e os que não queiram deslocar-se mais para a direita. Apareceria nesse caso a hipótese para alguns, actuais aderentes do CDS, de votar num partido mais à direita.

Por outro lado, a manutenção bipolarizada do PSD, junto do CDS levaria o PS a ter de se deslocar para o outro lado da vertical. Como alternativa se o PS viesse a associar-se ao PSD e CDS, deslocar-se-ia ele próprio para fora do centro de gravidade da sua base de sustentação, que como mostramos está polarizada para o outro lado.

Quanto ao PCP, a procura de uma aproximação PS-PCP seria o natural, quer a nível de bases - como até um pouco inesperadamente no modo como certos sectores das bases do PS e PCP vêem certos líderes de um e do outro partido.

Isso poderia permitir ao PS manter-se numa posição polarizada e expectante, até que algum deslocamento para o centro de outra força política viesse, a prazo, dar-lhe uma cobertura política adicional agora pelo outro lado da sua posição própria, que nesse caso se *manteria estável do lado da «gaveta» do PS.*

Os custos e os ganhos imediatos e a prazo são fáceis de prever.

Queremos fazer notar que, de qualquer forma, foram identificados dois factos interessantes – (1) também a nível dos líderes existe bipolarização, como é natural, mas (2) ela não é tão clara como o foi em relação à definição de posicionamento partidário, no seu conjunto.

As razões desta menor separação poderão ter sido as de moderação formal que é própria de discursos de líderes, mas poderá igualmente exprimir o desejo de um consenso que reflita, de uma nova forma, os posicionamentos quer ideológicos quer dos interesses concretos dos eleitores, dado o actual desequilíbrio. Se esse consenso cair fora dos interesses dos diferentes grupos que compõem o eleitorado, expresso não só através do voto mas igualmente por meio de apoio continuado, ao longo da legislatura que se aproxima, de nada valerá qualquer voluntarismo político por parte dos líderes. A instabilidade será ocultada em termos de «superfície», mas irá corroendo progressivamente as bases da instituição democrática – por melhores discursos que se venham a fazer na Assembleia e mais ainda nos Órgãos de Comunicação – por vezes mais utilizado que a própria Assembleia da República como local de debate político.

Gostaríamos que ficasse entendido que não foi às personalidades, como cidadãos que tivessem responsabilidades iguais às dos outros cidadãos que hoje nos referimos. As nossas observações dizem respeito sim, aos «cidadãos enquanto exercendo acções de liderança política» e aí a análise exerce-se sobre as características dessa liderança.

Nós continuaremos.

Conferência de Viena

Continuação da pag 3

nucleares no seu território administrativo.»

Esta decisão eatá inteiramente de acordo com as conclusões da Conferência de Viena, na qual foi salientado por diversos participantes o crescente movimento, por parte das autarquias locais, de declaração de área administrativa livre de armas nucleares. Em Inglaterra, por exemplo, já houve 150 cidades que fizeram tal declaração.

Segundo julgo, e tal como foi relatado na conferência, acções pela Paz são igualmente possíveis, entre nós, no quadro das relações entre cidades gémeas, aproveitando a intensificação do movimento de geminação de cidades que se desenvolveram em Portugal depois do 25 de Abril.

(2) Os Sindicatos

Foi salientada na conferência a necessidade de se estreitarem os laços entre os movimentos contra a guerra e o movimento sindical.

Entre nós, tem sido esta uma das linhas de acção.

Do Caderno Reivindicativo aprovado no seu IV Congresso.

Os 22 pontos da CGTP-IN consta:

«22. Defesa da Paz» garantias de que o Estado Português não autorizará a instalação, trânsito ou estacionamento de armas nucleares em território nacional».

No mesmo congresso foi apoiada a próxima realização em Praga, no mês de Julho, da Assembleia Mundial do Povo pela Paz e a Vida bem como a realização de uma conferência mundial sobre o desarmamento, no âmbito da ONU com o objéctivo da dissolução simultânea, completa e controlada dos blocos militares e exigido, o compromisso de que nenhum Estado produtor de armas nucleares permitirá a sua utilização nem nenhum Estado não produtor daqueles engenhos autorizará a sua instalação dentro das respectivas fronteiras.

(3) Diálogo entre partidos políticos de ideologias diferentes

A unidade, de convergência, e a compreensão, entre partidos de ideologias diferentes, para a defesa da Paz, é uma necessidade urgente.

A Conferência de Viena representou um passo importante nessa direcção. Por exemplo, da Finlândia, estiveram presentes o secretário geral do Partido Social Democrata, o secretário do Comité Central do Partido Comunista e o presidente da Comissão de Relações Externas do Partido do Centro.

O diálogo deve ser o primeiro passo afim de que se possa chegar a posições comuns sobre um objectivo.

O diálogo entre o Partido Socialista e o Partido Comunista é absolutamente indispensável a uma política de paz e de progresso em Portugal. Mas este pressuposto não é, hoje, uma realidade, que continua a ser um obstáculo ao movimento da defesa da paz.

Contudo, no movimento operário e sindical, no movimento popular, nós temos a experiência da unidade que se constroi de baixo para cima.

Por meio da dinâmica de tal unidade e seus reflexos inevitáveis ao nível das direcções políticas foi possível provocar a queda do Governo Balsemão apesar do apoio da maioria absoluta de que dispunha na Assembleia da República.

Um exemplo de unidade que se constrói de baixo para cima foi dado pelas marchas da paz realizadas em Janeiro de 1982, em Lisboa e no Porto, nas quais tomaram parte cerca de 200.000 pessoas. A participação nas marchas foi caracterizada por grande abertura e pluralismo, desde à preparação à realização.

(4) A verdade na informação

A acção que é preciso desenvolver contra a manipulação da informação, a desinformação, a guerra psicológica que são praticadas pela grande imprensa, a Rádio e a Televisão, dos países ocidentais em tudo que diz respeito às actividades das organizações que lutam pela paz, foi uma das tónicas da Conferência de Viena.

Entre nós, a actividade dos movimentos anti-guerra é sistematicamente ocultada ou deformada pela TV, Rádio, Imprensa estatizada, etc.

A luta por uma informação pluralista, tal como é consagrada na Constitui,ão, tem sido um constante da acção das forças democráticas. É exemplo desta acção o movimento que se recrutou no nosso país contra a extinção da ANOP e que conseguiu travar o processo de destruição daquela agência de notícias.

Neste momento impõe-se, lutar pela consolidação da ANOP e contra a descriminação de que está sendo sujeita por parte dos gestores de órgãos estatizados da Comunicação Social.

(5) O Mundo é um só

A ideia de que o que acontece numa parte do Mundo inteiro esteve sempre presente na conferência.

Foi sublinhada a importância que teria, para a defesa da paz, a conferência de Nova Delhi dos países não-alinhados, como se veio a verificar pela sua declaração política final, da qual destacamos:

– A sua própria conservação» é a questão chave pela Humanidade no século nuclear»:

– A paz e a segurança no mundo só podem ser garantidas com base no desarmamento total e universal, sobretudo nuclear.

– Os países não-alinhados não aceitam teorias da guerra nuclear limitada «e exortam as potências nucleares a iniciarem conversações sobre a limitação dos armamentos e sobre o desarmamento elaborando imediatamente um tratado universal de proibição de exercícios com armas nucleares».

De 25 a 27 de Março corrente terá lugar em Lisboa a Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente. Esta importante iniciativa internacional recebeu o alto patrocínio dos chefes de Estado de Portugal, Angola, Bostwana, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia e dos chefes do governo do Lesotho e Zimbabwe.

A conferência tem por fim: informar a opinião pública internacional sobre a situação actual na África Austral, mobilizando-a para acções concretas de solidariedade com os Estdos desta região, que se devem defender das ameaças e agressões praticadas pela República da África do Sul; condenar o regime do apartheid; promover a solidariedade com os povos da África do Sul e da Namíbia.

Esta conferência, em Lisboa, será sem dúvida, uma contribuição para a Paz na África Austral e no Mundo.

(6) Zonas desnuclearizadas

A criação de zonas livres de armas nucleares, na Europa, devidamente reconhecidas pelas potências nucleares foi um dos apelos da conferência.

Geograficamente Portugal e Espanha são países vizinhos que constituem um eco-sistema único: a Península Ibérica.

Esta realidade poderá tornar-se uma solidriedade democrática se um dos dois países é alvo de um ataque nuclear. Com efeito, a deflagração de um engenho nuclear com uma potência explosiva da ordem de 1 milhão de toneladas (EUA e a URSS possuem ambos muitas destas bombas) afectaria um território de 84.000 km (quase a superficie de Portugal), ou seja um crírculo com um raio de 170 km.

Visto que o território português tem a forma de um quadrilátero cujo lado mais pequeno é da ordem dos 200 km, será praticamente, impossivel lançar uma bomba sobre Portugal, cujos efeitos directos não atinjam, também, zonas de Espanha.

Segundo testes relativos a lesões do aparelho visual, provocados pelos efeitos térmicos da explosão nuclear, uma única deflagração em Lisboa produziria lesões na retina entre os habitantes de Madrid.

Os grandes rios portugueses são comuns aos dois países. Um ataque nucler sobre a Espanha produziria a contaminação das águas portuguesas e teria graves consequências, por exemplo, no sistema de aprovisionamento de enrgia eléctrica, precipitações radioactivas provocariam a poluição atómica da cadeia alimentar Etc. etc.

Por consequência é necessário e urgente unir os lutadores pela Paz dos povos da Península Ibérica, com vista a um largo debate público afim de desencadear uma campanha com o objectivo de manter a Península Ibérica como zona livre de armas nucleares.

O recente estacionamento de um submarino atómico norte-americano nas águas do Tejo é um aviso para todos os portugueses dos riscos nucleares de que Portugal está ameaçado devido à política de cedências aos meios mais belicistas da Aliança Atlântica e do grande capital internacional.

Os participantes à reunião de 21 de Janeiro último do movimento «Não as armas nucleares em Portugal» reafirmaram a sua determinação de continuar a mobilizar a opinião portuguesa para impedir a instalação, o estacionamento e o trânsito de armas nucleares em Portugal.

Esta, será certamente, uma das contribuições mais válidas para afastar os perigos de guerra na Europa.

Aveiro

Continuação da pág 4

da AD, afirma que «o desfazer desta primeira AD não passa de um percalço e há que tirar todas as ilações para uma nova AD renovada, com projecto».

«Penso que à partida não está nada perdido, antes pelo contrário. A proposta que o CDS faz é no sentido da construção de uma nova AD de face liberal ou liberalizante, por contraponto às soluçoes socialistas ou socializantes. Isto é, há no fundo que acentuar cada vez mais como ponto de referência para a solução dos problemas a pessoa e a sua possibilidade em termos de trabalho, de criação, de progresso, e não ter como ponto de referência o Estado como fonte de solução de todos os problemas.»

Quanto a objectivos quantificados o CDS pretende aumentar a sua representação parlamentar no distrito de Aveiro para os níveis de 1976 e se possível ultrapassá-los.

Uma das mensagens que vai lançar é que uma votação forte no CDS significa um argumento muito forte também no sentido da reconstituição da AD.

«Uma diminuição do eleitorado do CDS, e a consequente subida do PSD, não deixará de significar que a vontade do eleitorado se manifestou no sentido de uma aliança entre o PSD e o PS.»

Mas o dr. Nunes Tavares pensa também que o CDS aspira a tornar-se um partido verdadeiramente popular, porque enquanto não tiver uma mensagem autêntica de força social dirigida ao mundo do trabalho não poderá crescer significativamente. «Creio que com os actuais dirigentes o CDS vai crescer.»

Nestas eleições não vai pescar especificamente votos em quaisquer águas mas «tentará fazer ouvir a sua voz em todos os mares».

Sobre o PS, o dr. Nunes Tavares acha que sem a figura do dr. Carlos Candal nas suas listas, o PS corre o risco de ver passar-se uma faixa do seu eleitorado para a APU.

«É um homem que garante o voto dos socialistas nas listas socialistas, independentemente das excelentes pessoas que nelas estão incluídas.»

A V

Mota Pinto ao "DL"

Continuação da pág. 5

agrícola, nós achamos que as pessoas se devem e podem associar em cooperativas de produção ou de consumo...

DL – Uma das coisas que os políticos falam com frequência é na baixa produtividade. Como deve resolver-se isso? Com medidas adiministrativas, com confiança mútua entre agentes de produção, com autoritarismo? Se for Primeiro-Ministro, como é?

M.P. – Para além do aumento de produtividade que resulta da melhoria do índice tecnológico, entendo que um bom relacionamento entre empresários e trabalhadores por conta de outrem, um pacto ou cosenso social, em que as pessoas possam dialogar, discutir aspectos ligados à política salarial, na gestão de certos organismos, a própria desproletarização, tudo isto pode levar a um aumento de produção. Em tudo isto, o Estado não pode ficar passivamente a olhar sem intervir. O Estado deve tentar o consenso entre as diferentes forças, mas não pode abdicar das responsabilidades governativas no caso de desacordo, obviamente. Para alguma coisa o Parlamento e o Governo resultam do sufrágio universal, da vontade da maioria dos portugueses.

Sucesso eleitoral? não quantifico...

DL – O prof. Mota Pinto está convencido que o PSD vai ganhar?

M.P. – Estou convencido que vamos ter um sucesso eleitoral.

DL – Mas o que é um sucesso eleitoral? Percentagens?

M.P. – Não quantifico. Não posso para já esclerosar, para já, a realidade que só no dia das eleiçoes se poderá apreciar. Há muitas variáveis. A distribuição dos votos pelos partidos pode ser muito diferente. Um bom «score» pode não ser já tão bom se a distribuição dos votos for diferente, de forma que não é possível, aprioristicamente, pese embora a curiosidade dos senhores jornalistas quantificar aritmeticamente um sucesso eleitoral. Mas sucesso eleitoral é uma coisa objectiva e toda a gente estará logo no dia das eleições em condições de afirmar se tivemos ou não um sucesso eleitoral.

DL – Sucesso eleitoral é ficar à frente dos outros partidos, não é? É ficar à frente do PS?

M.P. – Um sucesso eleitoral é ter uma votação expressiva, significativa.

DL – Mas, se o PSD ganhasse, o prof. Mota seria o primeiro-ministro, caso não tenha uma votuação expressivamente forte, será o líder da Oposição. Irá chefiar o grupo parlamentar do PSD?

M.P. – Serei deputado se não tivermos o tal sucesso eleitoral. Como sabe, entre nós, o Grupo Parlamentar elege o seu presidente. Não gostaria de antecipar...

DL – Também no Manifesto Eleitoral e em conferências de Imprensa, o prof. Pinto fala num primeiro convite ao CDS, caso se mantivessem, aproximadamente, os resultados de 79 e 80. Pretende a reformulação da AD?

M.P. – No caso do povo ter confirmado essas votações de 79 e 80, nós dirigir-nos-emos ao CDS para propor uma coligação. Mas, ainda assim, eu tenho acrescentado, e é essa a nossa posição, nós procuraremos fazer acordos sobre aspectos sectoriais, que tenha a ver com as grandes questões nacionais, com o Partido Socialista.

DL – E se o PSD ficar abaixo do Partido Socialista?

M.P. – Se nós tivermos um sucesso eleitoral proporemos um Acordo Global de regime ao PS e ao CDS...

DL – Excluindo o Partido Comunista...

M.P. – A prática e a filosofia do Partido Comunista não se molda à concepção ocidental que temos do que é a democracia...

O PRÓXIMO PR – OS CONTACTOS DE EANES

DL – Nesse Acordo Global de Regime fala-se já nas futuras eleições presidenciais e que o candidato deverá estar em consonância com a Maioria Parlamentar. Isso implica a aceitação de um cadidato do PS ou de um candidato independente?

M.P. – A nossa posição à partida é apresentar um candidato próprio...

DL – Mas se a maioria for conseguida com os votos do PS e do PSD, então...

M.P. – Nós ainda não discutimos isso com ninguém. Não faremos futurologia, mas repito, a nossa posição, de partida, é apresentar um candidato próprio...

DL – Mas nunca um militar?

M.P. – As presidenciais é uma questão que ainda vem muito longe, mas a nossa vocação é civilística.

DL – Como encara o prof. Mota Pinto as iniciativas do Presidente da República, no recente almoço com os parceiros sociais, e a sugestão do dr. Mota Amaral ao Presidente da República para idêntica atitude com os quatro maiores partidos?

M.P. – A nossa posição relativamente ao Presidente da República é de que se trata de um órgão de soberania que deve ser respeitado nas suas atribuições e deve respeitar as atribuições dos outros órgãos de soberania. Nós dialogamos institucionalmente com o Presidente da República, de acordo com o texto constitucional e até dialogamos politicamente, quando entendermos que há interesse em expor os nossos pontos de vista ao Presidente da República e em ouvir as opiniões do Presidente da República. Decidimos com autonomia e esta é a nossa perspectiva de diálogo. Enriquecimento recíproco não significa servilismo, subordinação, nem dar aval ou caução a qualquer esboço de transformação da prática constitucional real para a prática de supremacia ou de direcção presidencial da vida política portuguesa.

DL – Esses encontros dão um bom exemplo disso?

M.P. – A partir de um facto isolado, não farei processos de intenção...

DESPROLETARIZAÇÃO: OS MELHORES, OS MELHORES...

DL – Não terminamos a entrevista sem que o Prof. Mota Pinto me explique o que é a desproletarização. É apenas um «slogan» eleitoral?

M.P. – A desproletarização é, do meu ponto de vista, a concretização efectiva, uma forma de elevar proletários à condição de detentores ou comparticipantes dos meios de produção. Ora isto é a concretização efectiva de uma vida social-democrata para Portugal. É também a passagem de capital público das empresas mistas para os trabalhadores das próprias empresas ou para fundações que estejam ao serviço dessas empresas, em vez de pertencer ao Estado.

DL – Não acha que neste momento o PSD é um partido social-democrata liderado por liberais, sem que isto implique juízos de valor?

M.P. – Acho que as pessoas que lideram o PSD são efectivamente sociais-democratas. São pessoas que dão valor ao fruto do trabalho, à justiça social e à promoção social. Não existe essa mentalidade do liberalismo económico. Não, tanto os dirigentes como as bases do PSD, têm exigências de justiça social, assim como prezam quem tem sucesso através do trabalho, da visão, da iniciativa, do dinamismo. Mas há sempre essa exigência de justiça social.

DL – Depois de um certo período de afastamento da vida política, em que, como disse, esteve bastante ocupado com a função de professor universitário, não sentiu dificuldades de recomeço da vida política?

M.P. – Não, não, com a cooperação de todos os companheiros do partido, e com o apoio das magníficas bases do PSD, não houve nem há qualquer dificuldade...

F.M.

DESPORTO

ponta esquerda

Luto no ciclismo

Desfez-se uma dupla de amigos: a morte do grande dirigente sportinguista que foi o dr. Pereira da Silva, rouba a Joaquim Agostinho o seu padrinho e, mais que isso, o homem que impulsionou o nosso maior campeão ciclista de todos os tempos para a sua espantosa carreira internacional. Está de luto o Sporting e, mais que isso, perde o dirigismo português uma figura de belo recorte e vincada personalidade. No dia em que a «medalha de mérito desportivo» era entregue a Joaquim Agostinho (pelo então ministro Veiga Simão) à direita do ciclista estava o dr. Pereira da Silva, Paz à sua alma.

Queluz-Porto em basquetebol: nortenhos querem explicação

A direcção do FC Porto teve ontem como assunto principal de uma longa reunião o caso do jogo de básquete em Queluz que foi suspenso por falta de energia. Na eventualidade de o organismo federativo pretender que o jogo seja repetido, a direcção portista, depois de ouvido o director dr. José Cunha, decidiu «solicitar rigoroso inquérito sobre o assunto, não aceitando, até à sua conclusão, qualquer decisão que seja tomada pela direcção da Federação de Básquete»

O anzol das palavras

Na «Gazeta dos Desportos», Fernando Barata (presidente do Farense) aponta o treinador António Medeiros como «um palhaço com a mania das grandezas».

Placard

Canoagem em Águeda

O Ginásio Clube de Águeda vai levar a efeito, pela quinta vez, a descida do rio Águeda, em canoa. A prova realiza-se depois de amanhã, estando assegurada a participação de alguns concorrentes estrangeiros. A concentração é feita às 10 horas, na Praça do Mercado, verificando-se a largada das embarcações às 11 horas, em Redonda e Bolfiar, prevendo-se a chegada ao cais das Laranjas cerca do meio-dia.

Nacionais de futebol

Benfica a espreitar concorrência directa

A 23.ª jornada do nacional de futebol da 1.ª Divisão, que se disputa este fim-de-semana, poderá vir a tornar-se decisiva quanto ao título de 1982/83. No quadro de jogos a realizar no domingo fácil será notar que tanto pode ficar praticamente encontrado o campeão nacional, como tudo se poderá complicar de tal maneira que se torne difícil apostar no vermelho, azul ou verde.

O Benfica, «líder» da prova (com três pontos de vantagem sobre o Porto, que representam praticamente quatro se recordarmos terem os benfiquistas vencido pelo diferença de dois golos na Luz) surge como sendo dos três candidatos ao título o que tem aparentemente tarefa mais fácil. Recebendo o Marítimo, a turma de Eriksson parece apostada em festejar mais os desaires que possam surgir na Amoreira e em Braga do que, propriamente assegurada, pese embora os imponderáveis do desporto, o Benfica ficará a aguardar as tradicionais dificuldades do FC Porto no Estoril, bem como aquilo que a turma bracarense possa vir a conseguir frente ao campeão nacional, o Sporting. Daí prever-se que a jornada número 23 possa vir a colocar o Benfica mais distanciado dos seus presseguidores, após os 90 minutos dos jogos de domingo.

Contudo, ainda se poderá dar a permuta entre o Porto e o Sporting, o que seria autêntico golpe de teatro, bastando para tal que os estorilistas vençam o adversário e que o Sporting (de Oliveira) passe o obstáculo de Braga.

Se a luta pelos lugares de honra está a aquecer em cada jornada que se realiza, aquela que se mantém pelo quarto lugar e pela fuga à baixa de divisão, não é menos renhida. No que respeita ao primeiro caso, o Braga terá de vencer o Sporting e o Guimarães pensa o mesmo ante o Varzim, onde os jogadores de José Torres, pela calada, também olham para a Europa. Dois jogos (pois) da maior importância com vistas a um futuro breve e sobre o qual, também nesta jornada o véu pode ficar um tanto ou quanto levantado.

Setúbal, (no Bonfim), vai dar tudo para pontuar, após a derrota spfrida em Vila do Conde, onde mora uma equipa com a qual perder em nada deslustra o vencido. Pontuar impõe-se para a turma de Manuel de Oliveira, por quanto a situação não é famosa.

Salgueiros — Rio Ave deve ser jogo de nervos: duas equipas com situações diferentes, o Rio Ave sem receio quanto à descida e sem pensar em altos voos, o Salgueiros a tentar confirmar uma subida de forma que vem surgindo jornada a jornada e que parece poder vir a salvá-lo do pior.

O Espinho, o grande vencido da última jornada, recebe o Portimonense, equipa que no domingo deixou fugir um ponto (face ao braga), do qual talvez ainda venha a lembrar-se lá mais ara a frente se é certo que jogar em casa continua a ser factor bastante favprável, duvidamos que os espinhenses consigam vencer a turma de Artur Jorge. Não que esta atravesse forma apurada, mas os 3-0 com que foram presenteados os espinhenses, frente ao «inocente» ataque dos últimos classificados (o Alcobaça), poderá vir a pesar sobremaneira na actuação dos homens de Espinho.

Finalmente, no último encontro também estará o derradeiro classificado não será provável que os «axadrezados» percam esta oportunidade de pontuar, porque se encontram em zona de aflição. Tendo mesmo em conta o brilharete feito pelos alcobacenses na última jornada, não se acredita que consigam conquistar um ponto que seja frente aos boavisteiros. Se tal sucedesse, seria a grande surpresa da jornada, por mais fértil que ela venha a ser em resultados menos esperados.

Em suma: uma jornada importante, onde as únicas duas certezas serão quais forem os resultados, Benfica e Alcobaça respecxtivamente, no 1.º e no último lugares da classificação geral.

Reservas lisboetas

Disputaram-se ontem, à noite, três dos quatro encontros da 11.ª jornada do Torneio Extraordinário de Reservas da AFL, que proporcionaram os seguintes resultados: Odivelas - Torriense, 3-3; Sacavenense - Belenenses, 1-2; Atlético - Estoril, 0-2. O jogo Sporting - Benfica foi adiado para data oportuna.

URSS: selecção

O seleccionador soviético Valeri Lobanovski anunciou a convocação de doze futebolistas para o jogo particular a disputar dia 23, em Paris, com a França.

Rinat Dassaev, Vladimir Bessonov, Serguei Baltacha, Alexander Chivadze, Anatoli Demianenko, Andrei Bal, Khoren Oganessiam, Oleg Blokhin, Serguei Rodionov, Andrey Zavárov, Leonid Buryak e Vladimir Lozinski são os jogadores já escolhidos por Lobanovski. Os primeiros noves fizeram parte da selecção soviétiva que disputou o «Mundial» de Espanha (em 1982) e foram dados como certos pelo técnico na equipa a apresentar de início ante a França. O jogo com a França e outro (dia 13 de Abril em Lausana) com a Suíça estão englobados no plano de preparação para o jogo a disputar em Moscovo, dia 27 de Abril, com Portugal, a contar para o grupo 2 da fase de qualificação do campeonato da Europa.

Totobola extraordinário

Os serviços de escrutínio do totobola apuraram 23 totalistas no segundo concurso extraordinário da época, relativo aos jogos de quarta-feira das competições europeias de futebol.

A cada 13 cabe o prémio de 156.157 escudos (valor provisório). Com 12 resultados certos foram escrutinados 792 apostas, correspondendo a cada uma o prémio de 4534 escudos (valor provisório).

Boavista: saltar do fosso

Zé Manuel, futebolista do Boavista, afirma que a «recuperação da equipa se deve fundamentalmente à entrega total dos jogadores nesta fase crucial do campeonato».

Para o médio do Bessa, «houve sempre essa entrega. Só que agora ela existe mais do que nunca, não só pela amizade que temos pelo Manuel Barbosa, como porque todos tomaram consciência das responsabilidades que o clube terá que enfrentar».

«Talvez um pouco tarde de mais», sublinhou, prometendo que «as vitórias reiniciadas ante o Rio Ave prosseguem domingo com maior ou menor dificuldade frente ao Alcobaça». Mesmo assim, «aAté final do campeonato não haverá adversários fáceis. Apesar de termos o pássaro na mão, teremos que nos empenhar para não deixarmos cair o Boavista na 2.ª divisão», diz Zé Manuel, não se considerando afectado após uma recente intervenção cirúrgica, para extracção de um pequeno metal no joelho esquerdo, mas que declara estar ainda a jogar «com alguma compreensível lentidão».

O jovem Madureira II (19 anos) estreou-se perante o Amora, por lesão do titular Queiró.

«Tudo farei para continuar a merecer a confiança de Manuel Barbosa», disse o defesa lateral direito do Boavista, considerando que necessita de mais oportunidades para demonstrar o seu «real valor».

Iniciando-se no FC Porto, onde esteve cinco anos (dois nos iniciados, dois nos juvenis e um nos juniores), Madureira II encontra-se há uma época no Boavista.

Conquistar um lugar na equipa principal, manter o Boavista na 1.ª divisão e «espreitar uma oportunidade nas 'Esperanças», para demonstrar o seu valor, são os objectivos imediatos deste jovem.

Não gosta de falar de treinadores. Contudo «os que passaram esta temporada pelo Boavista cometeram o gravíssimo erro de terem efectuado apenas um treino de conjunto ao longo da semana», afirma, apontando essa como uma das principais causas para o mau comportamento do clube neste campeonato.

ESPECTACULAR CAMPANHA 1983

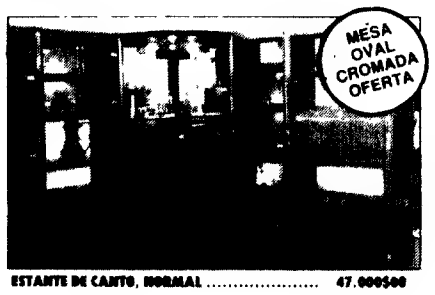
DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO (Fábricas Porto e Lisboa)
ALVERCA — 4+100 — R. Brigadeiro Alberto de Oliveira (Junto ás bombas da gasolina) — Codex 2615 - Tel. 2582403
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A (Entre o Conde Redondo e o C Santana)
LISBOA — Estr. Benfica, 174 (a 500 m de Sete Rios) Codex 1500 - Tel 780599
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 - Tel. 538076 (a 30m da Portugalia)
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 - Codex 2800 - Tel. 2769001
ODIVELAS — Salão na Fábrica - R. Alfredo Ruas, 50 — Pedernais Tel. 9810711 (à Ponte da Bica) — Est. Odivelas — Caneças
SACAVÉM — R. de S. José, Lote 1 (esquina c/a Estr Lisboa)
PAIVAS — Estrada Nacional, 10 - Lote 30 (mesmo no extremo dos Paivas c/ a Cruz de Pau)
NOTE BEM: A loja da Av. Almirante Reis, 125, está aberta todos os dias das 9,30 às 23 h. (e hora do almoço, incluindo Domingos e Feriados (Centro Comercial Gália)
EM ALMADA, SECÇÕES DE SUPERSALDOS NO 1.º ANDAR

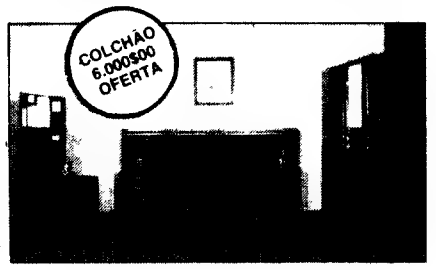
MÓVEL C/ 3 ELEMENTOS ..... 22.500$00
CADEIRA ..... 1.650$00
MESA CROMADA C/ VIDRO FUMADO ..... OFERTA

QUARTO CASAL ..... 20.000$00

QUARTO CRIANÇA ..... 18.900$00



ESTANTE DE CANTO, NORMAL ..... 47.000$00
ESTANTE DE CANTO DE LUXO ..... 59.500$00



QUARTO C/ RÁDIO, ALÇADO A VELUDO ..... 47.500$00

MÓVEIS DE LUXO
EM CLÁSSICO
E
MODERNO
SOMOS
A FÁBRICA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «TALHERES, VIDROS E DIVERSOS» – PROCESSO N.º 85/83

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «Talheres, Vidros e Diversos».
2. Serão recebidas propostas até às 17 H 30 do dia 20 de Abril de 1983, procedendo-se à sua abertura às 10 H 00 do dia imediato 1 de Abril de 1983.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 100 000$00.

DESPORTO

Nova liga de clubes: uma ideia em marcha

«Uma Liga nova que defenda os interesses das setecentas colectividades existentes no país e não selectiva como acontece com a existente, foi o desejo manifestado por representantes de cerca de duas dezenas de colectividades, numa reunião realizada na terça-feira passada, na delegação do Ginásio de Alcobaça, em Lisboa – conta o nosso prezado colega «Gazeta dos Desportos», em excelente reportagem incerta no seu número de hoje». E acrescenta: «Os presidentes do Amora e Alcobaça, Fernando Paixão e Guerra Madaleno respectivamente, são os principais impulsionadores desta iniciativa, à qual aderiram já o Cova da Piedade, Estarreja, Olhanense, Sport Lisboa e Olivais, Estrela da Amadora, Vilafranquense, «O Elvas» e Odivelas. O Académico de Coimbra e Estoril Praia fizeram-se representar na reunião como observadores. Aliás, Quiaios, Quimigal, Alferrarede e Rio Maior também participaram, além de várias outras colectividades que telefonaram manifestando aos promotores a sua solidariedade.

«Durante o encontro foram dados passos importantes, nomeadamente a eleição de uma Comissão Instaladora a nível de Centro e Sul do País, que permita materializar os objectivos preconizados e a definição de matérias que irão nortear as actividades da Liga.

«Os elementos escolhidos para integrar o futuro organismo denominado **Comissão de Unidade dos Clubes de Futebol,** totalizam em princípio um número de sete, aos quais serão acrescidos outros quatro. Os sete já nomeados são:

Coimbra: José Manuel Monteiro (Académico de Coimbra);

Faro: Vítor Neves (Olhanense);

Setúbal: Fernando Paixão (Amora);

Leiria: Guerra Madaleno;

Lisboa: Augusto Martins (Odivelas) e João Gomes (Estrela da Amadora);

Portalegre: Rui Silva (Elvas).

«A tarefa prioritária da futura Liga será a de dinamizar as associações distritais, promover reuniões alargadas, estabelecer diálogo com a actual Liga dos Clubes Profissionais, promover reuniões alargadas para realização de um trabalho de base, assentar num manifesto de intenções, reivindicar a participação das receitas do Totobola, reivindicar direitos mais vastos quanto ao Bingo, reivindicar parte das percentagens que a Federação desconta nas receitas dos jogos, alterar o Estatutto dos Árbitros, criar um torneio suplementar que dê receitas integrais, exigir do Governo mais subsídios para as actividades amadoras, estudar calendário mais adequado para o campeonato, estudar a forma de tornar os clubes viáveis economicamente, **estudar todos os assuntos de interesse comum para os clubes e fazendo prevalecer seus direitos, perante terceiros. Conclui a «Gazeta dos Desportos».**

«O dr. Guerra Madaleno diria a determinada altura da sua intervenção que **a actual Liga era uma «cópia» da Federação Portuguesa de Futebol, daí a sua inoperância. Se é erro de estrutura é a nós que compete rectificar o processo. Não pretendemos defender grupos, nem utilizar este novo organismo que hoje aqui vai nascer, para fins pessoais, mas bem pelo contrário, fazer dele um bastião na defesa dos interesses dos que a ele se associam. Defesa não de uns mas de todos por todos.»**

Alves no Udinese? Verbas já acordadas

João Alves, que esta temporada termina o seu compromisso com o Benfica e apesar de bastante assediado para prolongar já a ligação com o **águia** tem sucessivamente adiado uma resolução, acaba de merecer todo o interesse dos italianos do Udinese, não apenas pela sua brilhante actuação nos dois jogos ante o Roma mas, fundamentalmente, por se encontrar dentro do plano máximo de uma carreira onde ganhou direito de primeira fila no futebol português.

Um enviado do Udinese esteve esta semana, acompanhado de um cotado empresário internacional, em contacto directo com o famoso centro-campista das luvas negras e (pode garantir-se) já estão acordadas verbas em relação a uma possível passagem de Alves, de Portugal para Itália. O número nove do Benfica, que é o único profissional do nosso futebol que já brilhou em Espanha e em França ao serviço de clubes de plano cimeiro, pode (realmente) fortalecer a sua conta bancária com um excelente monte de liras, uma vez que será sempre o maior beneficiário de eventual transferência, que pode processar-se por dois canais perfeitamente legais: ou o Udinese entra em acordo com o Benfica e logo no início da próxima temporada João Alves fica ao dispor do «team» italiano ou o jogador não firma prorrogação de contrato com os «encarnados» da Luz, transfere-se livremente para qualquer outro clube português e, depois, deixa passar dois meses e, com o acordo da nova entidade patronal (que até pode ser de velho conhecimento...) muda-se, com a arma do seu talento e a bagagem da sua visão futebolística para o terceiro país onde, como emigrante, pode continuar um «palmarés» verdadeiramente único.

Todavia, não poderá esquecer-se que qualquer das listas empenhadas na conquista da gerência benfiquista pelos próximos dois anos está totalmente desejosa de manter João Alves como figura exponencial do seu grupo: restará saber se haverá dinheiro (por cá) que evite, lá para meados de Outubro, vermos o estratego em melhor forma do nosso futebol nos píncaros da lua do jogo italiano.

Ténis: Jamor e Vilamoura

A sala de visitas do Ténis nacional, nome que com toda a propriedade se pode aplicar ao Jamor, está quase pronta para receber o Portugal Open-SG Lights Cup-83. Ultimam-se as pinturas, estendem-se os últimos fios eléctricos, fazem-se as derradeiras limpezas: a fisionomia do complexo de ténis é outra, mais lavadinha... e não só.

Os «courts» que irão ser utilizados – os antigos 7 e 8 transformados num único, o «central», o 1 e 2 a funcionarem como 2 e 3 e o lindo «central» como n.º 1 – estão prontos faltando-lhes o acabamento final que aliás só será feito poucos dias antes do torneio.

«Mestre» Chico, o responsável pela conservação dos «courts», afirmou-nos ontem que os pisos estão em ordem e todos foram já devidamente testados, à excepção do central, o que acontecerá amanhã ou domingo, em que jogadores portugueses de 1.ª categoria lá actuarão.

Vilamoura logo a seguir

Logo a seguir, será a hora de Vilamoura: de 22 a 25 de Abril, o torneio internacional de iniciativa da «Kispo» (em colaboração com o têxtil Manuel Gonçalves, Banco Pinto & Sotto Mayor e os logurtes «Longa Vida») fará confluir para aquela vila algarvia larga fatia do escol de vedetas que vão desfilar no Jamor. As inscrições crescem dia-a-dia, prometendo que esta será, por iniciativa de entidades particulares (mas devidamente apoiadas federativamente) a temporada de ouro do ténis português.

Panatta chefão

O ténis italiano será dirigido a partir de Janeiro de 1984 pelo campeão Adriano Panatta, uma das melhores raquetes de Itália, várias vezes entre os 20 primeiros do Mundo. Panatta substituirá o responsável actual (Mario Belardinelli) e além de técnico será também capitão da equipa na Taça Davis:

Portugueses no corta-mato

Vinte e um atletas portugueses vão estar presentes nos campeonatos mundiais de corta-mato, que este ano se disputam em Gateshead, na Inglaterra, já no próximo domingo.

Fernando Mamede e Carlos Lopes (em seniores masculinos) e Rosa Mota e Aurora Cunha (em seniores femininos), são os quatro atletas portuguesas com grandes possibilidades de subirem ao pódio no final da corrida. Em seniores masculinos, aqueles dois atletas são considerados favoritos à vitória, mas outros há que também sonham com a subida ao primeiro lugar do pódio, como os etíopes Kedir, Tura e Bulte, os britânicos McLaud, Clarke e Jones (que correm em casa) ou, ainda, os norte-americanos Salazar e Craig. Também os quenianos, os neozelandeses e, por exemplo, o alemão federal Hans-Jurgen Orthmann vão lutar pelo triunfo.

Actualmente a forma física quer de Fernando Mamede quer de Carlos Lopes e boa e as hipóteses de êxito em Inglaterra são animadoras. Para além destes dois atletas deslocar-se-ão ainda António Leitão, Ezequiel Canário, Fernando Miguel, Hélder de Jesus, José Sena, Rafael Marques e Fernando Couto, este último o único estreante na prova.

Quanto aos seniores femininos, hajá ainda dúvidas relativamente à participação de Aurora Cunha (devido a uma lesão) que poderá ser substituída por Alice Silva. Mesmo que Aurora Cunha não participe, Portugal continua a ser favorito à vitória final através de Rosa Mota, que encontrará pela frente atletas de valor, tais como as inglesas Christine Benning e Jave Furniss, as italianas Gabriella Dorio e Margherita Gargano, a norueguesa Grete Waitz e a alemã federal Charlotte Tesk, todas elas a atravessarem um período de boa forma. Desconhece-se, ainda, o poder das atletas romenas, soviéticas e etíopes, que actuam pela primeira vez na Europa.

Além de Aurora Cunha e Rosa Mota, fazem parte da equipa feminina portuguesa Albertina Machado, Conceição Ferreira, Lucília Soares e Rita Borralho.

No que respeita aos juniores portugueses, a equipa portuguesa será formada por Fernando Ferreira, José Macedo, Luís Miguel, Luís Serrano, Luís Soares e Paulo Pinhal. Saliente-se que apenas Luís Miguel e José Macedo têm experiência nestes campeonatos mundiais de corta-mato.

●

O rei Juan Carlos, de Espanha, aceitou ser presidente de honra do Primeiro Campeonato Ibero-Americano de Atletismo. O torneio realiza-se em Barcelona, de 23 a 25 de Setembro.

A associação Ibero-Americana de Atletismo é composta por 22 países, dos quais nove já enviaram a sua inscrição provisória de participação: a Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Panama, Porto Rico e República Dominicana.

"Sport-Society"

Pela primeira vez a «Sportima» apresenta o seu «show» de moda desportiva na capital do país. É como que um cartão de boas-vindas à Imprensa. Para um melhor conhecimento do que esta nova marca está a lançar no nosso mercado.

A SPORTIMA É UM NOME JOVEM. **Prefere o melhor em qualidade e prestígio internacional.** Por isso mesmo, representa exclusivamente as marcas famosas de «Spalding» e «Diadora» (a preferência dos campeões: Borg e selecção de futebol de Itália). Desde o ténis ao golfe, do futebol ao esqui e «squash», a SPORTIMA cresce. Amanhã, pelas 17 e 30, no Hotel Tivoli a dupla Silva Pereira e José Augusto apresentam a firma no decorrer de um «show» de moda desportiva preparado pelo jornalista Carlos Castro.

Belenenses reúne

Com a presença de membros da direcção de «Os Belenenses» realiza-se no domingo, a partir das 10 e 30, uma reunião plenária do Grupo dos Mil, para «determinar a dinâmica a seguir pelo Grupo, incluindo nas linhas de acção traçadas pela própria direcção». No decorrer da reunião serão ainda distribuídos cartões de aderentes a todos os associados incritos no Grupo dos Mil

Futebol Benfica: festa

Com o fim de apresentar o programa de festividades comemorativas do cinquentenário do Futebol Benfica, a sua direcção reúne-se hoje, pelas 19 e 30, com os representantes da comunicação social. O encontro realiza-se no ginásio do parque desportivo da colectividade.

MICROSCÓPIO

Xadrez: candidatos

A nona das dez partidas do «match» dos quartos de final do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez foi adiada para amanhã, a pedido de Alexandre Beliavsky, que perde com Garry Kasparov por 3-5, pelo que necessita de vencer as duas últimas partidas para ultrapassar o claro favoritismo do seu adversário na qualificação para as meias finais do torneio.

Anteriormente Kasparov também solicitou um adiamento.

Ginástica em acção

Disputar-se-á depois da amanhã, no pavilhão n.º 2 do Estádio da Luz, com início às 13 e 30, o Critério da Juventude para ginastas masculinos e femininos. As provas masculinas registam inscrição de ginastas do Sporting Farense, FC Porto, Física de Torres Vedras e Associação Penichense. Nas femininas, que terão início cerca das 17 horas, increveram-se o Ginásio Clube Português Boavista Lisboa Ginásio, Física de Torres Vedras, FC Porto e Sporting, além de Renata Ribeiro e Carla Ferreira, que concorrem como individuais.

Boxe

O italiano Lucic Cusma conquistou, em Capo d'Orlando (Sicília), o título de campeão da Europa dos pesos leves, ao vencer o seu compatriota e detentor do título, Joe Gibilisco, por abandono no fim do 11.º «assalto».

Postal para um empregado do Sporting

No semanário «Sporting», o sr. Inácio Teigão, jornalista de largo prestígio e muita popularidade especialmente através da brilhante carreira cumprida no «Diário de Notícias», dá-me a elevada honra de citação ao longo de toda uma página em que procura fazer crer que existe qualquer associação entre o árbitro Santos Ruivo e este humilde escriba.

Como facilmente se deverá entender, dado o alto valor do sr. IT (não confundir com ET) e a sua enorme percentagem de audiência entre este Povo português e, muito especialmente, no vastíssimo lote de amigos que conta entre os colegas de profissão, dispensa-me de qualquer comentário, porque (logicamente) não sou funcionário de clube nem possuo carta de procuração de qualquer árbitro.

Ao sr. IT (não misturar, por favor com ET) todo o respeito e a mais elevada das considerações de um anónimo companheiro de jornalismo, que teve a honra de envergar a camisola do Sporting sem passar mensalmente pela tesouraria ou pelo gabinete do presidente. Sempre ao dispor do Sporting.

Neves de Sousa

Alteração no Estádio de Alvalade: onde existiam camarotes da Direcção do Sporting e de diversas entidades oficiais, está agora esta bancada destinada aos convidados leoninos

Breves

Cultura e tarte de creme

O ministro holandês da Cultura, Eelco Binkman, apanhou com uma tarte de creme fresco em pleno rosto ontem, à noite, quando se preparava para inaugurar uma manifestação cultural em Amesterdão.

O autor da proeza pretendia protestar, assim, contra a política de austeridade do ministro no domínio cultural.

Sem perder a cabeça, o ministro prosseguiu o seu discurso inaugural depois de uma limpeza rápida, precisando que não se queixaria contra o agressor.

«Enquanto houver artistas serão atiradas tartes de creme, e este acto não tem, portanto, nada de extraordinário», explicou Binkman limpando os lábios.

Guney condenado à revelia

O tribunal marcial de Istambul condenou, ontem, à revelia, o cineasta Yilmaz Guney a sete anos e meio de prisão por «propaganda comunista», indicam fontes judiciais.

O realizador de «Yol», Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1982, era julgado por um artigo publicado em 1979. Foi a terceira sentença pronunciada pelos tribunais militares contra Yilmaz Guney: tinha sido condenado duas vezes em 1982 a sete anos e meio de prisão à revelia por mais dois artigos.

Condenado por homicídio a 18 anos de prisão, em 1974, Guney evadiu-se e refugiou-se na Europa em Outubro de 1981. As autoridades turcas retiraram-lhe a nacionalidade em Outubro de 1982.

50.º aniversário do Julgamento de Leipzig

A Casa do Alentejo leva hoje a efeito as comemorações do 50.º aniversário do Julgamento de Leipzig, com o seguinte programa: às 19 horas, inauguração de uma exposição fotográfica sobre «Jorge Dimitrov e o Julgamento de Leipzig»; às 21.30, passagem de diapositivos sobre Jorge Dimitrov e colóquio orientado por Rogério Paulo e Florindo Madeira.

Marx e a História em debate

Um grupo de estudantes de História da Faculdade de Letras de Lisboa promove, no âmbito do centenário de Karl Marx, um debate sob o tema «Marx e a História», que terá lugar na sala da associação de estudantes, hoje, pelas 17 horas, com a participação de vários docentes das áreas de História, Filosofia e Ciências Sociais, estando já confirmada a dos drs. José Bajinha, Pedro Barbosa, A. Borges Coelho, Eduardo Chitas, João Martinez, F. Piteira Santos, José Raimundo, Miguel Rodrigues e Cláudio Torres.

«Ler História»: uma nova revista

Uma nova revista, «Ler História», aparecerá em breve no mercado, organizada por um grupo de professores universitários, anunciou ontem a editora responsável pelo lançamento.

A Editora «Regra do Jogo» indicou que a revista, a publicar de quatro em quatro meses, «pretende ser, simultaneamente, um espaço aberto a todos os historiadores de várias especialidades e ideologias para a divulgação dos resultados das suas investigações e um espaço de diálogo entre todos os ramos da História e entre a História e as outras ciências sociais».

A organização da publicaçao está a cargo, entre outros, de João B. Serra, Joel Serrão, José Mattoso, Magda Pinheiro, Maria Carlos Radich, Miriam Halpern Pereira e Valentim Alexandre.

O primeiro número inclui textos de José Mattoso, Luís Filipe Barreto, Magda Pinheiro, Raul Iturra e Artur Portela, entre outros colaboradores.

Curso de Iniciação ao Videotape

Vão realizar-se no IADE, pela primeira vez em Portugal, a partir de Abril, Cursos de Iniciação ao Videotape. Haverá três cursos sucessivos, de um mês, regidos por Roberto Lestinge, que trabalha, actualmente, para a TV Globo, delegação de Londres, e possui certificados em cursos de vídeo, pelo Goldsmit College (técnicas de filmagem, iluminação, sonorizaçao, preparação de roteiro, direcção, composição de imagens e edição final da imagem e do som), de música electrónica, pelo Morley College, e de técnicas de filmagem e de televisão na área de video portátil, pelo South Thames College.

Começa hoje o 2.º Congresso do Cinema Não-Profissional

Carlos Paredes, Manoel de Oliveira, João de Freitas Branco e E. M. de Melo e Castro são algumas das personalidades que apresentarão comunicações no 2.º Congresso do Cinema Não-Profissional que decorre em Lisboa de hoje até domingo no Hotel Roma, por iniciativa da Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais, apoiada pelo Instituto Português de Cinema.

O guitarrista Carlos Paredes apresenta duas comunicações. Em «Cinema Artesanal e Cinema Industrial» ele refere a necessidade de «escolas de cinema artesanal e cinema artesanal nas escolas». Na sua outra intervenção, elaborada conjuntamente com Eliza, Carlos Paredes exemplifica e analisa «a integração da música e da imagem por meio da palavra». Esta comunicação, «Música e Imagem», apoia-se na projecção do filme «Os desenhos do meu irmão Júlio», de Manoel de Oliveira.

João de Freitas Branco falará de «uma possível contribuição do cinema para a história da música», onde refere que «é no cinema amador que se verifica já uma larga e profunda assimilação do conceito geral de **música**».

«Experimentando o Visível» é o genérico da comunicação que E. M. de Melo e Castro vai apresentar: — «...se os sofisticados meios tecnológicos, pelo seu elevado custo, continuam a ser propriedade do grande capital, o cinema «à margem» e não-profissional de hoje pode dispor de material ao seu alcance que lhe permitam continuar a investigação no campo da metáfora e do poético, prosseguindo, experimentalmente, o trabalho com os significantes, na pesquisa de novos significados, tanto para a poesia como para o Homem».

Do relacionamento entre teatro e cinema falarão Jaime Gralheiro e Joaquim Benite.

Manoel de Oliveira refere: — «O cinema parece-me cada vez mais fundamentalmente uma afirmação cultural acima de qualquer especificidade estética».

José de Matos Cruz apresenta também duas comunicações: «Inventário do Cinema Português — Uma Tarefa Primordial» e «Virtualidade da Crítica Cinematográfica».

Luís de Pina abordará a fundamental questão das filmotecas, e Vasco Granja apresentará uma comunicação sobre «Cinema, Video, Banda Desenhada e Animação».

Manuel Xerepe fará «Uma Panorâmica Cinematográfica» e F. Gonçalves Lavrador falará das «Relações e Possível Cooperação entre Cineclubes, Cinema Independente e Cinema Não-Profissional».

Estão ainda previstas intervenções de Mário Dorminsky, Eduardo Calvet de Magalhães, Vitoriano Rosa, Teté Ricou, Manuel Faria de Almeida, António Sena, entre outros.

Adicionadas a estas temáticas, todas as outras comunicações — que referem questões que vão da filosofia do não-profissionalismo e da lei do cinema até à temática dos filmes e à técnica e estética do cinema, passando pela política cultural e pela organização — irão por certo proporcionar importantes conclusões. Espera-se que estas possam vir a promover a necessária interferência em todas as ramificações da actividade cultural, bem como nas instituições e órgãos do Poder, acabando por permitir que o cinema não-profissional, em particular, e o audiovisual, em geral, sejam finalmente entendidos como uma necessidade para a formação cultural dos portugueses. É de resto essa a condição para que a sua prática e divulgação sejam acessíveis a todos os grupos sociais que, mediante uma política cultural adequada, poderão também utilizar a imagem para comunicarem e informarem.

— E se milhares de pessoas pudessem filmar os seus sonhos e problemas?

Foi dito no encontro peninsular

Panorama dos jovens poetas não é muito animador

A situação dos jovens poetas na Península Ibérica foi o tema ontem em debate no primeiro Encontro de Poesia peninsular, a decorrer desde quarta-feira na Figueira da Foz.

A discussão seguiu-se a uma comunicação de Artur Lucena intitulada «Os Novos Poetas. Que Problemas? Que Fazer?» e contou com a participação da maioria dos presentes no Encontro

Joaquim Pessoa, que presidiu aos debates, disse que o panorama actual dos jovens poetas na Peninsula Ibérica «não é muito animador», sobretudo por falta de apoios.

Salientou a necessidade de se conquistarem novos leitores, para o que considerou necessária uma nova linguagem, não so nos próprios poetas, mas também nas entidades oficiais e nos estabelecimentos e programas de ensino, responsáveis em última análise pelo gosto da leitura

Afirmou também ser necessario o aparecimento de novos jornais e revistas literários, bem como a criação de suplementos literários, onde os novos poetas possam começar a exprimir-se

Joaquim Pessoa disse ainda que durante os debates foram tecidas críticas ao Ministério da Cultura, ao Instituto Português do Livro e aos proprios órgaos da Comunicação Social.

O Primeiro Encontro de Poesia Peninsular teve início na quarta-feira e prolonga-se até ao próximo domingo, no Clube de Vale de Leão, em Buarcos.

Inicialmente intitulado Encontro de Poesia Luso-Espanhola, foi depois alterado para encontro de Poesia ibérica, por pressão dos poetas catalães presentes, que não se consideram espanhóis.

Os poetas galegos, por seu turno, opuseram-se aquela designação por se considerarem mais celtas do que iberos e o encontro veio finalmente a designar-se de poesia peninsular.

Até ao próximo domingo serão apresentadas comunicações e efectivado debates sobre a «situação dos poetas ibéricos nas sociedades da peninsula», «o estreitamento de relaçoes da poesia e dos poetas», e debates livres em torno da poesia.

A sessão de trabalhos de ontem iniciou-se com a eleição do Secretariado de Redacção das conclusões finais, tendo sido eleitos os poetas Manuel Maria, Pedro Tamen, José Correia Tavares e Artur Lucena.

Artista britânica do mimo

Nola Rae em Portugal

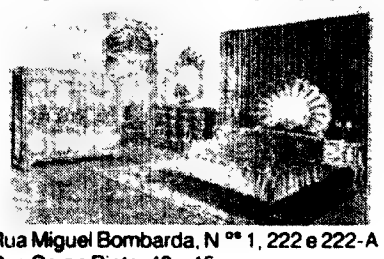
Nola Rae: nasceu em Sydney, na Austrália, e vive na Europa desde 1963 Após 12 anos de estudos de ballet, dois anos como bailarina profissional na Suécia e Dinamarca, seis meses na École Internationale de Mime Marcel Marceau em Paris, um ano com a Companhia Internacional de Teatro «La Troupe Kiss», uma valiosa colaboração com Jango Edwards e «Friends Roadshow» e uma temporada em Old Vic Company de Bristol em Pantomimo de Natal, pode dizer-se que Noal Rae foi influenciada tanto pelo sublime como pelo ridículo. Formou o London Mime Theatre em Fevereiro de 1975 e desde Outubro de 1976 tem feito os seus espectáculos a solo em cerca de 30 países. Estes incluem a maior parte da Europa Ocidental e lugares mais distantes e exóticos como o Norte de África, o Médio Oriente e o Extremo Oriente, a Austrália e a Nova Zelândia; apresentou-se em muitos festivais internacionais de teatro e mímica incluindo os de Londres, Bath, Oxford, Amesterdão, Florença, Berlim, Colónia, Nancy, Avignon, Atenas, Ljubjana, Hong-Kong e Perth. As digressões previstas para o próximo ano compreendem a América do Sul, o Canadá, o México e a Índia. Nola tem sido várias vezes convidada da televisão e em 1977 a BBC fez um documentário especial acerca do seu trabalho.

Matthew Ridout: nasceu em Kent e trabalha com Nola desde 1973. Estudou «design» industrial na Central School of Art and Design antes de integrar «Friends Roadshow» como técnico/«designer. Matthew é responsável pelos cenários dos espectáculos de Nola assim como pela publicidade e cartazes do London Mime Theatre. Trabalha também como técnico de luz e som e como director de Nola

Misturem um sentido da fantasia muito individual, um sentido de humor negro muito pouco sentimental e um sentido invulgarmente lírico da música e terão um palhaço único e extraordinário Sem que uma palavra seja dita esse transportado ao mundo do bobo que luta contra si próprio contra o meio que o rodeia, cheio de complicações intransponíveis, evocando imagens hilariantes e improváveis ao mesmo tempo que consegue manter uma dignidade grotescamente graciosa. O caloroso contacto de Nola com o público é uma experiência teatral única.

E o seguinte o programa da visita de Nola Raae: de 23 a 25 de Março, espectáculos às 21:30 no Teatro da Trindade; de 22 a 25, «Workshops» no mesmo local; de 28 a 31, espectáculos no Porto, Braga e Viana do Castelo. Nola Rae vem a Portugal sob os auspícios do British Council e do Inatel.

Armazéns de Móveis
BEIRA RIO
de António Carloto



Móveis em todos os estilos

Para vosso interesse consultem os nossos preços

VENDAS: Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel 2072448
BARREIRO

Domingo de Páscoa

Inauguração da época no Campo Pequeno

Uma longa tradição marca o encontro, em Domingo de Páscoa, dos aficionados lisboetas para a abertura da época na Praça do Campo Pequeno.

Cartel de sensação aguarda, este ano, o público da capital e dos seus arredores. Na corrida inaugural estarão presentes os cavaleiros Emídio Pinto e João Palha Ribeiro Telles e os matadores Ricardo Chibanga e Morenito de Maracay; serão lidados toiros de António Charrua e farão as pegas os Forcados Amadores do Aposento da Moita; de José Manuel Pires da Costa.

Emídio Pinto, toureiro de estirpe, com ome firmado na arena da capital, e dispondo duma forte quadra de cavalos, toureia com João Telles, cujos êxitos recentes na Colômbia, Venezuela, Peru e Equador, consagraram o seu grande prestígio de figura do toureio a cavalo e criaram ambiente de excepcional interesse para o seu regresso a Lisboa.

No toureio a pé, com Ricardo Chibanga, matador português de primeiro plano tão estimado do público de Lisboa, alterna Morenito de Maracay, o célebre matador de toiros venezuelano que conta por triunfos todas as corridas das grandes feiras das Américas e que, em Espanha, na época passada, toureou 35 corridas e cortou 52 orelhas. Toureiro de raça como os seus célebres patrícios, os irmãos Girón, Morenito de Maracay apresenta-se pela primeira vez em Portugal. A presença simultânea de João Telles e Morenito Maracay faz desta corrida um encontro de dois grandes triunfadores das Américas e confere à corrida de Domingo de Páscoa, em Lisboa, foros de grande acontecimento.

Em Almada

A arte popular da Estónia na Oficina de Cultura

A Estónia, essa pequena república da União Soviética com pouco mais de 45 mil quilómetros quadrados e um milhão e meio de habitantes, tem no momento presente em Almada, na Oficina de Cultura, uma representação da sua espantosa riqueza cultural, científica, artística, industrial e desportiva.

É, naturalmente, uma breve mostra dessa imensa actividade que faz com que ali se publiquem anualmente 12 livros por habitante, existam nove teatros profissionais e 16 museus. Breve como é, pelas muitas dificuldades de movimentar ao longo de tão grandes distâncias peças frágeis e, em muitos casos, raras, esta mostra permite a apreciação, na Oficina de Cultura, de 19 de Março a 3 de Abril, de preciosas peças de entalhadura, trabalhos em metal, madeira e couro, peças do vestuário tradicional, bordados e rendas, «gouache», aguarela, desenho, gravura em madeira, litografia, linografia, água-forte, serigrafia, buril seco, desenho infantil e brinquedos, uma colecção de fotografias de grande valor documental e artístico, objectos de uso corrente trabalhados artesanalmente, como gorros, luvas, sapatos, xailes, mantas, cintos, caixas, bolsas, etc. Também o cinema e a canção estarão presentes, em sessões que decorrerão todas as 3.ªs, 6.ªs, sábados e domingos às 21 horas, e às 16 horas de sábados e domingos.

Pintura de Chan Chi Wai no Casino Estoril

No âmbito da «Semana de Macau» que terá lugr de 18 a 27 de Março, Chan Chi Wai, autor macaense, exporá quarenta das suas obras na Galeria de Arte do Casino Estoril.

Discípulo de mestre Kwan Man Lee durante a primeira fase do seu trabalho, o pintor em breve se viria a interessar pelas técnicas do óleo e da aguarela, nomeadamente no campo do retrato onde o seu estilo melhor se afirma.

Chan Chi Wai dedicou-se, posteriormente, à pintura de caligrafia chinesa facto que lhe deu notoriedade não só em Macau como também em Hong-Kong e Cantão.

Este artista plástico executará pintura sobre papel de arroz durante a «Semana de Macau» dando assim resposta à curiosidade do público que aguarda com muita expectativa esta manifestação cultural.

POUPE COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.45 H
A CASTRO
ANTONIO FERREIRA · 3.º MÊS
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
terça-feira a sábado
AS 21.45
sábado e domingo
AS 17 H
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE
PRAÇA DE ESPANHA
RESERVAS TEL. 72 08 18

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
TELEF. 68 63 00 (subMCCC) (m/13)
— 3.º MÊS —

UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO
SÓ ATÉ 3 ABRIL
Textos de A. R. Chiado. Direcção: Helder Costa
3.ª a SÁB. 21H30. DOM. (só) 16 H.
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CULTURA E CIÊNCIA

TEATRO
Casa da Comédia
EM CENA
A Marquesa de Sade
(representada na véspera do suicídio de Yukio Hishima)
ESPECTACULO DE FILIPE LA FÉRIA
De 4.ª a dom. as 21.30 h
Folga às 2.ªs e 3.ªs feiras
Marcações tel. 607299
Serviço de bar e minijantares a partir das 20 h
Sub. Sec.

6.as e SÁB. às 21,30
DOM. às 16
ANASTAS
de JUAN BENET
Enc. de FERNANDO GUSMÃO
COM
ANTÓNIO ASSUNÇÃO
"UM MAGNÍFICO GRUPO DE ACTORES UM BELO CENÁRIO UM EXCELENTE ESPECTACULO"
JOSÉ MANUEL DA NOBREGA "O SETE"
GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE
Tel. 275 21 75

MUNDIAL FILMES TEM O PRIVILÉGIO DE APRESENTAR
ROMY SCHNEIDER

NO SEU ULTIMO E CERTAMENTE MELHOR FILME DE SEMPE
O BAR DA ULTIMA ESPERANÇA
Extraido do grande romance de *JOSEPH KESSEL*
"La passante du Sans-Souci"

TUDO COMEÇOU EM BERLIM, SOB OS NAZIS! DEPOIS, FOI EM PARIS SOB A OCUPAÇÃO ALEMÃ, NO AMBIENTE DENSO, LOUCO E DRAMÁTICO DE UMA ÉPOCA INESQUECIVEL!
Produção de *RAYMOND DANON*
Adaptação de *JACQUES ROUFFIO et JACQUES KIRSNER*
Realização de *JACQUES ROUFFIO*
com
MICHEL PICCOLI WENDELIN WERNER
RUDIGER VOGLER DOMINIQUE LABOURIER
Musica de *GEORGES DELERUE*
7ª exclusivo do cinema
40º ANIVERSÁRIO mf
7ª SEMANA
Int. men. 13 anos
VOX
A PARTIR E HOJE TAMBÉM NO CINE-ESTÚDIO ALMADA

saci
um filme de
WIM WENDERS
o realizador de O AMIGO AMERICANO
AO CORRER DO TEMPO

Naquele que é talvez o mais belo filme de Wenders, somos conduzidos por percursos de uma aridez e de uma desolação intransigentes, com tal rigor e austeridade que desta acumulação de não-acontecimentos se vai desprender um nó de insuportável angústia onde o filme se interroga, e nos envolve na interrogação, sobre o fundamental do sexo e do cinema. (Quarteto: às 14h30, 17h45 e 21h). (EPC)

	Augusto M. Seabra	Eduardo Prado Coelho	João Lopes	Vicente Jorge Silva
Ao Correr do Tempo	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★

quarteto
6.ª SEMANA
com
RÜDIGER VOGLER
HANNS ZISCHLER
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
FILME DE QUALIDADE

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal Texto: Pierre Christin **39**

Copyright Dargaud/Meribérica/-DL-

continua

Notícias da BD

Casterman: BD 83

Recebemos o catálogo – e que catálogo! – das edições Casterman para o ano em curso, primeiro trimestre. A escolha é difícil, tão boas são as edições programadas. Por isso, aqui ficam registados os lançamentos previstos: a escolha e com o leitor.

Para Abril, contem com umas tantas bandas de elevado recorte. Tomem nota:

«Êtes-vous tintinologue?», em dois volumes, para os fanáticos de Hergé; «L'Empereur de Chine», um novo Alix; das séries «Gustave Guadaloupe» e «Capitaine Ketchup», mais dois álbuns; de Régis Franc, um «Tonton Marcel, capitaine d'industrie»; de Altan, «Friz Melone», e «Last, but not the least», «La Jeunesse de Corto Maltese», do conhecido Hugo Pratt (estes dois últimos álbuns, a cores). Bom proveito.

Verbo: no princípio os quadradinhos

Ano de aniversário (parabéns, parabéns), 1983 não irá revelar nada de novo nas bandas da Banda Desenhada. Segundo informações obtidas junto da editora, o esforço será dirigido para a continuação das colecções já existentes.

Assim: em Abril, um novo Hans Kressen, essa sublime colecção de histórias de peles-vermelhas. Em Março, porém, «Quim e Filipe 3», de Hergé, e «Os 4 Ases e a Ilha do Tesouro» virão para a rua. Mais tarde, estes mesmos personagens entrarão nas livrarias, entre Julho e Novembro. À boca do Verão, «Yakari e o estrangeiro», e mais tarde, em Outubro, «A Cabana Encantada» (obras da Condessa de Ségur em BD).

A encerrar o ano, «A corrida do Ouro», dos quatro Ases. Entretanto, esperamos a todo o momento receber a revista «Correio Juvenil», da mesma editora. Ao que sabemos, tem coisas para ler... e contar.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando os reus para, no prazo de vinte dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte: Pretendem os Autores seja o Reu condenado a pagar-lhes, solidariamente, a quantia de 6 496 174$10 como indemnização por danos materiais e morais provenientes da expulsão de seu filho menor, da Associação da Escola Alemã de Lisboa, co-ré. O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição do ora citando na Secretarias deste Tribunal.

Acção Ordinária n.º 89, 3.ª secção.

Autores — FREDERICO GOMES DE ALMEIDA e mulher MARIA JOSE FEIO DE SA CARNEIRO GOMES DE ALMEIDA, moradores em Lisboa.

Reu GERT SCHLOSSER, com última residência conhecida na Av. António Augusto de Aguiar, n.º 148, 1.º, em Lisboa, actualmente ausente em parte incerta.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO,
Vítor Manuel Pinto Ferreira Mesquita
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
Cândido de Oliveira Marques

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE OEIRAS

CERTIFICO QUE, por escritura de 27 de Janeiro de 1983, exarada de folhas 18 verso a folha 20 do livro de notas para Escrituras Diversas numero 636-B deste Cartório, foi constituida uma ASSOCIAÇÃO, sem fins lucrativos, denominada «GRUPO DESPORTIVO E RECREATIVO DO BAIRRO DO ROSARIO», com sede provisória na Rua Paulo da Gama, 9, 1.º andar, letra C, na freguesia e concelho de Cascais, que durará por tempo indeterminado, tem por objecto a promoção cultural dos sócios através da educação física, desportiva e cultural e através da acção recreativa, visando a sua formação humana integral, podendo ser admitido como sócio qualquer cidadão desde que aquele que o propõe se responsabilize pelo seu comportamento moral e cívico; podendo ser excluídos os sócios por falta de pagamento das quotas, sendo a exclusão da competência da Direcção, a sua expulsão será da competência da Assembleia Geral.

Esta conforme.

Oeiras e Cartório Notarial aos vinte e sete de Janeiro de mil novecentos e oitenta e três.

O Ajudante,
(Maria Stella Soares dos Reis)

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO-3.ª SECÇÃO
PROC. 81/C

ANÚNCIO

Pela 3.ª Secção do 3.º Juízo deste Tribunal, correm éditos de VINTE DIAS; contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado EDUARDO CAMPOS GONÇALVES, mecânico de voo dos TAP, residente da Rua Tomás da Anunciação, 99, 1.º Esquerdo - Lisboa, para, no prazo de DEZ DIAS —, posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real — na execução especial de alimentos que ao executado move a exequente — Alda da Silva Correia, divorciada, residente na Rua Alexandre Ferreira, 21-Porta 3 — Lisboa.

Lisboa, 10 de Março de 1983

O Juiz de Direito,
(Joaquim Fonseca Henriques de Matos)
O Escrivão Adjunto,
(Nuno Serras Pita)

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Debate económico: depois da casa arrombada, trancas à porta

I

Houve um debate sobre economia. Começou tarde, acabou tarde. Taxa da audiência gravemente afectada, o que beneficiou a direita e o PS. Pode-se dizer que foi a sua única «vitória».

No final, pediu-se aos presentes que apresentasem as linhas de força de suas propostas económicas para as eleições. As quais assim ficaram resumidamente expressas:

Carlos Carvalhas, PCP – Uma nova política económica para resolver as seguintes questões: aumento de produção; redução dos défices externos; melhoria das condições de vida do nosso povo.

Morais Leitão, CDS – Mais autoridade; mais liberdade económica; solidariedade social.

Helena Torres Marques, PS – Modernizar a economia; criar uma nova camada de empresários fazer um plano que dê horizontes e perspectivas a quem quiser trabalhar em Portugal.

João Salgueiro – A linha que vamos seguir é a que está traçada.

II

No seu simplismo, o resumo exprime bem a situação que se viveu no debate, em termos de opção. Aliás, um dos moderadores definiu perfeitamente a questão quando afirmou haver ali três partidos (o CDS, o PS e o PSD) que prometem sacrifícios, dificuldades, contenção da produção – e só um (o PCP) que propõe aumento de produção. Onde está o segredo?

Carlos Carvalhas não escondeu a gravidade da situação nem a importância da crise internacional. Mas foi, na realidade, o único a assentar na determinação do povo português, na exploração dos nossos recursos e na correcta gestão, os trunfos essenciais da recuperação económica. Citou números e situações que ninguém desmentiu e demonstrou (sem oposição de Helena Marques...) que a política económica do PS não diferia da que fora seguida pelos governos AD.

Quer dizer: vincou a ideia de que o arrastamento do País para a crise, por influências externas, não é uma fatalidade e que há urgência de uma nova política económica «baseada no aproveitamento dos nossos recursos e energias».

III

Helena Torres Marques tinha a espinhosa missão de defender a posição do PS. Era como o bombeiro que, diante do fogo, jurasse ter tudo pronto para o apagar e não se resolvesse a ligar a mangueira à boca de água. Da mangueira só se via a agulheta.

É muito pouco.

Falou muitas vezes das «propostas concretas» ao mesmo tempo que evitava as questões concretas. Nada sobre as leis laborais. Nada sobre a Banca privada. Nada sobre as rendas comerciais.

PS vai estudar. Vai ver. O PS, na altura, resolverá. De tudo, só uma coisa garante: nunca fará uma aliança com o PCP «pelos perigos internos e externos». Afirmação grave, se tivermos em conta a preocupação de independência do nosso povo.

Repare-se: não há uma única referência à capacidade de trabalho dos portugueses como factor económico essencial. Para o PS, a prioridade é **«criar uma nova camada de empresários...» Num partido onde militam tantos trabalhadores, tal prioridade é, no mínimo, aberrante.**

A representante do PS trouxe um imenso bloco de informações, relatórios, propostas, papelada. Fazia imensa vista – mas nunca foi utilizado.

Ela trazia uma blusa encarnada mas, por cima da blusa, um fio de ouro. Não se trata de um pormenor: trata-se de um símbolo. Ao longo das suas intervenções, as palavras, os protestos, as promessas nunca faziam esquecer o fiozinho de ouro sobre a blusa garrida...

IV

Quanto ao PSD e ao CDS, procuraram por todas as formas esquecer o passado, passar sobre ele uma esponja. Só que a AD não é pecado venial, não se lhe pode fugir tão claramente. Chega a ser comovedor o espectáculo de ver atirar todas as culpas para cima da seca, do pitrol, dos trabalhadores. Do PCP, claro. Donde resulta, para o entendimento comum, que eles consideram aquele partido o maior partido português pois ele está na base de todo o descontentamento popular...

Quanto ao mais, o povo português (aquele que àquela hora, em cima da meia-noite, ainda estava acordado) esse ficou a saber o que o esperará se der o seu aval a uma política de direita: haverá mais autoridade (ou seja: mais repressão), haverá mais austeridade (ou seja, os pobres vão **ainda** viver pior), haverá restrições ao exercício das liberdades pelos trabalhadores (aquilo a que Morais Leitão chama «minorias activistas»...) em suma, o que já era grave, agravado será...

Claro que para a opção correcta, é indispensável a correcta informação. Tal não tem acontecido na TV. Este debate, em vez de excepcional, deveria ser rotina. Esperar que a AD cometa as tropelias todas durante três anos e só no fim debater as questões, como é?

A RTP devia ser processada como encobridora.

V

Esta TV desorganizada, a destroçada, mentirosa, é a imagem de uma política de desastre. Colocam, antes do debate, uma emissão chata e inútil de hora e meia; prometem o «Golo Rei» que acabam por não dar...

Têm a vocação do suicídio. Até já se dão ao luxo de brincar com o futebol!!!

Hoje

1 RTP

Na RTP-1 exibe-se mais um episódio de «A Balada de Hill Street»

Das **13.35** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.22 **Tempo dos Mais Novos**
18.55 **Alimentação e Saúde**
19.20 **Tur/83** – gastronomia.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal**
20.30 **Querida Televisão**
21.00 **Viva o Gordo** – com Jô Soares.
21.35 **«A Balada de Hill Street»** – intérpretes: Daniel J. Travanti, Veronica Hamel, Bruce Weitz, Kiel Martin, Joe Spano e James Sikking. Realização: Thomas Carter.
22.30 **Últimas Notícias**

Pedro Barroso que estará esta noite presente, através da RTP-2, no programa Hoje Convidamos

2 RTP

17.45 **«A Rainha do Cuplé»** – intérpretes: Lillian de Célis, Rafael Luiz Calvo, Gerard Tichy, Manuel Monroy e Celia Foster.
19.30 **País, País**
19.55 **Desenhos Animados**
20.30 **Hoje Convidamos** – com Pedro Barroso.
21.30 **Caminhos do Eterno** – Museu Regional da Guarda.
22.00 **Telenovela** – «Cabocla».
22.30 **Jornal da Noite**

Amanhã

1 RTP

10.00: Tempo dos Mais Novos; **11.30**: «Os Cinco»; **12.00**: A Aventura das Plantas; **12.30**: Novos Horizontes; **13.00**: Sumário; **13.10**: Lúculos e Brócolos; **13.35**: Tempo dos Mais Novos; **14.30**: Ela por Elas; **15.30**: Festa é Festa; **19.00**: «Espaço 1999»; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.15**: Semanário; **21.00**: «Dallas»; **22.00**: MPB Shell.

2 RTP

13.45: Troféu; **20.00**: Sábado Especial; **22.15**: Jazz.

Magistral interpretação de
ANTHONY QUINN
no filme de

HALL BARTLETT

CONFLITO DE GERAÇÕES

(The Children of Sanchez)

"Uma Peça de Arte criada pela própria realidade!" "TIME MAGAZINE"

"Uma obra prima, poderosa e empolgante no seu vivo realismo!" "WASHINGTON POST"

"Um drama forte, de intensidade ímpar!... Uma história verídica, inesquecível, poderosa e realista!" "NEWSWEEK"

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

EM 3.ª SEMANA NO CINE 2 2

AVENIDA PRAIA DA VICTÓRIA, 37 — TELEF. 579460

Sindicato dos Músicos

SEDE — Av. D. Carlos I, 72-2.º — 1200 LISBOA — Telef. 66 65 51
Deleg. Norte — Rua Duque Loulé, 98-2.º Dt.º — 4000 PORTO — Telef. 2 17 12
Deleg. Funchal — Rua 5 de Outubro, 110-A — 9000 Funchal

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no Art.º 30.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato, para reunir em sessão ordinária na sede do Sindicato, sita na Avenida D. Carlos I, n.º 72 D-2.º, em Lisboa, no próximo dia 2 de Abril de 1983, às 10 horas com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Apreciar e deliberar sobre o relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal relativos ao ano de 1982

Não havendo número legal de sócios, a mesma Assembleia Geral funcionará uma hora mais tarde com qualquer número, nos termos do Art.º 33 dos Estatutos.

Lisboa, 15 de Março de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(ILEGÍVEL)

II — CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto nos Art.ºs 86.º e 87.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato, para reunir em sessão extraordinária na sede do Sindicato, sita na Avenida D. Carlos I, n.º 72 D-2.º em Lisboa, no próximo dia 2 de Abril de 1983, às 11 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Apreciação, Discussão e Votação da proposta de alteração aos Estatutos do Sindicato.

Lisboa, 15 de Março de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(ILEGÍVEL)

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP «A Balada de Hill Street» (21.35)

2 RTP Pedro Barroso (20.30)

...e sugere para hoje...

2 RTP CABOCLA (episódio n.º 110)

Luís reconhece a necessidade de ir à Suíça tratar-se, mas recusa ir com Pequetita, e surgere levar Zuca. Ritinha desconversa e foge, deixando Chico arrasado. Boanerges também não o quer empregar, pois acha que ele deve voltar para a venda do Zé da Estação. Macario conspira com Xexéu e propõe a candidatura deste contra Boanerges. Boanerges diz que só consentirá no namoro de Belinha e Neco se Justino for a sua casa pedir autorização. No Rio, Joaquim entrega a Luís as passagens para a Suíça. Zuca chora pela ausência de Luís. No trabalho duro da venda, Zé da Estação e Bina sofrem com a ausência de Chico. Tobias e Tomé sondam Chico a respeito de Luís. Os boatos contra Boanerges crescem. Boanerges diz que vai telegrafar a Luís pedindo que ele volte para esclarecer tudo. Generosa confessa o seu ódio a Zuca. Neco vai a casa de Boanerges e é mal recebido.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17- Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

Termina no domingo a carreira de «Oratória», o espectáculo que o Teatro da Cornucópia levou à cena e que consiste numa reflexão teatral a partir de textos de Gil Vicente, Goethe e Brecht. Num cenário frio de apartamento moderno povoado de elementos simbólicos, dez personagens contemporâneos povoam o seu mal-estar e a sua inquietação com os textos de três respostas históricas para o sentido da vida e o sentido da História: uma resposta cristã, com textos de Gil Vicente; uma resposta romântica, com o fragmento dramático «Prometeu» de Goethe; uma resposta marxista, com a peça didáctica de Brecht «A Travessia Aérea do Oceano». Este o ponto de partida desta encenação de Luís Miguel Cintra. O cenário e figurinos são de Cristina Reis e a música de Paulo Brandão. No espectáculo intervem todo o elenco da companhia (Alda Rodrigues, Dalila Rocha, Márcia Breia, Raquel Maria, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, Luis Lima Barreto, Francisco Costa, Rogério Vieira) e Costa Ferreira (cedido pelo Teatro Nacional).

Uma leitura de poemas de Yannis Ritsos pelos actores Fernanda Alves e António Rama, terá lugar hoje, às 18.30, com entrada livre, no Salão Nobre do Teatro Nacional D. Maria II. Ritsos, cujos poemas serão lidos em versões de Eugénio de Andrade, Egito Gonçalves e Carlos Porto, é o autor de «Crisótemis», actualmente em cena na sala experimental do D. Maria II, numa interpretação de Fernanda Lapa.

Geraldo Tuchê apresenta o seu «Hipopótamo» em últimas no Teatro da Graça. Se ainda não viu, não perca. Espectáculos hoje e amanhã, às 21.30, e no domingo em «matinée».

No Teatro da Trindade prossegue a série de espectáculos integrados no II Ciclo de Teatro do Trabalhador promovido pelo Inatel. Hoje, às 21.30, o «Proscenium», grupo de teatro do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Serviços, apresenta «Bodas de Sangue», de Garcia Lorca; amanhã, às 17 horas, o Grupo de Teatro da Casa do Povo de Runa mostra o seu «Sherlock», de Chagas Roquete e Álvaro Lima, e no domingo, também às 17 hoas, haverá «Mosquitos por cordas», de Eduardo Garrido, pelo Grupo Cénico do C.C.D. da Nacional.

«Teatro de Sempre», uma nova companhia de profissionais, estreia hoje no TNT (frente ao Liceu Camões) a

Márcia Breia e Luís Miguel Cintra em «Oratória»

sua primeira realizaçao: «Os inimigos não mandam flores», de Pedro Bloch. Encenado por João Sarabando, o espectáculo é apresentado todas as sextas, sábados, domingos e segundas-feiras.

Conferências

Na Sociedade de Língua Portuguesa (Rua de S. José, 41, 2.º, perto do cruzamento com a rua das Pretas), realizam-se este fim de semana duas conferências: hoje, às 18.30, terá lugar a 2.ª lição do Curso Livre sobre a poesia épico-cavaleiresca italiana», regido pelo prof. José da Costa Miranda; amanhã, às 16.30, o dr. Carmo Vaz falará sobre «Meios de comunicação de massas».

No Museu do Convento de Jesus, em Setúbal, a FADEPA (Delegação Regional do Sul) e a SAL (Associação de Defesa do Património de Setúbal) levam a efeito amanhã, pelas 17.30, um debate em torno do filme «A futur for the past» (Um futuro para o nosso passado), com a participação do arq. Vasco Massapina e dos drs. José Manuel Passos, Jorge Custódio e Arlindo Mota.

No Espaço TEC (Cascais) realiza-se amanhã, às 16 horas, um debate público sobre Património Cultural. A iniciativa é da Base de Cascais do MDP/CDE e conta com a participação de Helena Cidade Moura, Micaela Soares e José Meco. O Espaço TEC situa-se junto ao Pão de Açúcar, em Cascais. Entrada livre.

Exposições

A exposição «José Escada», apresentada por Rui Mário Gonçalves, é amanhã inaugurada, às 18 horas, na Galeria «Leo», Travessa da Queimada, 48, aqui mesmo ao pé da porta.

Uma exposição fotográfica sobre a República Popular Democrática da Coreia está patente sábado e domingo no Clube de Futebol de Sassoeiros. Amahã, pelas 21 horas, haverá projecção de filmes sobre a R.P.D.C.

O AR.CO está a comemorar o seu 10.º aniversário. No âmbito das actividades celebrativas da efeméride, inaugura-se hoje, às 19 horas, naquele centro (Rua de Santiago, 18) uma exposição de pintura que integra trabalhos realizados pelos participantes na Oficina de Pintura/Iniciação do AR.CO.

Helena San Payo expõe pintura na Galeria de S. Francisco. A mostra encerra a 31 de Março e tem o seguinte horário: 2.ª a 6.ª feira das 10 às 13 e das 15 às 19; sábados das 10 às 13.

MARQUISES
E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
CAIXILUX
COMERCIO E INDUSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA
DIVISÓRIAS
ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO
Aberto das 9 às 19 h
Rua Francisco de Holanda, 28A
Telef. 777488 - 776323 — 1100 Lisboa
Fábrica — 9801203
Almada — 2755743 - 2755806

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 18[illegible]
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	69$40	75$40
ALEMANHA FED. (marco)	38$65	39$75
AUSTRIA (xelim)	5$40	5$60
BELGICA (franco)	1$780	1$980
BRASIL (cruzeiro)	$060	$160
CANADA (dolar — notas de 1 e 2)	74$05	77$05
(notas de 5 a 1000)	75$55	77$55
DINAMARCA (coroa)	10$70	11$10
ESPANHA (peseta)	$663	$783
EUA (dolar — notas de 1 e 2)	91$85	93$85
(notas de 5 a 1000)	92$35	94$35
FINLANDIA (marka)	17$05	17$65
FRANÇA (franco)	13$35	14$05
HOLANDA (florim)	34$80	35$80
INGLATERRA (libra)	138$95	142$95
IRLANDA (libra)	127$40	131$40
ITALIA (lira)	$059	$089
JAPAO (iene)	$051	$086
NORUEGA (coroa)	$351	$386
SUECIA (coroa)	12$90	13$40
SUIÇA (franco)	12$35	12$95
VENEZUELA (bolivar)	44$80	45$90
	8$55	9$55

Observações
1. — No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo
2. — Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil

rádio

Antena Um

17.00: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: «Cristo Recrucificado», original de Nikos Kazantzaki; **20.15**: O espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00**, **22.00** e **23.00** horas.

Programa 2

16.30: Música de câmara, de Mozart; **16.50**: Momento de poesia; **17.00**: As palavras dos músicos; **17.30**: Intérpretes portugueses; **18.05**: Culturando; **19.30**: Solos de piano; **20.10**: Efeméride; **21.00**: Dossiers sonoros; **21.45**: Teatro; **23.30**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Sortido fino; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Música para meditar; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Ouvir e pensar; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

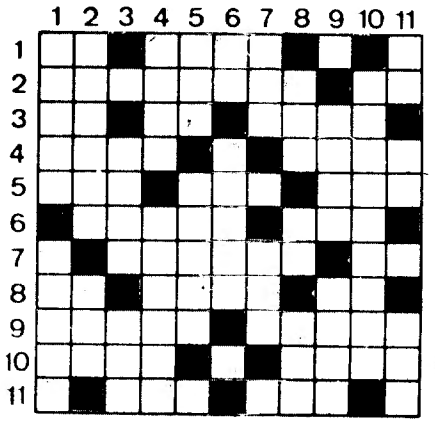
14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Paju.

Tiragem media diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13689

HORIZONTAIS:
1 Em. Escárnio. Tempo do verbo ser. Artigo definido.
2 O mesmo que amourava. Césio (s.q).
3 Níquel (s.q). Miriare. Elevado.
4 Imperador romano que casou com Pompeia por ordem de Nero. Rio da Lapónia.
5 Consentimento. Nome de astro. Abraço (pop).
6 Borrifar. Filtre.
7 Freguesia do concelho de Barcelos. Centiare.
8 Preposição e artigo. (inv). Aquela que depois de morta foi rainha. Vi.
9 Falsifica. Querida.
10 Mulher nobre. Grande afeição.
11 Guarneço de asas. Pega.

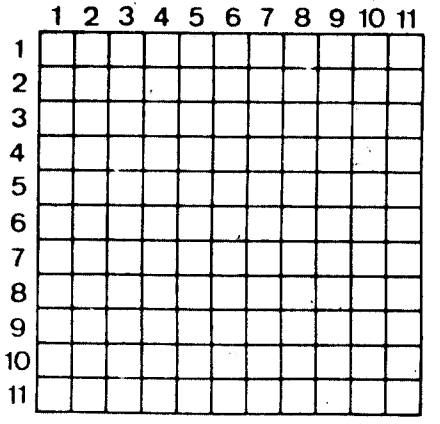


VERTICAIS:
1 Serranos de Angola. Louco.
2 Olividar. Estima.
3 Assim seja. Magnete natural.
4 Versejo. Orifícios por onde a lampreia respira.
5 Tempo do verbo ir. Ronha (no cavalo).
6 Apelido. Frete.
7 Ovário dos peixes. Agarrei (inv).
8 Altitude (abreve). Centímetro. Conjunção.
9 Haste de madeira com que se joga o bilhar. Lodo.
10 Ilustre.
11 Artigo definido. Nesse lugar. Medida de superfície.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9539

HORIZONTAIS:
1 Cidade de Espanha.
2 Lago da URSS. Apelido.
3 Víscera dupla. Mastigas sem engolir.
4 Antiga ilha do Gato, em frente a baia do Rio de Janeiro. Imputa aleivosamente.
5 Artigo definido. Oferecer. Caminhar.
6 Unes por casamento. Prasiodímio (s.q).
7 Deus dos pastores. Provoca com tentações.
8 Ruim. Patas. Lavrem.
9 Acrescentar. Vento forte.
10 Vento de leste entre os antigos Gregos. Nome de fruto.
11 Sadios. Curara.



VERTICAIS:
1 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Lista. Madres.
2 Cidade de França. Cidade de Itália.
3 A ponta das vergas. Centiare. Enguia.
4 Cidade de Portugal. Vantagens.
5 Queime.
6 Equipara. Pronome possessivo.
7 Despidas. Apelido. Ovário dos peixes.
8 Musselina. Ocultar.
9 Asco. Que tem poros.
10 Irrite.
11 Roer. Estimava.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13688

HORIZONTAIS:
1 Asada. Babem.
2 PELA. BOCA.
3 Ala. Céu. Um.
4 Gávea. Goela.
5 Aiara. Airar.
6 Ba.
7 Cão. Om.
8 Ovar. Nas. Be.
9 Rer. Sal. Cai.
10 Riam. Neto.
11 Ea. Acamasse.

VERTICAIS:
1 Apaga. MORRE.
2 Selais. Vaia.
3 Alava. Cara.
4 Dá. Errar. Ma.
5 Caá.
6 Fé. O. Naná.
7 Uga. Além.
8 Ab. Oiros. Ta!
9 Bo. Eram. Cos.
10 Écula. Ba.
11 Mamar. PEIXE.

Provérbio: Pela boca morre o peixe.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9538

HORIZONTAIS:
1 Fabia. Forst.
2 Irão. Cara.
3 Sol. Com.
4 Emala. Achar.
5 Alim. Grolo.
6 Sa. Ois.
7 Nora. Oort.
8 Tia. Amo. Sor.
9 Er. Anoto. Lê
10 Lorpa. Achem.
11 Assa. Oaio.

VERTICAIS:
1 File. Entela.
2 Aroma. Oiros.
3 Basal. Rá. Rs.
4 Io. Lisa. Apá.
5 Cama. Ana.
6 Bo. Imo.
7 Mago. Ota.
8 Oc. Crio. Oco.
9 Ranhosos. Há.
10 Sr. Al. Rolei.
11 Tarro. Tremo.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
– Int. men. 13 a.
A FACE DO PODER

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
007 O AGENTE IRRESISTÍVEL

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
OS GRANDES COMBATES

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
14.ª Semana

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30, 21.30
n. ac. men. 18 anos
OPERAÇÃO DIAMANTES

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
14.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
PERIGO IMINENTE
3.ª Semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CONFLITO DE GERAÇÕES
Às 24
PARA ALÉM DA AVENTURA

CITY CINE .49999
R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
24.ª Semana
Às 23.45 **SOLARIS**

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
– Int. men. 13 a.
8.ª Semana
Às 24
MONTE NEGRO

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CARTAS DE AMOR

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO
3.ª Semana

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
SUPERSTIÇÃO

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
SÉRIE NEGRA
Às 24
NUCLEAR? NÃO OBRIGADO

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O FIM DA VIAGEM

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO
4.ª Semana

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ÚLTIMO COMBATE

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
HANGAR 18
Às 18.15 e 24
O ÚLTIMO MUNDO CANIBAL

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21 – N. ac. men. 13 a.
DOUTOR JIVAGO
c/ Julie Christie e Omar Sharif
2.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A ESTRANGEIRA
Às 24
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 21.30
Int. men. 18 anos
BIG-BOSS O IMPECÁVEL

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
VINGANÇA FORÇADA

A ESTRANGEIRA, um filme português de nível internacional em exibição no NIMAS

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
14, 15.45, 17.30, 19.15, 21, 22.45
FIM DE SEMANA SANGRENTO
Às 00.15
A FRONTEIRA DA VERGONHA

SALA 2
Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE
Às 23.30
O HOMEM QUE GOSTAVA DAS MULHERES

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
VIOLETTE NOZIÉRE

SALA 4
Às 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO
Às 00.15
O IMPÉRIO DA PAIXÃO

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Para Todos
LE MANS, ATALHO PARA O INFERNO

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANGELO
2.ª Semana

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
– N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
9.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
– Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
9.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
13.ª Semana

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA

STAR 887510
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
28.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
3.ª Semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.
5.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O seu último e melhor filme de sempre
O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA
c/ Romy Schneider e Michel Piccoli
7.ª Semana

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19, 21.30
– Int. men. 18 a.
FIM-DE-SEMANA SANGRENTO
Às 23.45
NÓS NÃO SOMOS ANJOS ELAS TAMBÉM NÃO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Christiane F.», às 21.45 (18
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Perigo na Sombra», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO – «Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)
CINE-ESTUDIO ACS – «Vida Parisiense», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «O Bordel Fantástico», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Mulheres em Foco», às 21.00 e 23.00 (13 anos)
ROYAL – «A Grande Bronca», às 21.30 (13 anos)
2000 – «O Grande Desafio», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Touro Enraivecido», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Piratas», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «A Última Perseguição», às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «O Dragão Vermelho», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «A Face do Poder», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «A Felina», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Na Calada da Noite», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Vietname, as Duas Faces da Guerra», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – «O Padrasto», às 21.15 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «A Tragédia de um Homem Ridículo», às 2130 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «E. T., o Extraterrestre» às 21.30 (6 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «A Guerra dos Gangsters», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Os Bandidos do Texas», às 21.30 (18 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «Cães de Palha», às 21.15 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «O Ás dos Ases», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «O Bar da Última Esperança», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «O 8.º Passageiro», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «O Dia do Perdão», ás 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Oliver Story», às 21.15 (13 anos)

Porto

TERÇO – «Esplendor na Relva», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «O Império Contra-Ataca», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Os Caminhos da Vida», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Força de Intervenção», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «A Estrangeira», às 21.45 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Reencarnações», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T. o Extraterrestre» às 21.45 (6 anos)
TRINDADE – «Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «O Vulcão», às 21.30 (13 anos)
ESTUDIO – American Gafittin», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «O Veredicto» às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «O Último Combate», às 21.30 (13 anos)
SAO JOÃO – «A Felina», às 21.30 (18 anos)
JULIO DINIZ – «Bobby», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa
PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Irmão & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **MARQUÊS DE POMBAL - METRO PICOAS: Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547355); **PAMPULHA: Hospital da CUF**, C. do Sacramento (T. 609111); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **ALTO DE ALGÉS: H. Amaral**, R. X, lote 146-A; **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); **PONTINHA: Pontinha**, E. Santo Eloi, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ANJOS - R. MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **JANELAS VERDES: S. A. E. Silva Filhos**, R. São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **MERCADO DO CHILE: Alcália**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDOA - COLINA DO SOL: Vidal Reis**, Quinta da Correia, célula G, lote 35, Urbanização Alfornelos, **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

teatros

Lisboa

ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «Anastas», às 21.30 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA – «A Marquesa de Sade», às 21.30 (13 anos)
PRIMEIRO ACTO – «Vigilância Especial», às 21.30 (18 anos)
VARIEDADES – «Há Mas São Verdes», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
A BARRACA – «Um Dia na Capital do Império», às 21.30 (13 anos)
ABC – «É Sempre a Aviar!» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
COMUNA – «A Castro», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 23.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO – «O Suicidário», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – Sala Experimental – «Crisotemis», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «Oratória», às 21.30 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
SEIVA TRUPE – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP – «Viver Com Porcos», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA: Sola, Loja D. 65. Permanente; **Nunes**, E. Serra Mira, Falagueira (T. 937543). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas, **QUELUZ: Serra & Pinto**, R. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 1o horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 921038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente.

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421O15). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737)); **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037) Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Outra banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7, (T. 229911). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. Almeida Garrett, 1 (T. 2074446). Permanente, **AMORA: Duarte Ramos**, Cruz de Pau. Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. Camões, 16 (T. 2311133); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). **SETÚBAL: Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 34. Permanente; **Higiénica**, R. Frei Agostinho da Cruz, 5. Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

LIDADOR, R. do Lidador, 265; **QUEIJA FERREIRA**, L. de São Pedro, 64, Campanhã; **SILVA PEREIRA**, R. de Costa Cabral, 293; **BOAVISTA**, R. da Boavista, 601, à Carvalhosa; **SOUSA SOARES**, R. Santa Catarina, 141.

DE DIA E TODA A NOITE

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS, R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO**, Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**, P. Mouzinho de Albuquerque, 78; **DA PRELADA**, R. Central de Francos, 316.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

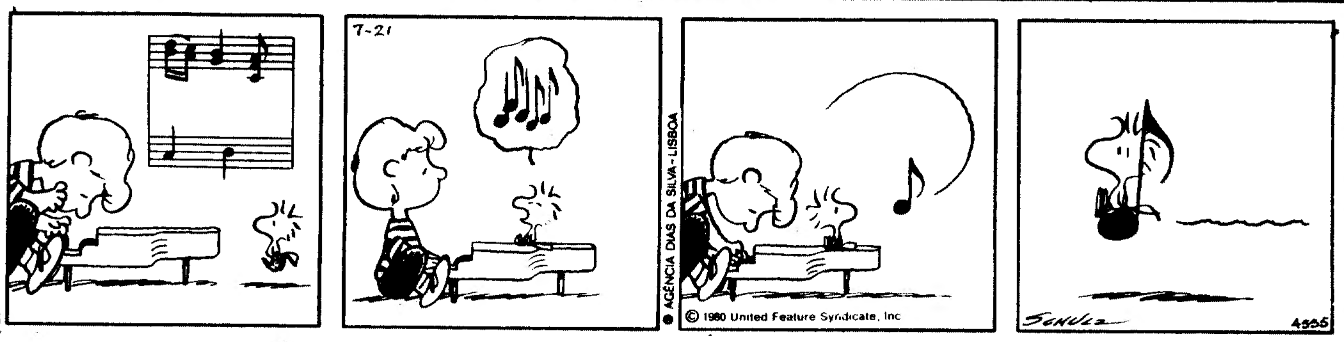
CRUZ & COSTA, R. A. Vasconcelos, 71-71-A, antiga R. Oriental Montarroio (T. 22715); **OLIVAIS**, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 72904).

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço da noite (depois das 21):
Portaria: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20254/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



tempo

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.13	4,0 m	10.54	1,0 m
17.28	3,9 m	23.12	1,0 m
Dia 19			
5.47	3,9 m	11.32	1,1 m
18.04	3,8 m	23.54	1,2 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

Bragança	8°
Vila Real	12°
Porto	16°
Penhas Douradas	12°
Coimbra	16°
Cabo Carvoeiro	13°
Portalegre	16°
Lisboa	16°
Évora	15°
Beja	14°
Sagres	15°
Faro	17°
Ponta Delgada	14°

PREVISÃO DO TEMPO PARA O DIA 19:
[illegible]

últimas

Avião da TAP aterra de emergência em Reims

O «Boeing 70/» da TAP que aterrou ontem à noite de emergência no aeroporto francês de Reims, com 51 passageiros a bordo, deverá chegar amanhã ao aeroporto da Portela – afirmou um porta-voz da transportadora aérea Portuguesa esta manhã ao «DL».

Uma avaria no reactor do «Boeing» obrigou o comandante do avião, Dagoberto Rio, a aterrar naquele aeroporto francês de Reims-Champagne, pouco depois das 20 horas. O avião fazia a ligação entre Francforte e o Porto, com 51 passageiros a bordo, e saíra menos de uma hora antes daquele aeroporto alemão.

Os seus passageiros eram todos portugueses e alemães e não se aperceberam dos problemas surgidos no «Boeing» nem, muito menos, dos contactos estabelecidos via-rádio pelo comandante do aparelho com a torre de controlo de Reims, permitindo a sua aterragem, um quarto de hora depois, no aeroporto de Champagne.

Os 51 passageiros foram levados, ainda ontem à noite, num autocarro da Câmara de Comércio e da Indústria de Reims para um hotel nos arredores do aeroporto parisiense de Roysy, de onde deveriam partir ao princípio da tarde de hoje num voo para Lisboa que ao fim da manhã ainda não estava determinado, ainda segundo a mesma informadora da TAP. Depois de aterrarem na Portela seguirão para o Porto, provavelmente ainda hoje.

Entretanto, seguiu hoje para Reims uma equipa da «Manutenção» da TAP a fim de aprontar o reactor do avião, bem como uma tripulação que pilotará o aparelho até Lisboa.

MENOS MIL CONTOS no património registou o locatário de uma residência situada na Quinta da Carreira em S. João do Estoril, assaltada durante a ausência do ofendido por alguém que utilizou chave para abrir a porta. O autor da subtracção danificou a escrivaninha onde as jóias e outras preciosidades se encontravam guardadas e demonstrou perfeito conhecimento do local. A Polícia procura agora descobrir quem usou a chave falsa e levou os valores.

PORTUGAL VAI ORGANIZAR em Abril, com o apoio da OIT, um encontro técnico sobre emprego e formação profissional com a presença de representantes dos países de expressão oficial portuguesa foi hoje anunciado em Lisboa. A iniciativa foi anunciada pelo secretário de Estado do Emprego, Artur Mota, ao regressar a Lisboa após uma viagem a Angola, Moçambique e Brasil, onde tratou da cooperação entre Portugal e esses países no campo da formação profissional.

Atraso vai ser de muitos meses

Falta de plano e orçamento da CML não chega à Assembleia Municipal

O caso do prédio n.º 21 da Rua Latino Coelho, cuja estabilidade se encontra ameaçada por escavações feitas lateralmente, foi ontem levado à Assembleia Municipal de Lisboa. Mas uma proposta da APU no sentido de que a CML embargasse de imediato as obras ali decorrentes não logrou vencimento dada a oposição da ex-AD.

Acontece que o conhecido advogado António Abranches Ferrão é um dos inquilinos do prédio em questão e cujo caso ontem descrevemos no «DL». E daí que tenha escrito uma carta enviada à Assembleia Municipal, dando conta das ameaças sentidas por quantos ali moram.

A curiosidade, sem dúvida, reside na recusa do embargo das obras, como dissemos suportada pela direita. A justificação para tanto resulta da falta de conhecimentos técnicos do signatário daquela carta. Os serviços técnicos da Câmara é que sabem...

O caso do prédio que caiu, fazendo dois mortos, na Avenida das Forças Armadas, recusando acatar o parecer dos mesmos serviços escudado nas palavras de Krus Abecasis, foi então recordado. Pode parecer anedota mas não é. Um homem do PSD disse na Assembleia Municipal que se tal acontecer na Latino Coelho lamentarão muito.

A Assembleia Municipal, ontem reunida essencialmente para acabar de aprovar um novo regimento, passaria grande parte do tempo em período de antes da ordem do dia e não logrou cumprir o objectivo determinado.

O regimento vai continuar, pois, a ser tema para mais uma reunião já aprazada para a próxima quinta-feira. Quanto ao debate de ontem, foi estranhamente pouco, havendo muita unanimidade para questões pouco polémicas.

Falta de plano ficou de fora

O tema porventura mais importante para a sessão de ontem foi aquele que acabou por não chegar a ser votado. Os homens da ex-AD, que ainda jogam em conjunto, não estavam interessados em que a falta de plano e orçamento para a Câmara de Lisboa fosse abordada no Palácio das Galveias.

O problema seria levado à Assembleia Municipal pela APU que pretendia fazer aprovar uma censura ao executivo por, no final de Março, ainda não ter enviado ao consultivo aqueles dois documentos da maior importância. Mais grave: eles ainda nem sequer foram aprovados pela vereação.

A discussão e votação da proposta da APU ficou pois adiada para a próxima sessão, sendo claro que vai motivar acesa discussão. Adiada, também, uma saudação proposta pela mesma força política relativa ao centenário da «Voz do Operário».

Uma proposta do PS ficaria, ontem, igualmente retida, pelos votos contrários da direita. A legítima preocupação quanto à segurança nos cinemas da capital (tendo por base o recente acidente de Turim) levou a que fosse proposta uma comissão, com um elemento de cada partido na AM, para estudar o que se passa entre nós.

A ex-AD entendeu que compete aos técnicos estudar esses problemas. Ao que o proponente por parte do PS responderia lembrando que o problema é tão simples quanto respeita à simples existência de portas, janelas, ou um buraco para que os espectadores possam fugir em caso de acidente.

Certo, certo, depois de tudo, parece ser que Amélia Rey Colaço vai ter o nome numa rua da freguesia dos Prazeres, onde morou alguns anos. Para tanto, nos termos do proposta aprovada, a Travessa do Olival poderá estar destinada a mudar de nome.

Navios da NATO em Lisboa coincidem com reunião no Algarve

A Força Naval Permanente da NATO (Stanavforlant), que entra no Tejo na próxima segunda-feira, integrará nos seus nove navios a fragata portuguesa «Comandante João Belo», disse à ANOP um informador militar.

A Stanavforlant chega a Lisboa precisamente no dia em que se inicia, no Algarve, a reunião dos ministros da Defesa dos países da NATO, e a sua permanência prolongar-se-á até 13 de Abril.

No dia 7 de Abril, pela primeira vez no historial da NATO, realiza-se em Portugal a rendição do comando da Stanavforlant, do comodoro MacNeil para o comodoro Streeter, cerimónia que será presidida pelo ministro da Defesa Nacional, Bayão Horta e com a presença de individualidades da Aliança Atlântica, o CEMGFA e os CEMS dos três ramos das Forças Armadas.

Integram esta força, unidades da Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, Holanda, Noruega, Reino Unido, República Federal da Alemanha e, à entrada do Tejo, a de Portugal, devendo as do Canadá e Reino Unido serem rendidas na mesma altura por outras dos mesmos países.

A Marinha portuguesa fará as reparações e beneficiações necessárias aos navios e, se necessário, recorrer-se-á a empresas nacionais de reparação naval.

Ao largo do continente vai desenvolver-se um exercício conjunto, considerado de «grande envergadura», com especial incidência em exercícios anti-submarino, envolvendo não só a Stanavforlant mas também uma força naval nacional.

Com eleições à porta Abono sobe 100 escudos

O Governo decidiu ontem aumentar entre 20 a 25 por cento o abono de família e as prestações complementares (para crianças e jovens deficientes), abrangendo estas os subsídios de nascimento, aleitação, casamento e funeral.

Esses aumentos entram em vigor no dia 1 de Junho e no caso do abono de família mensal passa de 450 para 550 escudos por um descendente; de 900 para 1.100$00 no caso de haver dois descendentes; de 1.420$00 para 1.650$00 quando há três filhos; e mais 750 escudos por cada descendente acima dos quatro (contra 600 escudos até agora). Assim, um casal com seis filhos receberá de abono de família quatro mil escudos por mês e um casal com oito filhos 5.500$00. Casos destes vão rareando, contudo.

Ainda neste último caso, o diploma ontem aprovado pelo Governo determina que sempre que os rendimentos ilíquidos mensais do agregado familiar forem inferiores a uma vez e meia a «remuneração mínima garantida à generalidade dos trabalhadores», o abono de quatro ou mais descendentes passará de 750 para 950 escudos cada.

O abono complementar mensal a crianças e jovens deficientes passa para 1.200$00 até aos 14 anos de idade; 1.800$00 até aos 18; e 2.400$00 até aos 24 anos, quando os actuais valores para aqueles três escalões são 800, 1.200 e 1.600 escudos, respectivamente.

O subsídio mensal para deficientes passa de 2.200$00 para três contos, o de nascimento de 5.500$00 para sete mil escudos, o de aleitação de 1.080$00 para 1.350$00 mensais, o de casamento de 4.800$00 para seis mil escudos e o de funeral de 6.500 para 8.500$00, isto é, mais de trinta por cento, para além de ser o que numericamente mais salta aos olhos.

O anúncio ontem feito do aumento do abono de família e prestações complementares verifica-se a pouco mais de um mês das eleições legislativas, embora os novos montantes só entrem em vigor mais de um mês depois.

Remoção considerada onerosa

Três navios afundados no Douro seguem as pisadas do "Tollan"

Alegando o elevado preço das empreitadas considerado «extremamente gravaso para o Estado português», o Estado-Maior da Armada suspendeu temporariamente os concursos para a remoção de três navios estrangeiros que, à semelhança do «Tollan», em Lisboa, constituem sérios obstáculos à navegação em águas do Douro, mais concretamente em Leixões, no Castelo do Queijo e junto à praia de Matosinhos. Os navios em causa são o «Sea Shepherd», o «Windward Trader» e o «Jacob Maersk», sendo este último o que se encontra há mais tempo naufragado, ou seja desde 1975.

Segundo conseguimos apurar, a decisão tomada pelo Estado-Maior da Armada tem como finalidade «reformular a metolodologia até agora seguida nos concursos, de forma a permitir adjudicar empreitadas em condições menos onerosas». A título de exemplo poderemos afirmar que para a remoção do «Jacob Maersk» seriam necessários para cima de duzentos mil contos.

Dos três navios o mais famoso é o «Sea Shepherd», então propriedade de um grupo ecologista liderado pelo jornalista canadiano Paul Watson, que, em 18 de Julho do ano passado, abalroou o baleeiro cipriota «Sierra», que se dedicava à pesca a cerca de cerca de 200 milhas da costa portuguesa. Levado para o porto de Leixões, o «Sea Shepherd» seria posteriormente dinamitado por Paul Watson e seus companheriso do grupo «Fund for Animals», sob a alegação de que as autoridades portuguesas eram completamente incapazes de assegurarem a protecção do navio, ao mesmo tempo que exigiam uma fiança de 750 mil dólares para procederem à sua libertação».

Entretanto, em 9 de Fevereiro de 1980, o «Sierra», que já foi posto a fluturar em fins de 1982, seria igualmente afundado pelos ecologistas no cais da Docapesca para onde fora transportado.

Almerindo Marques por Silva Marques

Por um daqueles lapsos que os jornais, por mais que se esforcem, não conseguem evitar tanto quanto desejariam, publicámos ontem, na página 5, a foto de Almerindo Marques (que também é Silva), do PS, por troca com a do deputado do PSD, Silva Marques autor das declarações confiadas ao nosso redactor, a propósito das perspectivas eleitorais para o distrito de Leiria.

As nossas desculpas e Almerindo Silva Marques, a Silva Marques e aos leitores.